

# ESCRITA

Ano II Nº 18 1977 Cr\$ 15,00

Revista Mensal de Literatura




---

## ADELAIDE CARRARO: LITERATURA POPULAR OU LIXO

DE MARIA LÚCIA  
AMARAL, A MELHOR  
ESTÓRIA INFANTIL

SIM SINHOR,  
INHOR SIM,  
O ENCARTE DO MÊS

UM TEXTO  
INÉDITO DE  
SÉRGIO SANT'ANNA

NA PÁGINA 42,  
O TRABALHO DA  
IMPRESA NANICA

Cr\$ 20,00 em Manaus, Santarém, Boa Vista, Altamira, Porto Velho e Rio Branco (via aérea)



# ESCRITA

Editor  
Wladyr Nader

Conselho de Redação  
Astolfo Araújo  
Hamilton Trevisan

Arte  
José Américo Mikas

Publicidade  
Sônia Maria Audi

Secretaria  
Márcia De Felice

Colaboradores  
Antônio Dimas  
Dennis Toledo  
Marco Aurélio Nogueira  
Moacir Amâncio  
Roniwalter Jatobá de Almeida  
Y. Fujiyama

## Representantes

*Rio*  
Antônio Torres  
Flávio Moreira da Costa

*Porto Alegre*  
Antônio Hohlfeldt  
Belo Horizonte  
Dufflio Gomes

Luiz Fernando Emediato

*Brasília*  
Ana Lagoa  
Niterói

Júlio César Monteiro Martins

*Curitiba*  
Reinoldo Atem  
Florianópolis

Raimundo Caruso

*Recife*  
Nagib Jorge Neto  
Natal

J. Medeiros  
Jarbas Martins

*Teresina*  
Cineas Santos

*Rio Branco*  
Clodomir Monteiro

*Paris*  
João Natali

*Londres*  
Maria Amélia Mello

Uma Publicação da  
Vertente Editora Ltda.  
Rua Monte Alegre, 1434  
Fone: 62.3699  
05014 - São Paulo (SP)

Assinaturas  
(por vale postal  
ou cheque visado)  
anual: Cr\$ 180,00  
(com direito a  
três números atrasados)  
semestral: Cr\$ 90,00  
(com direito a  
dois números atrasados)  
Números atrasados  
Cr\$ 15,00

Distribuição  
Abril

Composição/Impressão  
Pat-Publicações  
e Assistência Técnica Ltda.  
Rua Dr. Virgílio de  
Carvalho Pinto, nº 412  
Fone: 853.7461

Registro na D.C.D.P.  
do D.P.F. sob o nº  
1464 - P. 209/73

# PAUTA

Este será um ano decisivo para a literatura brasileira. Em 1976 dezenas de publicações espalhadas por todo o país deram o ar de sua graça, lançando prosadores e poetas que se sentiram animados a engrossar a nova onda. Quer dizer, apesar da precariedade da distribuição, quem queria escrever escreveu e, em muitos casos, publicou, e quem queria ler acabou dando um jeito de descobrir revistas especializadas e jornais, empilhados em bancas e livrarias. Para que essa literatura inquieta e corajosa que está se fazendo no Brasil atinja um público menos afeito à literatura, é preciso que os escritores também discutam seus problemas comuns: a legitimidade da criação é um deles, mas há outros mais práticos, que nem sempre se resolvem em mesas de bar, como a procura de novas alternativas para a veiculação e a venda do livro, ainda sufocado pelos mecanismos tradicionais de distribuição. (WN)

“A fome é a dinamite do corpo humano.”

“Vão erigir uma estátua ao burro; é que o burro não critica o alcaide. Não reclama salário, não faz greve, não aumenta subsídio, não faz questão de vencimentos, não visa melhor honorário e é feliz porque come capim.”

“Não é acumulando ouro que um país está elevando-se; é acumulando nos corações compaixão com a classe pobre.”

“As canetas e os lápis dos tolos são os revólveres.”

“Um leigo mau é tolerável. Um intelectual mau é insuportável.”

“Há os que dizem: vá plantar batatas. Mas nem todos sabem plantar.”

“Não devemos perder a força moral, porque a opinião pública é como arco de pua.”

“Nós estamos em guerra, lutando contra o pior inimigo da história, que quer ser invencível: o custo de vida.”

“Um país pode ser muito grande. Mas, se o povo é inculto, o país tem tamanho de uma casca de noz.”

“O maior espetáculo para o pobre da atualidade é ter o que comer em casa.”

“Não devemos confundir a paciência do povo com idiotice”. (Do livro “Provérbios”, de Carolina Maria de Jesus, autora de “Quarto de Despejo” e “Casa de Alvenaria”. A ex-favelada Carolina morreu dia 13 de fevereiro, em São Paulo).

## Índice

- 3 - **Entrevista:** com Adelaide Carraro
- 10 - **Livros:** as impressões dos críticos e dos leitores
- 11 - **Livro encartado:** “Sim Senhor, Inhor Sim. Pois Não...”, de Antonio Possidonio Sampaio, vencedor do I Concurso Escrita de Literatura - Romance
- 35 - **Prosa:** conto de José Júlio de Azevedo e texto inédito de Sérgio Sant’Anna
- 38 - **I Concurso Escrita de Literatura - História Infantil:** resultado
- 42 - **Informação:** notícias e comentários
- 43 - **Cartas:** a opinião dos leitores/ **Registro:** regulamento do concurso mensal e candidatos.

## ADELAIDE CARRARO, UMA MULHER DE DOIS MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS



por

Wladyr Nader

*“Os meus livros são reais, verdadeiros, é a verdade nua e crua. Acho que nem é literatura o que eu escrevo”, diz Adelaide Carraro, paulista de Vinhedo, idade ignorada mas presumível, orgulhosa de uma marca que poucos autores brasileiros podem ostentar: dois milhões de exemplares vendidos de 22 livros publicados entre 1963 e 1976.*

*Mas não é só esse o motivo do orgulho dessa descendente de italianos, que já trabalhou com Sílvio Santos e vive pacatamente numa casa alugada por Cr\$ 2.300,00, em Vila Guilherme, São Paulo. Hoje ela se sente uma mulher respeitada, “que teve a coragem de escrever aqui, neste Brasil, em que ninguém lê” e descobrir “um método de fazer com que o povo lesse”, mostrando “o que existe de histórias e problemas sociais, contando a vida deste ou daquele cidadão e os podres escondidos da sociedade.” Economicamente, porém, essa autora que vendeu mais de 400 mil exemplares só de “Eu e o Governador” se acha injustiçada: enquanto em 1975 recebia Cr\$ 180 mil de direitos autorais hoje recebe menos, porque 11 dos seus livros foram proibidos. “São leis”, desabafa Adelaide Carraro. “Em todo lugar que você vá existe uma lei. Lei de trânsito, lei disso, lei daquilo. Ao menos o pensamento podia ser livre, né?”*

WN — Quem é Adelaide Carraro?

AC — Adelaide Carraro sou eu, uma mulher que teve a coragem de escrever aqui, neste Brasil, em que ninguém lê, e que achou que descobriu um método de fazer com que o povo lesse, que é mostrando a verdade verdadeira, sem subterfúgio, mostrando assim, de cara a cara, o que existe de histórias e problemas sociais, contando a vida deste ou daquele cidadão e os podres escondidos da sociedade. O povo brasileiro não lê, não conhece a sociedade, então a gente mostra a ele o que é a sociedade, desse caso assim de Cabo Frio. Aliás eu já falei muitas vezes, o Ibrahim Sued me maltratou porque eu disse, na "Falência das Elites" e em outros livros, o que existe lá atrás da cortina, porque geralmente só algumas pessoas brasileiras conseguem ultrapassar essa cortina de seda, de veludo, coberta de ouro. Então eu chego lá, abro a cortina e mostro. Daí sai uma escritora que todo o mundo gosta.

WN — Como é que você publicou o primeiro livro? Que é que você fazia na época, tinha um emprego?

AC — Eu era funcionária da Secretaria da Saúde.

WN — Em que ano foi isso?

AC — Foi em 63. Eu resolvi escrever o "Eu e o Governador" para mostrar o problema do ex-tuberculoso pobre e das pessoas inocentes, das mocinhas que chegavam assim dentro da cidade grande e então eram espezinhas, maltratadas e iludidas por certas pessoas. E para mostrar também um problema, que era o sexo dentro do Palácio, como existe sexo dentro da Casa Branca. Naquele tempo diziam que os deputados também tinham força e se consideravam uns reis, né? Agora os coitados estão tudo na pior.

WN — E o segundo livro qual foi?

AC — O meu segundo livro foi "Falência das Elites", que apreenderam na gráfica, nem tinha capa. Estava pelado ainda e foi apreendido.

WN — Quando foi isso?

AC — 64.

WN — Quer dizer, um ano depois do outro. Como é que é a "Falência das Elites"?

AC — A "Falência das Elites" é o problema da moça que pensa que o negócio é ser badalada, é ser endeusada pela imprensa, pelos cronistas sociais ou pelos programas assim tipo Miss Brasil, então essas moças são vendidas, elas chegam pensando que é uma coisa mas acabam se prostituindo ou sendo assassinadas ou ficam doentes tuberculosas num sanatório, e aí eu contei um caso assim.

WN — De uma pessoa conhecida sua?

AC — De muitas. São diversas histórias de pessoas conhecidas da sociedade brasileira.

WN — Depois você publicou o quê?

AC — "Eu Mataria o Presidente".

WN — Em que ano?

AC — 64, 65, me esqueci. É um livro sobre o problema social da criança dentro de um asilo do governo, que nesse caso era eu, né? Teve criança do asilo do governo que chegou ao Palácio para brincar com as crianças do governador e então, já com 12, 13, 14 anos, sentiu a diferença de classes dentro dele. Era todo aquele tratamento, aquela coisa diária que engana a criança de pequena, ela cresce dentro de um ambiente cheio de esperança, mas encontra uma enorme barreira pra conseguir estudar, pra conseguir ter saúde. É um livro sórdido, é o único que a Censura deixou em liberdade, sem mexer com ele.

WN — E os outros?

AC — Prenderam livros meus porque têm sexo. Agora esse que conta o que sofrem as crianças em asilo do governo, que era o que deviam esconder, deixaram aparecer por todo lado. Eu já escrevi 22 livros, e tenho 11 proibidos.

WN — Você falou que foi parar num asilo do governo, não é verdade? Conte um pouquinho de sua história particular, quem é você, onde nasceu?

AC — Eu nasci na cidade do interior paulista que chama Vinhedo hoje, antigamente chamava Rocinha. Sou filha de italianos, meu pai era italiano, meus avós eram italianos, vieram pro Brasil no tempo que vieram aqueles imigrantes todos, não sei que ano. Meus avós foram embora pro interior, pra roça. Meu pai era roceiro, casou com minha mãe, que era mulher da cidade, aqui do centro, como é que chama aquela avenida no Brás?

WN — Rangel Pestana?

AC — É, na avenida Rangel Pestana, tinham casa de móveis lá, meu tio tinha carro, casa, quando ele andava com o carrinho todo o mundo ia atrás para espiar o carrinho dele, sabe, aquela baratinha que tem um lugarzinho atrás. Minha avó, mãe da minha mãe, tinha uma casa de turismo, de passar as férias, lá em Itatiba, e lá meu pai conheceu minha mãe, porque a minha mãe foi lá e ficou na janela, naquele tempo as mulheres ficavam na janela, com os cabelos compridos assim, né, e os homens ficavam apreciando os cabelos compridos das mulheres. Daí meu pai andava a cavalo e passava a cavalo lá e gostou dela e ninguém queria que ela casasse com ele, porque ele era um italiano analfabeto, pobre, roceiro, mas ela bateu o pé, né, e casou com ele e depois foi morar na roça, sofreu o diabo e daí nascemos nós, os nove filhos dela, depois ela morreu de parto, porque naquele tempo não deu tempo de ir buscar o médico, era um médico chamado dr. Pimenta, era muito difícil pra ir buscar, tinha que ser a cavalo, quando ele chegou mi-

nha mãe tinha morrido de hemorragia. Nós fomos criados pelo meu pai, ele arranjou uma bruta duma casona de madeira daquelas fazendas bem antigas, botou todos os filhos lá em cima, no primeiro andar, e embaixo morava vaca, cabra, cabrito. Então de noite eles subiam as escadas, galinhas, porcos, todos os animais subiam as escadas, andando por aquele bruta casarão, nem tinha móveis, só uns movezinhos insignificantes. As minhas irmãs punham meu irmãozinho, que era pequeno, que era meu irmão Mário, pra dormir, meu pai tava na roça trabalhando, davam até vinho pra ele não amolar, pra elas irem brincar. A gente fazia ninho da palha pra ficar dentro das árvores, não sei se você já brincou de ninho de palha, a gente fazia assim no interior, trepava nas árvores, ia passear no bosque, quer dizer, fui uma criança que vivi com muita liberdade, no verde, nas flores, nas grutas, junto com os animais, tive uma infância muito boa apesar de não ter mãe, foi uma infância muito assim perto da natureza.

WN — Com que idade você estava quando sua mãe morreu?

AC — Eu ia fazer dois anos. Quando meu pai foi assassinado lá no interior fui internada no asilo do governo. Meu pai foi assassinado para defender um galo que era nosso, um homem levou o galo, foi botar na rinha, e aí meu pai foi defender o galo e mataram ele, foi aquela briga toda quando mataram meu pai, a gente ficou sem, ficou órfã e aí ninguém queria. Depois as minhas tias que estavam mais ou menos bem não quiseram a gente, eram muitas crianças, já pensou, com aquela falta que tinha antigamente. Aí a gente foi parar no asilo do governo e logo as crianças começaram a me bater, eu comecei a chorar, então a vigilante falou uma coisa que eu nunca me esqueço: *Olha, menina — eu ia fazer cinco anos — aqui você tem que se defender. Quando as outras meninas lhe batem, lhe puxam os cabelos, você tem que retribuir, não adianta ficar gritando e berrando, que ninguém vai te acudir.* Então eu fui uma criança que sempre aprendi a me defender de tudo sozinha, né? Como hoje estou me defendendo da Censura, do DOPS, etc.

WN — Quanto tempo você ficou no asilo?

AC — Até fazer 18 anos.

WN — Lá dentro você estudou?

AC — Estudei primário, estudei piano, estudei flor, estudei corte e costura e já estava quase pra terminar o ginásio. Sou formada em lã e negócio de corte e costura, sei lá, no Liceu de Corte e Costura. Estudei tudo isso porque antigamente, no meu tempo de criança, a gente estudava artes domésticas. Não era assim como hoje, estudar pra sair de casa, pra trabalhar, etc. e tal. Então eu estudei essas coisas aí que eu falei, por-

que a diretora do asilo achava que a gente tinha que trabalhar em coisas de dentro de casa, que a gente ia casar, ia ter marido, ia ter que cuidar dos filhos. Mas as crianças eram muito maltratadas, tinha uma tamanha promiscuidade. Era tudo mentira que a da. Leonor Mendes de Barros, o Ademar de Barros, cuidavam da gente, era só pra eles saírem no jornal. A gente passou as piores torturas do mundo e quase toda criança saía tuberculosa de lá, inclusive eu. Aí eu fui pro Sanatório Campos do Jordão, depois fui trabalhar como funcionária pública.

WN — Você ainda é funcionária pública?

AC — Eu vi tanto sofrimento no sanatório em que eu fui trabalhar, o do Mandaqui, os tuberculosos sofriram tanto, que eu renunciei ao meu cargo de funcionária pública.

WN — Quantos anos você ficou nisso?

AC — Cinco, vi muita coisa lá, achei que não agüentava. Um dia eu entrei no sanatório e as minhas pernas até bambearam quando eu vi um doente se enforcar. Todo dia tinha cinco ou seis cadáveres no necrotério e eu era obrigada a ir até lá pra descrever que tipo de cadáveres havia, aquela estória toda. Uma vez entrei no necrotério e vi um mocinho que eu ajudava muito, sabe, chamado Zezinho. Ele era um coitadinho, não tinha nem 17 anos, passava por uma porção de problemas, acho que era louco, sei lá, e ele se enforcou. Eu quis sair correndo do necrotério, gritando, mas as minhas pernas ficaram durinhas; pregadas no lugar. Eu comecei a berrar, a berrar, e um enfermeiro foi lá me acudir, mas eu não conseguia andar, não sei o que foi, depois me disseram que era o espírito dele que me pegou, sei lá, sabe, eu senti as pernas pesadas. Aí eu falei, sabe duma coisa, o negócio é renunciar a esse negócio, porque, já pensou ver todas aquelas misérias, chegava em casa deprimida, não comia, não sentia mais, não via mais azul, não via mais o sol, nem a beleza das árvores, não conseguia ver nada. Só conseguia ver aquelas imagens horríveis dentro da minha mente. Aí eu larguei o meu cargo e fui ser pintora, porque eu sou pintora, né, de quadros a óleo, mas eu sou assim, autodidata, né?

WN — Você vende seus quadros?

AC — Bom, fiquei dois anos pintando e vendendo quadros.

WN — Dava pra sobreviver?

AC — Deu pra sobreviver, porque eu procurava meus amigos milionários. Eu chegava lá, batia na porta, os quadros embaixo do braço, contava estórias que eu estava passando fome, e era verdade, né, aí eles compravam, o Jafet, o Olavo Fontoura, o Matarazzo.

WN — Como é que você ficou amigo desse pessoal?

AC — O Olavo Fontoura eu conheci num avião. Depois eu arranjei um rapaz que era doente lá em Campos do Jordão junto comigo, e esse rapaz era rico, a gente uniu os trapinhos, sabe, a gente ficou assim, ele ficou me sustentando porque eu já não era mais funcionária pública, mas sem nada, né? Ele começou a me ajudar, aí eu fiquei no Rio de Janeiro um tempo e foi quando eu conheci o Olavo Fontoura no avião. O Olavo Fontoura me apresentou um monte de gente da alta sociedade, pra eu vender meus quadros, me comprou tinta, me comprou tela, me comprou cavalete, tinta inglesa, me mandava caixas de tinta, então eu estava na melhor, né, fiquei satisfeita, pintava uns quadros bacanas. Tudo o que eu sentia dentro de mim, no espírito, eu levava pra tela, mas aí comecei a me dar alergia pela tinta, por causa do fígado, sei lá se era tinta inglesa que me dava alergia, ficava três, quatro dias sem enxergar. Aí o médico proibiu, então eu fiquei só com esse rapaz. Ele me organizou um apartamento, mobiliou tudo direitinho, aí fui morar com ele. Acontece que não dava pra viver daquele jeito, com horário, sem liberdade, porque ele morava no Rio, eu morava em São Paulo, então a gente não era nem casada nem solteira, nem nada. Ele resolveu casar e eu não quis, porque já achava que a liberdade valia muito mais do que o casamento. Ele foi num cartório aqui em São Paulo, deixou a carteira de identidade, os papéis todos assinados, e disse que era pra eu ir dar andamento nos papéis, com duas testemunhas, ele foi embora pro Amazonas. Bem, eu não tive coragem de dar andamento nos papéis pra casar, mas sei que mulher casada a sociedade aceita diferente. Achei que a minha liberdade valia muito mais que o casamento, porque eu sei que casada eu teria que seguir, que obedecer o marido, né, ele não ia querer que eu fizesse muitas coisas. Eu tinha que obedecer, porque tenho a mentalidade assim, casada é casada, nunca teria pensamento de trair o marido ou coisa que o valha, então eu preferi não casar. Resolvi fazer então um diário de quando eu estava no Mandaqui, que eu vi todas aquelas misérias, contando o caso de um governador de São Paulo.

WN — Você se inspirou num certo governador, não é?

AC — É, num governador de São Paulo. Não é bom botar o nome, não, porque hoje em dia está tudo tão assim depois da revolução, a gente não pode falar nada que os caras já querem processar a gente, chega de processos, eu já estou cheia de processos. Quando o Jânio Quadros renunciou à Presidência da Repúbli-

ca, ele entrou pra ser candidato outra vez e uns jornalistas quiseram comprar o meu diário, me davam um dinheirão por ele. Esse diário que eu tinha é que é o livro "Eu e o Governador". Eu não quis vender pra sair assim em jornal pra não ser envolvida em política. O Jânio Quadros, o Carvalho Pinto e o José Bonifácio eram candidatos a governador do Estado e eu não quis envolver o que eu achava que era um problema gravíssimo social pra ganhar dinheiro. O jornalista que leu os primeiros capítulos disse: *Adelaide, você é um grande libelo, uma grande acusação, é uma coisa que o governo devia de tomar providência*. Então a gente lançou "Eu e o Governador" contando todas aquelas misérias de dentro dos sanatórios.

WN — Por que "Eu e o Governador"? Você é uma das personagens do livro?

AC — E, eu era a personagem, eu gostei do governador, fiquei assim atrás dele, feito uma ignorante, sabe? É criança, um daqueles amores que a gente tinha de novela, aqueles amores de romance.

WN — E ele?

AC — O governador é escondido, é segredo, não posso contar. Se não você não vai vender nem tua revista, te prendem a revista. Então, o governador fica embutido. Mas eu amei o governador, ajoei aos pés dele, pedi pelo amor de Deus pra ele me amar, aquela coisa, né?

WN — Quantos anos você tinha na época?

AC — Eu tinha uns 22 anos, não é 22 anos de hoje, não, porque antigamente 22 anos eram 22 anos, a gente era romântica. Hoje em dia, 22 anos é velha, porque a mocidade agora já começa a viver muito com 12, 13 anos, já sabem tudo, já querem tudo, já se pintam, já saem pras buates, já aumentam a idade. Então as pessoas são assim, né, e no meu tempo não, no meu tempo a gente era tão romântica...

WN — Você acabou casando?

AC — Não casei não, não quis casar, depois tive mais três noivos, mas eu nunca quis me casar.

WN — Você tem filho?

AC — Só de criação. Eu nunca quis meus filhos, porque sempre que eu ficava grávida eu tinha problemas de instabilidade. Então eu não ia botar um filho no mundo pra andar atrás de mim e já sofrer. Toda vez que eu ficava grávida eu procurava dar um jeitinho assim pra eu não ter o filho, você entende? Não deixava crescer muito. Eu não queria que outra vida se arrastasse nas minhas amarguras. Dizem que mãe é mãe, mãe faz isso, mãe trabalha, se sacrifica pelo filho, mas eu não acho que se sacrificar pelo filho é ser mãe, eu acho que ser mãe é não deixar o filho sofrer assim, já botar no mundo sa-

bendo que vai sofrer, porque depois a gente tem que se sacrificar, aí ele tem trauma. Por isso estou criando este meu filho que está com nove anos, criei uma menina que já casou, parece que está morando na França, foi embora, desapareceu nesse mundo.

WN — E você criou essa moça por quê?

AC — Criei ela 12 anos, peguei num asilo, criei uma menina de cor, depois se envolveu com uns hippies, quis ter liberdade demasiada, casou com um uruguaio e foi ter a vida dela.

WN — E você não tem mágoa disso?

AC — Não, não tenho mágoa não, porque ela sempre precisou de mim assim como manutenção, né, material e espiritual. A mentalidade dela era de liberdade. Já esse menino de nove anos que eu estou criando é uma coisa inteligente, ouviu, ele sabe tudo, é uma coisa do outro mundo, então um menino da idade dele sabe hoje mais do que sabia um homem de 40 anos no meu tempo. Eu não casei, não tive filhos por isso, porque eu nunca tive uma vida estável. Agora, o marido que eu pretendi uma vez me deu um enxoval superbacana, esta aliança de brilhantes, tudo. Ele era formado em ciências e letras, rapaz também que foi doente e eu conheci no sanatório, agora ele casou com a filha do governador lá do Paraná, Santa Catarina.

WN — Você vive com mais alguém?

AC — Eu vivo com minha empregada, com meu sobrinho, que é esse menino que eu estou criando, com meus sete cachorros e com meus três gatos.

WN — Sete cachorros e três gatos?

AC — Sete cachorros e três gatos e todo mundo que vem pra pedir pouso. Agora mesmo criei um nenezinho de um até oito meses. Quando ela estava bem grandinha, com bastante saúde, eu arrumei onde mandar a menininha, onde ficar, entende? Então eu já criei muita criança, passa muita gente pela minha vida. E depois eu organizei a vida de mais ou menos seis crianças, no tempo em que meus livros não estavam proibidos, eu vendia muito bem, cuidava delas em Campos do Jordão. Vestia, dava remédio, alimentação. Tem mais outras quatro aqui em São Paulo que eu ajudava, agora não ajudo mais porque não tenho dinheiro.

WN — Você mora onde?

AC — Na Vila Guilherme, numa casa alugada, pago Cr\$ 2.300,00 por mês.

WN — Mas tem propriedades?

AC — Não, agora não tenho mais, porque eu tinha uma casa em Campos do Jordão e um apartamento na Consolação, mas no fim de 75 ou co-

meço de 76 eu vendi pra sobreviver. Já pensou, todos os livros apreendidos e você sem idéia de escrever, sem poder escrever.

WN — Por que seus livros foram apreendidos?

AC — Porque a Censura acha que são contra os bons costumes, são imorais.

WN — E você o que acha?

AC — Eu acho que são livros reais, que contam uma verdade, são livros que o povo aceita, que o povo não é besta, não quer saber mais de estorinhas. Você vê, esses filmes que passam são bem eróticos e a Censura deixa, sei lá, comigo acho que é perseguição.

WN — Quantos livros você já vendeu?

AC — O que mais vendeu foi "Eu e o Governador", porque foi o primeiro e está vendendo até hoje, parece que está na 12ª edição, agora está esgotado outra vez.

WN — São cinco mil por edição?

AC — Cinco, sete, dez, o editor que resolve.

WN — Você não tem idéia do que vendeu do primeiro?

AC — Vendi uns 400 mil já.

WN — Do "Eu e o Governador"?

AC — Do "Eu e o Governador". Só que ele começou baratinho, Cr\$ 3,00, Cr\$ 7,00.

WN — E hoje quanto está custando?

AC — Acho que Cr\$ 50,00, não estou bem a par.

WN — E os outros livros?

AC — O que mais vendeu bateu um recorde, foi "De Prostituta a Primeira-Dama". O editor fez 10 mil, vendeu em dois dias. A Censura foi lá e pegou toda a nova edição, no terceiro dia.

WN — Quantos exemplares ele vendeu até hoje?

AC — Só aquela edição, aqueles 10 mil.

WN — Dois dias, 10 mil exemplares. Está bom.

AC — Agora "Eu e o Governador" ficou em 1º lugar, passou "Gabriela, Cravo e Canela" e o "Quarto de Despejo", da Carolina Maria de Jesus. Esteve em 1º lugar 15 meses.

WN — Em que lista?

AC — Do Brasil todinho, antigamente faziam lista, uma lista que não era paga, né, porque agora a turma fala assim, meu livro está em 1º lugar, mas o editor pagou pro jornalista botar em 1º lugar.

WN — Todos os seus livros têm mais de uma edição?

AC — Todos todos.

WN — E você não tem idéia de quantos livros vendeu no total?

AC — Não.

WN — Já vendeu uns dois milhões de exemplares?

AC — Mais. "Submundo da Sociedade" foi um livro que a editora fez 13 mil exemplares e vendeu num mês. Agora "A Verdadeira Estória de um Assassino" é o livro que o público mais analisa, não sei se é o que mais gosta. Recebemos muitas cartas de estudantes de psicologia sobre "Mãe Solteira" e sobre "A Verdadeira Estória de um Assassino" principalmente, porque a característica do povo hoje é a violência, ele gosta de violência, sangue, essas coisas fortes. O livro é a estória de um assassino que contou por que ele deflorou e matou uma menina de 15 anos e arrumou mais dois capangas pra ajudar a matar. E matou mais umas 10 pessoas por aí.

WN — Está na hora de perguntar o que você entende por literatura?

AC — Depende, né? Vamos supor, você pega uma pedra, analisa aquela pedra e faz aquela literatura falando do que acontece com aquela pedra, que é cinzenta, que tem uns buracinhos assim, que rola, que rebrilha diante do sol, que desaparece com a luz da noite e que de manhã toma outras formas, vai clareando o dia, as estrelas vão sumindo no céu, então ela vai tomando aquela forma, quer dizer, então você fala muita coisa e floreia, como um livro que eu gosto muito de ler, é do Oscar Wilde, "O Retrato de Dorian Gray". Eu gostaria de escrever como ele, ele pega uma cadeira e diz que a cor é nevoenta, que é toda feita de veludo, bordada com florzinhas rococós, com a asinha do anjo assim, quer dizer, ele explica uma cadeira, então você tem cinco páginas, seis páginas pra cadeira que ele descreve.

WN — É disso que você gosta?

AC — Não, eu acho que a literatura assim, analisando uma flor, é a literatura clássica.

WN — E a atual?

AC — Agora, a atual, a minha literatura é atual, é assim como você vê um livro clássico, não, um quadro de Renoir, de Gauguin, de Rafael, de Klee, sei lá, de um monte dos grandes pintores, de Rubens. Você vê um quadro, principalmente de Renoir, ele pinta então o vestido da menina de organdi, é lindo, parece um organdi de verdade, então tem aqueles desenhos na rendinha, é um espetáculo. Então parece que é uma fazenda que está na vitrine, é um quadro clássico. Você vê a menina perfeita, os dentinhos, os olhos, tudo. Depois você pega um quadro do Portinari ou, sei lá, um outro quadro assim, de impressionista, então você já vê que é assim um quadro que você ainda vai adivinhar o que é, né? Então a literatura é assim: o livro clássico é o quadro impressionista e o livro moderno uma coisa bem diferente, porque você mostra os mínimos deta-

lhes da coisa sem florescer. O cara chega e fala assim: "Pô, estou de férias, vou pra onde? Ah, vou escolher Cabo Frio, pra ver esse caso do crime, a mulher da sociedade Angela Diniz foi assassinada." Pô, mas Angela Diniz ergueu uma vez a mão de um outro amante pra matar um negro. Então é isso aí, tou achando que levantou a mão pra armar, mandou um amante dela pegar um revólver, matar um negro inocente, então ela tá levando agora o que ela merecia, coisas assim, você entende? Então é assim, contando cara a cara a verdade do sexo, como aconteceu com "Mãe Solteira", por exemplo. Tem um jornalista que é cronista social do Estado de Goiás que disse: "nunca vi tamanha falta de gosto do que esse livro "Mãe Solteira". Eu também acho que é falta de gosto, tudo que é mau assim arpeja a gente, tudo que aterra, que assusta. Porque uma mãe solteira, que tem um filho hoje em dia, que vai no hospital, dá um pacote de jornal e dentro tá o filho morto, é um mau gosto, né, mas acontece que o mau gosto é do governo, da sociedade que não cuida dessas pessoas que tem necessidade de amparo material, não é mesmo?"

WN — Está bem, agora diga como foi que você chegou a escrever, que livros leu?

AC — Eu nem sabia que ia ser escritora, porque eu nunca procurei ser escritora. Eu pego um problema social, por exemplo, a injustiça que há dentro do Brasil com o negro — um negro foi proibido de ser médico num sanatório — ou uma menina que foi filha de gente pobre, que um milionário engordou e vendeu, quebrou os braços, fez a menina tuberculosa, e, pronto, boto no livro.

WN — Então a sua é uma literatura de denúncia?

AC — É denúncia, literatura de denúncia, literatura verdadeira. Na hora em que eu escrevo eu procuro os casos. Tem muita gente que grava para mim o caso que eu boto no livro, né, conta *aconteceu isso comigo, aconteceu aquilo, eu fui necessitada*, daí eu escrevo.

WN — Você nunca imagina uma história sem se inspirar numa experiência concreta?

AC — Não, estória inventada é muito difícil, sei lá, acho que eu poderia escrever ficção mas ficção é uma coisa que eu não tenho jeito pra escrever, não. Eu vou buscar o que pra escrever? Os outros já usaram tudo.

WN — Se o que você faz não é ficção, como pode ser classificado o seu trabalho? Como uma espécie de jornalismo?

AC — Os meus livros são reais, verdadeiros, é a verdade nua e crua, acho que nem é literatura o que eu escrevo. É contar os problemas sociais. Muitos críticos falam assim, *pô, ela nem escreve, ela fala umas bes-*

*teiras, conta uns casos*, então essas pessoas sabem que são reais, como o Ibrahim Sued, que meteu o pau em mim quando eu fui lançar "Eu e o Governador". O Ibrahim sabe que é verdade, que ele mesmo tá passando agora, que do crime lá de Cabo Frio ele foi proibido mesmo de falar. Ele também botou assim às claras que o Chiquinho Scarpa duvidou da virgindade da Carolina de Mônaco. O Ibrahim se divertiu com aquilo, então ele se divertia com um problema que ele estava sabendo que o Chiquinho poderia sair mal. Pra você ver a moral da alta sociedade, daí é isso que eu escrevo, a imoralidade da alta sociedade. O operariado, a baixa sociedade, não tem isso. E a classe média tem moral mais elevada do que a alta sociedade, porque não é escondida. De um modo geral, eu acho que a classe média tem mais moral porque não conhece outras coisas, não conhece a vida assim da sociedade da Europa.

WN — Você não pode ser acusada de esquerdista por criticar a alta sociedade?

AC — Já acusaram, porque eu, mostrando esses problemas, fui muitas vezes envolvida. A polícia já me pegou muitas vezes pensando que eu era comunista, eu provei que não era comunista porque nem sei o que é comunismo, nunca me envolvi, não me interessa me envolver com esses problemas de esquerda, a revolução tá legal, o presidente tá trabalhando pra gente, né, a gasolina tá faltando em todo o mundo mesmo, não é só aqui no Brasil, quer dizer, o presidente não é culpado, nem o Brasil, é a vida, eu acho que a vida mesmo é que é assim, também não foi ele que fez o Brasil, o Brasil tinha que ter começado de outra maneira, não começou. Eu estou muito satisfeita com o que a gente tem, porque eu não sou muito ambiciosa, né? Então eu acho assim, já fui tachada de esquerdista, de comunista, já fui presa muitas vezes, já fiquei no DOPS sentada, esquentando cadeira horas e horas, sofri pressões, revistaram meus apartamentos pra ver se tinha panfleto comunista. Depois da revolução os generais acabaram dizendo o seguinte: *Adelaide Carraro descobre o que nós estamos tentando resolver, que é o bem-estar social*. Quer dizer que é uma glória, né?

WN — Se eles pensam assim, por que seus livros continuam sendo proibidos?

AC — Porque agora a censura acha que os meus livros são problemas, são contra os bons costumes do Brasil, né, eróticos, mas eu acho que é uma fase que depois vai ser superada, porque eles vão ver que é a época, você não pode esconder o sexo, né? O censor lá, o chefe da Censura, o Rogério Nunes, diz: *Pô, Ade-*

*laide, camufla um pouco, esconde um pouco, você abre muito as coisas*, eu falei, *vou tentar fazer, né, camuflado*, eu tou tentando nos "Amantes", "Os Amantes", esse livro que eu estou pondo agora, estou tentando não ser muito realista, vamos ver como é que o povo vai aceitar, né, mas acho que está aceitando bem, porque "Os Amantes" já está quase esgotado.

WN — Portanto, você vive de direitos autorais.

AC — Atualmente só estou vivendo de direitos autorais. Quando eu fiquei numa situação ruim, fui pedir serviço pro Sílvio Santos, ele me deu, mas depois...

WN — No programa dele de auditório?

AC — É, eu trabalhava como repórter dele, mas aí a turma de Sílvio começou a me perseguir.

WN — Quanto você ganhava lá?

AC — Um milhão e duzentos.

WN — Em que época?

AC — 72. Fiquei quase três anos trabalhando pra ele. Quer dizer, ele foi legal porque me ajudou mas agora eu estou com esse problema de operação, aconteceu um desastre quando eu estava trabalhando pra ele e ele não quer me pagar a operação, então isso tá me prejudicando tremendamente, porque eu não posso escrever, né?

WN — É no braço?

AC — Quebrei a clavícula, a omoplata e quatro costelas.

WN — Nossa!

AC — Foi no carro da equipe, não era carro da equipe, era serviço pra equipe, era o carro que eu estava pagando à prestação. O Sílvio Santos era um cara legal até receber a tv. Depois que ele recebeu a tv ele mudou completamente, está muito exclusivista, passou a ser mais egoísta, antigamente ele me dava ao menos remédios, sabe, ele falava *compra remédios na farmácia e bota na minha conta*, então eu comprava, fazia fisioterapia. Depois, você sabe como é dentro das televisões, é aquele um querer matar o outro. O Luciano Calegari é chefe lá do Sílvio Santos, eles só faziam caluniar a gente pro Sílvio, por isso ele cortou o tratamento do meu braço, a fisioterapia, os remédios da farmácia e não quis pagar mais nada. Por isso fui na Justiça, passei por essas coisas todas, escrevi um livro contando os problemas de dentro da televisão, "Eu Acuso", que é sobre o Sílvio Santos. Ele quase morreu de ódio, obrigou meu editor a devolver o livro. O Luciano falou assim: *Pô Sílvio, se a Adelaide escrever esse livro minha mulher vai pedir divórcio*. Ele estava com medo que eu fosse contar os podres dele, né? Então o Sílvio Santos ficou meu inimigo, ele era legal pra mim, depois achou que eu cuspi no prato que eu comi, mas não é nada disso não.

WN — Quanto você recebe de direitos autorais?

AC — Em janeiro foi muito pouquinho. Em 75 ganhei Cr\$ 180 mil.

WN — E em 76?

AC — Ainda não sei, porque ainda não fizemos a coisa pro Imposto de Renda, mas caiu, Virgem! Não falei que vendi meu apartamento e minha casa de Campos?

WN — O total de dezembro também você não sabe?

AC — Não é assim, é que eu não recebi nada.

WN — Por que não?

AC — Porque eu tava devendo pra Global Cr\$ 34 mil, quando eu precisava de dinheiro eu pedia, nem sei se ainda continuo devendo. Da outra editora recebi Cr\$ 900,00. Livro caiu muito por causa da Censura, ela tirou a caneta da mão da gente. A sorte é que eu tou com três livros pra lançar.

WN — Você vende 10 mil exemplares no mínimo de cada título?

AC — A editora faz cinco mil, vende os cinco mil e depois faz mais. Paga pra gente os 10%, você já pensou, então a gente vive uma vida sacrificada. Virgem Maria, vida de escritor é isso, por isso eu te falei que precisa ter muita coragem pra lançar uma revista como a Escrita, né, porque o povo...

WN — Não quer nem saber.

AC — Não quer ler, ninguém tem dinheiro pra comprar. Eu é que não tenho mais jeito pra outra profissão, se não... Só tenho umas idéias muito boas pra escrever novela, mas o Boni, da Globo, é meu inimigo ferrenho, porque ele se acha personagem do livro "Asco". Tentei não sei quantas vezes falar com ele no Rio de Janeiro, umas 400 e nada. Um sujeito me falou: *Adelaide, você é besta, o cara te odeia. Me odeia, mas por que, não fiz nada? É porque você botou ele no "Asco"*. Imagine, eu nem sabia que o Boni fazia aquelas coisas do livro. Quer dizer, a carapuça serviu pra ele e ele mesmo pegou a carapuça e botou na cabeça, não tenho culpa, né?

WN — Você convive com escritores?

AC — Quase todos são meus amigos. A Cassandra é minha amiga, o Paulo Dantas, a Lygia...

WN — A Lygia Fagundes Telles?

AC — É, às vezes eu converso com ela mas eu não frequento a União Brasileira de Escritores, porque eu não tenho tempo. Quando eu chego lá, a turma, o Caio, vêm falar comigo.

WN — O Caio Porfirio Carneiro?

AC — É, ele escreve muito bem, né?

WN — E das mulheres da literatura brasileira, quem você conhece?

AC — A Carolina Maria de Jesus, que morreu outro dia, a Cassandra.

WN — O que você achava da Carolina?

AC — Era uma pessoa muito sincera, escrevia francamente, falava a verdade simples.

WN — E a Cassandra, o que você acha dela?

AC — A Cassandra eu acho uma mulher super-inteligente, pena que não possa ter os livros dela liberados também. Ela escreve muito bem, mil vezes melhor do que eu.

WN — Mas vocês fazem coisas diferentes, não é?

AC — A Cassandra faz mais ficção, outro tipo de literatura, então ela nunca faria o mesmo que eu, porque a Cassandra acho que se preocupa mais com o eu dela, sabe? Ela tira de dentro dela a literatura e eu vou buscar na rua.

WN — Você conhece a Clarice Lispector?

AC — A Clarice Lispector, ela já morreu?

WN — Não.

AC — A Clarice, a do Rio de Janeiro?

WN — É, está viva.

AC — Não, ela morreu.

WN — Não, está viva.

AC — Ah, sim, eu conheci.

WN — Você leu alguma coisa dela?

AC — Li bastante contos, lembra aquele da galinha que estava no terraço de um prédio de apartamento? É legal.

WN — Não é bem o tipo de literatura que você gosta, não é mesmo?

AC — Não, eu gosto de tudo porque, sabe, é difícil escrever. Mesmo quando a pessoa te conta o caso pra você passar no papel é difícil. Às vezes a gente tem uma eclipse mental, como eu estou atualmente.

WN — Normalmente quantas horas você escreve por dia?

AC — Pra mim trabalhar é um drama, pior drama do mundo. A minha escrivaniinha está quebrada, sempre me vi escrevendo nas cozinhas, nas salas.

WN — À mão ou direto na máquina?

AC — Sempre à mão. Nunca escrevi à máquina, mesmo porque eu não sei bater a máquina.

WN — E quem bate à máquina pra você?

AC — Eu boto na editora, dou o caderno pra editora e ela manda bater.

WN — Sua letra é bem simples, dá pra entender?

AC — Não é muito clara, não é muito boa, mas dá pra entender.

WN — Quanto tempo você demora pra escrever um livro?

AC — Depende. Tenho um livro agora, "Adúltera", que eu escrevi em dois meses. E meu livro "Gente" eu escrevi em seis dias.

WN — Tem 200 páginas?

AC — 190.

WN — Você escreveu 190 páginas à mão?

AC — Não, tenho que escrever 600 páginas à mão pra dar 190.

WN — Qual o seu livro menorzinho?

AC — "Gente"

WN — Que tamanho tem?

AC — Sei lá, esqueci.

WN — E o maior de todos?

AC — Não sei, não, o editor já pede com tantas páginas. Eu gostaria de poder fazer um livrão mas ninguém quer saber de ler. Olha, tem horas que eu sento na minha escrivaniinha e choro, choro de vontade de sair, de correr pro matto, correr pro campo, sentir um ar puro, tenho que ficar lá com as pernas doendo, circulação indo devagarinho.

WN — Você acha que o que você, a Cassandra ou aquele investigador de polícia, o Felisbelo da Silva, fazem, pode ser considerado literatura-lixo, como andam dizendo por aí?

AC — Eu trabalhei no Sílvio Santos, tinha um lixão danado, quer dizer, a gente botava uma máscara pra entrar no estúdio, aquele cheiro horrível de lixo, então eu acho assim, que se for literatura de lixo, a nossa, então tudo é lixo, porque cada vez que você sai na rua encontra um problema, então isso aí dá lixo, nos palácios você encontra problemas, é lixo, o príncipe de Mônaco pediu uma indenização de 50 bi em troca da honra da filha dele, então é lixo, no palácio também tem lixo porque a gente pode escrever um livro daquilo.

WN — Você se considera moralista?

AC — Moralista, não. Eu estou mostrando a imoralidade.

WN — Gostaria pelo menos que as coisas fossem de outra maneira? Você vê a possibilidade de elas serem de outra maneira?

AC — Não, eu acho que assim é o povo e eu gostaria que tudo fosse natural. Se você visse o sexo e tudo que existe no mundo naturalmente, então o mundo seria melhor. Porque, você sabe, a gente tem que andar dentro dos padrões, você não pode escrever o que você pensa, então tem a lei do pensamento, eu acho que o menos que a gente pode ter é liberdade de pensamento. Então, o que é que você tem? Você não tem liberdade de nada, porque você encontra as barreiras da sociedade. São leis, em todo lugar que você vá existe uma lei. Lei de trânsito, lei disso, lei daquilo. Ao menos o pensamento podia ser livre, né?

WN — Agora me diga uma coisa, o que você acha dessas revistas que mostram mulheres nuas?

AC — Eu acho muito bacana, porque eu já posei também. Eu posei prum cara, um fotógrafo alemão, que foi fotografar as belezas de Campos do Jordão, não sei se você co-

nhece, lá é lindo. Então ele me viu lá em Campos, na época em que eu conheci um príncipe russo, veio passar umas férias em Campos do Jordão, porque lá tem alta sociedade, tem princesa, duque, você encontra tudo assim na rua, andando você encontra todos os caras. Então me falaram que ele era um príncipe russo, ele mostrou aqueles emblemas, aquelas coisas todas dele lá da Rússia. Ele tinha um intérprete e gostou muito de mim, achou que era o tipo da índia brasileira, porque eu tinha um cabelo bem armado, bem comprido, alto, ele disse que nunca tinha visto gente do meu tipo, sabe? Que que eu estava falando mesmo?

WN — Do fotógrafo alemão. Você disse que posou pro fotógrafo alemão. Nua?

AC — Nua, nuazinha, eu tenho a fotografia lá em casa. Eu posei bastante, né, porque eu era pintora, eu pintava muita gente nua, eu pintava criança, mulher, homem, já pintei muito, então pra mim aquilo era arte. Então eu posei pra ele nua, como se estivesse pintando, cozinhando.

WN — Você não vê problema então?

AC — Não, acho maravilhoso poder posar nua.

WN — E homem nu?

AC — Homem nu acho lindo também, acho bacana pra burro.

WN — Você se chocaria se visse uma revista com homens nus?

AC — Não, eu acho muito bacana.

WN — Hoje é muito comum em todo o mundo, não é?

AC — Eu acho muito natural homem nu. Agora mesmo eu sei que a Censura proibiu o Wilker, aquele de "Dona Flor e seus Dois Maridos"?

WN — José Wilker.

AC — Pois é, o José Wilker estava com a poupança de fora. Chegaram no cine Ipiranga e cobriram, eu vi, fizeram uma calção nele. E outro que estava com a mão na poupança da moça, tiraram a mão, botaram no braço.

## MÃE SOLTEIRA

fragmento

Adelaide Carraro

No apartamento.

A atriz sentou sofisticadamente na poltrona vendo Ralf enchavar a porta e guardar a chave no bolso.

— Você disse que aqui era um mini-estúdio de cinema, mas não vejo nada. Ali tem um quarto e não tem nem câmara, nem máquina, nem metrofoto nem nada. Ali tem uma cozinha e não tem nada de cinema, aqui tem uma sala e também não tem nada.

— Você preferia que tivesse um estúdio completo ou só o dono do estúdio, hein, hein, hein? — Ralf pegava no queixo da moça e sacudia o seu rosto de lá pra cá levemente. — Fique aí sentadinha que vou lhe preparar o melhor drinque do mundo. Uisque e um pingão de soda.

Foi até a geladeira com o cérebro arquitetando mil e uma, para se inserir no meio daquelas coxas quentes e grossas.

Alisar a perna, já era. Ensinar-lhes poses sexy... Não tinha máquina fotográfica. Sugerir um banho, estava muito calor. Abriu a torneira, faltava água. Foi ao banheiro, abriu o chuveiro... seco. Ah! por que não se lembrara. Ver as fotos das grandes atrizes que ele tinha trazido da Europa.

— Olha o drinque.

Ela pegou o copo e bebeu um golinho.

Ele colocou o seu em cima da mesinha e foi até o quarto. Voltou com um envelope grande cheio de fotos. Sentou-se perto da moça e foi mostrando. A moça dobrou as pernas e as puxou para cima do sofá. Ralf esticou os olhos para a calcinha de seda negra com renda nas beiradas das pernas.

— Pernas lindas. Olhe, são iguaizinhas às desta foto da Taryn Power, filha do Tyrone Power e Linda Christian. Aqui ela aparece em uma cena do "porno-film" "Bordella".

— Bordella?! Que nome engraçado.

— É deveras interessante. Na minha última estada em Roma, jantei com o Henri Kissinger, e comentamos a trama do filme.

— Você conhece o Kissinger?

— É meu grande amigo.

— E o que ele tem a ver com esse filme?

— Como lhe expliquei, a trama do filme e do diretor (por sinal bem jovem) Pupi Avati, é o que se pode definir de chocante. Começa com Henri Kissinger e Nixon falando à imprensa. Kissinger propõe a Nixon (quando presidente dos Estados Unidos) a reabertura das casas de tolerância, só que desta vez, os "hóspedes" seriam homens e suas clientelas moças de todos os níveis sociais. Nixon aceita a proposta com todas as conseqüências que se possam imaginar. Taryn representa a América jovem que desaprova a decisão de Nixon.

— Aposto que Nixon e Kissinger mandaram prender todo mundo e recolher o filme.

— Que nada. Kissinger leu a estória e comentou.

— Claro, Rafael, li o roteiro do filme e me diverti muito. Não me escandalizei nem por um momento. É uma fantasia que vai alegrar muita gente.

— É, ele é um cara legal, aqui no Brasil, se botar o nome de alguém importante em filmes, livros, TV, entra logo em cana.

— É, a nossa gente leva logo a coisa para o desrespeito, quando os outros levam na gozação.

— Mas essa estória da "Bordella", para mim não é novidade.

— Não é?

— Não.

— Como assim?

— Já li um livro de Adelaide Carraro. O Castrado, que tem quase o mesmo enredo.

— Não o conheço. Mas já entrei em contato com essa escritora para me escrever um roteiro. Mas os amigos avisaram-me para que eu ficasse afastado dela, pois ela seria capaz de aproveitar a minha vida para fazer um romance.

— E a sua vida daria um livro?

— Que nada, vida normal, vida cristã. Mas vamos às fotos.

## ESCRITA/LIVRO

## AGUARDEM

## MARCA PESSOAL

O ano de 1976 foi um período de reafirmação poética da mineira Henriqueta Lisboa. Editou "Reverberações" e *Miradouro e Outros Poemas*, dois volumes que são a continuidade e reafirmação de seu trabalho exemplar, em quase meio século de atividade poética. O virtuose, o domínio pleno da palavra, a lição do verso condensado e suficiente.

Henriqueta Lisboa estréia em 1929, com "Enterneçamento" e, como Cecília Meireles, seu aprendizado se fez no Simbolismo, que continuaria a ser o substrato de toda a sua poesia. As imagens dominantes do amor e da morte, o simbolismo religioso, a imagística de Mallarmé e Valéry, dão no entanto, à obra de Henriqueta Lisboa, uma marca pessoal, na pesquisa de seu próprio caminho.

Como no volume de "Miradouro" Henriqueta Lisboa enfeixa também uma coletânea de poemas de nove de seus livros anteriores, a visão agora do poeta é inteiriça, para o leitor não familiarizado com o seu trabalho. O que ressalta, na visão geral de sua obra, e nos até então inéditos "Reverberações" e "Miradouro", é a sua habilidade com o vocábulo, a técnica, a presença do artesão.

O jogo de palavras, o ritmo, sem ficar no entanto apenas na peripécia lúdica, como é exemplo o poema "Emblema", de "Miradouro": "Esse volátil arco-íris/ que se desprende pelas asas/ de multipássaro e enlaça/ pela cintura terra e céus/ esse versátil arco-íris / meio anel ligeiro laço/ a desatar-se a perder-se/ nos ermos da nostalgia // delinea porventura/ — fluido emblema pálido — / aliança mais duradoura/ de outra vida noutro espaço".

Dos poemas "concretizantes" de "Reverberações" aos poemas de "cor e som" que formam o rito emblemático de "Miradouro", a poesia moderna de Henriqueta Lisboa se completa. Sua carreira literária continua, imune aos ismos e novidades poéticas passageiras. É porque a pesquisa formal está sempre em seus planos de novos trabalhos, o poeta se atualiza a cada livro, dentro da coerência de suas raízes, de sua linhagem. "Miradouro e Outros Poemas" pode ser encarado, agora, como a soma positiva de toda uma vida dedicada à poesia — o visor, o miradouro do poeta, que está acima das coisas e dos homens, para marcá-los com a sua palavra, bela e contundente. (Nova Aguilar, 164 pgs.)

Assis Brasil

## MESSIAS ÀS AVESSAS

Com *A Balada do Falso Messias*, coletânea de dez contos, Moacyr Scliar volta ao gênero com que estreou nas letras (o "Carnaval dos Animais") e do qual estivera afasta-

## LIVROS

do por oito anos, durante os quais publicou três novelas ("A Guerra no Bom Fim", "O Exército de um Homem So" e "Os Deuses de Raquel"). Volta reafirmando o seu talento de ficcionista, notadamente como contista, pois o livro coloca-se entre os mais expressivos dos últimos dez anos, quer pela linguagem despojada de superfluidade, quer pelo intenso calor humano que perpassa as páginas de aparente frieza. Publicada na Coleção Nosso Tempo da Editora Ática, de São Paulo, esta última obra do escritor gaúcho vem enriquecida com a capa e ilustrações do inexcitável Elifas Andreato.

Na apresentação-estudo Nathanael Simone salienta a importância de "A Balada do Falso Messias", conto que dá título ao livro, "por desenharem o espaço temático" dos demais contos da coletânea, e aponta como pedra de toque de todo o livro a "idéia de adiamento". Mais do que esta, ou melhor, além dessa "idéia de adiamento", vejo como denominador-comum a vitória da degradação do homem, colocada frente à redenção. O próprio Shabtai Zvi, após ter realizado alguns prodígios — não testemunhados pelos judeus da colônia Barão Franck — é desacreditado como Messias e acaba trabalhando no comércio, na trilha de quase todos os judeus da classe média. Portanto, um falso Messias, preso aos valores de ordem material e colocado no mesmo nível dos integrantes daquela classe social. O único prodígio que poderia reabilitá-lo seria o ato da transubstanciação, agora realizado como hábito cotidiano na presença do narrador-personagem em fins de noitadas, no bar. Mas o que ele faz é transformar o vinho em água e não a água em vinho. Um Messias às avessas, portanto. Assim, o problema da degradação, do modo como vem colocado nesse conto, conduz a ficção de Scliar ao mundo do realismo ou do fantástico, não raro ambos conjugados.

Flagra diante de nós o impiedoso realismo marcando o cotidiano da classe média em "Ano novo, vida nova", "Agenda do executivo Jorge T. Flacks para o dia do Juízo Final", "Ofertas da Casa Dalila" e "Os contistas", onde a luta pela sobrevivência, a preservação dos valores do indivíduo malograda pelos interesses e pressão da coletividade, os ideais, os trabalhos, as frustrações dos contistas são uma presença viva. Em "Não libertem as cataratas", "Escalpe", "Aranha", "Comendo papel" e

"Testemunho" o realismo vem associado ao fantástico, este quase sempre pouco ostensivo, revelado mais nos tons da narrativa ou no surgimento de personagens sinistros, personagens que pertencem ao mundo do fantástico pelo inusitado do seu comportamento diante de determinadas situações.

Tanto nos contos do primeiro grupo quanto nos do segundo, o problema da degradação está presente de uma forma ou de outra. No conto intitulado "Escalpe", uma simples peruca consegue sobrepor-se à instituição chamada família, cuja estabilidade é ameaçada pela ex-dona dos cabelos, uma bonita e estranha moça; a Alice do conto "Aranha" vê o seu homem como um simples objeto de satisfação material, e até fisiológica, chegando à tentativa de agir como as aranhas que deglutem seus machos após a cópula; reduzindo a objeto incômodo, vitimado por um acidente, o vendedor de aspiradores e poeta, personagem de "Testemunho", vê com prazer sádico o autor do acidente ficar reduzido também a objeto incômodo ao perder a fala em consequência do derrame ("O infortúnio nos nivelou") e acompanha em silêncio, compondo epigramas, a ação malévola dos parentes contra a vida do já inválido Senhor Alexandre; para o narrador-personagem de "Os contistas", o único elo entre ele e o mundo natural é a Marisa, mas há o mundo culturalizado que se põe de permeio, o qual, em vez de funcionar como mediador eficiente ajudando a comunicação, transforma-se, ao contrário, em mediador maldito ("— Marisa! grito, mas prateleiras cheias de livros abafam minha voz."). (Ática, 85 pgs.)

Y. Fujyama

## O LEITOR CRÍTICA

I — Zero — Ignácio de Loyola Brandão

*A propósito da opinião de Diva, Sorocaba (Escrita 16), diz Danilo Angrimani Sobrinho:*

*Se "Zero" teve que contar com a publicidade do próprio autor, é porque "livro" não merece das editoras o mesmo carinho que creme dental ou sabonete.*

*Se I.L.B. teve que vender seu "peixe" na Itália, é porque o livro é tão bom que, talvez, não mereça ser lido na "América Latindia" onde ainda sorriem dos "crucificados" e lançam a perjúria da dúvida.*

*O livro, em questão, é um hino, uma poesia, estruturada sobre o maior dos livros. Talvez a pressa com que você deve tê-lo lido fez com que fizesse mal a sua digestão, no entanto ainda é tempo para você relê-lo — com calma — e sem a ansiedade de ver seu nome retratado nesta revista.*

*Quem sabe você consegue captar "qualquer coisinha". (Danilo Angrimani Sobrinho — São Paulo, SP)*

*destaque aqui*

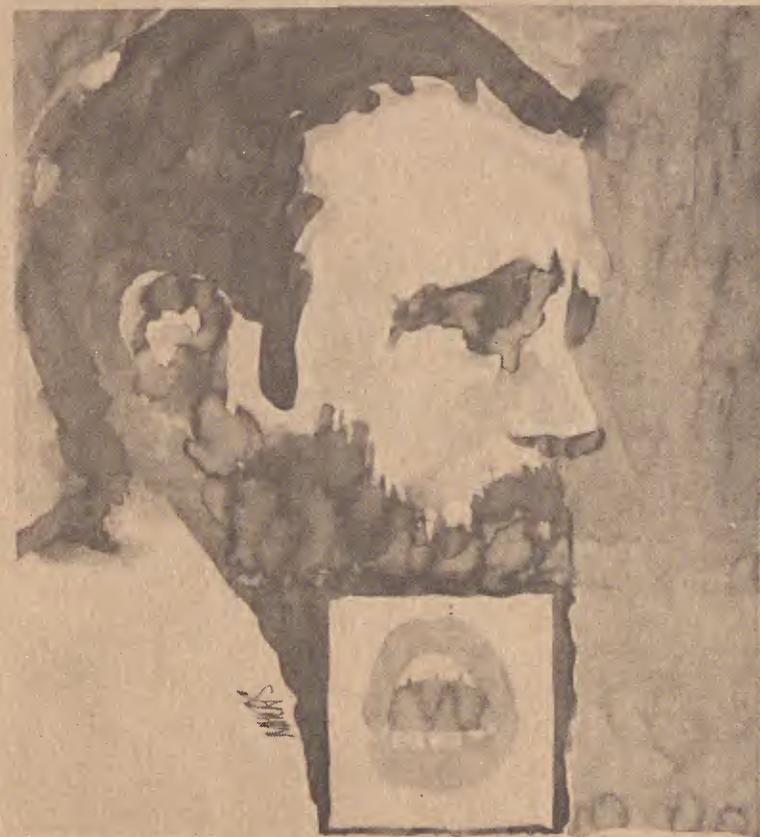
*use a tesoura*

**Antonio Possidonio Sampaio**

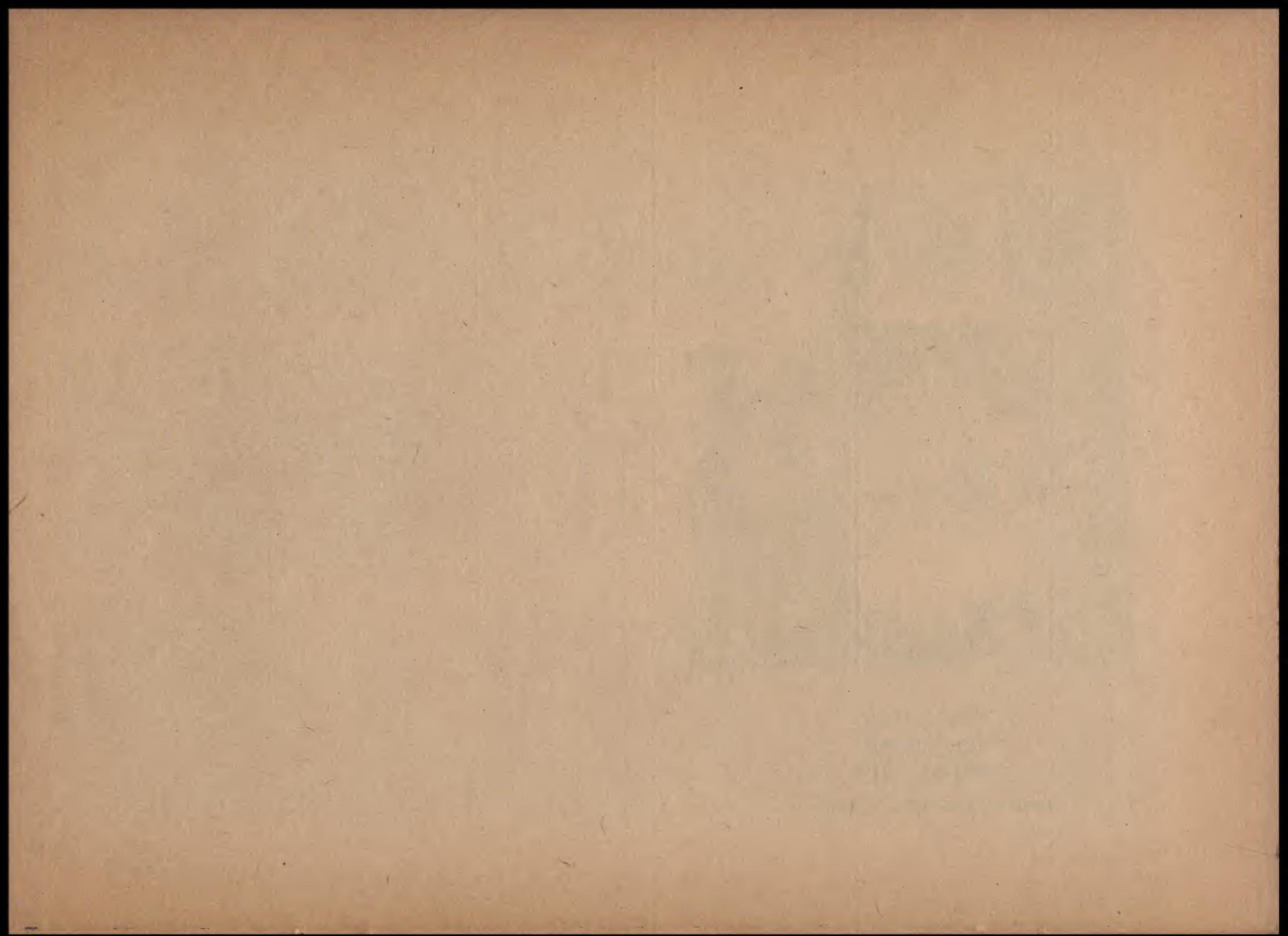
**Sim Senhor,  
Inhor Sim,  
Pois Não...**

Antonio Possidonio Sampaio, vencedor do I Concurso Escrita de Literatura – Romance, é baiano de Morro Preto, município de Santa Teresinha, onde nasceu há 45 anos. Desde 1949 reside em São Paulo, onde se formou em direito e trabalhou como jornalista na Gazeta Mercantil e no jornal Notícias Populares. Em 1970 publicou “A Arte da Paquera” e, em seguida, “Galeria da Solidão”, “Vendedores de Ilusão” e “Vamos Empinar Papagaio”.

*dobrar à altura da linha*



Vertente Editora



CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO  
E INFORMAÇÃO  
POLÍCIA

**CEDEM**

Composição/Impressão  
Pat – Publicações e Assistência Técnica Ltda.  
Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412  
Fone: 853-7461  
São Paulo (SP)

**SIM SINHOR,  
INHOR SIM,  
POIS NÃO...**



**TARDE DA NOITE**

*Contos de Luiz Vilela, seis dos quais premiados no I e no II Concurso Nacional de Contos do Paraná. "Tarde da Noite" foi lançado em 1970. Cr\$ 50,00*

**OS CANTOS DE MALDOROR**

*Poema em prosa de Lautréamont de quem Philippe Soupault disse que em 1870, como um Deus, desencadeou uma tempestade formidável. Cr\$ 60,00*

**CAMISA-DE-FORÇA, ESPINHA DORSAL E LIÇÕES DE PÂNICO**  
*Romance e duas coletâneas de contos de Wladyr Nader. O último reúne histórias fantásticas. Cr\$ 30,00*

**ESGOTADOS**

*Brinquedo, coletânea de contos de Hamilton Trevisan; e Isto o Jornal Não Conta, histórias escritas por 17 jornalistas de São Paulo, entre os quais Lourenço Diaféria.*

**PRÓXIMOS LANÇAMENTOS**

*O Urso, novela de William Faulkner. Os Meninos, contos de Domingos Pellegrini Jr., e um volume por mês na nova Coleção Econômica.*

*Peça também por reembolso postal*



## NOSSO CATÁLOGO

### CAFARNAUM

Terceira coletânea de contos de Wladyr Nader, também autor de um romance. O alvo é a classe média "herdica", frustrada no amor e incapaz de ver longe. Cr\$ 40,00

### DIALOGO

Segunda edição do livro de contos de Samuel Rawet, lançado em 1963. Além de se dedicar à ficção, ele tem publicado ensaios e peças teatrais. Cr\$ 30,00

### FREUD PARA CRIANÇAS

Texto de Louise Armstrong e cartuns de Whitney Darrow, Jr., que permitem às crianças explicar aos pais os termos mais elementares do jargão freudiano. Cr\$ 35,00

### CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA

Romance autobiográfico do maior escritor japonês de atualidade, Yukio Mishima. Tema: a ambigüidade sexual. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. Cr\$ 50,00

### HEMINGWAY PARA CRIANÇAS

Dois histórias do autor norte-americano publicadas em 1951 na revista Holiday Magazine e jamais reunidas em livro. Traduzido por Hélio Pólvora e ilustrado. Cr\$ 35,00

### A FESTA

Segunda edição do romance: contos de Ivan Angelo, jornalista em São Paulo, saudado pela crítica como um dos grandes livros de 1976. Cr\$ 60,00

### A VARINHA DO CAAPORA

Três estórias infantis de Antonieta Dias de Moraes em volumes independentes, reunidos numa caixinha. A edição francesa é de 1966 e as ilustrações são de Mikas. Cr\$ 30,00

### SEM SAHIDA

Neste seu segundo livro — o primeiro foi de contos — Zélio usa o cartum para radiografar nossas inquietações, seja na cidade, seja numa ilha deserta. Cr\$ 40,00

### SAPO CURURINHO DA BEIRA DO RIO

Conto infantil de Maria Magdalena Lana Gastelois, próprio para as crianças que estão aprendendo a ler. Cr\$ 8,00

### A ÁRVORE DOS DESEJOS

Conto infantil de William Faulkner, que se transformou em presente de aniversário de sua enteada Victória. Traduzido por Hamilton Trevisan e ilustrado a cores. Cr\$ 35,00

# Antonio Possidonio Sampaio

## SIM SINHOR, INHOR SIM, POIS NÃO...

Vencedor do  
I Concurso Escrita de Literatura — Romance



Vertente Editora



Coleção Econômica

- I – Sabor de Química – Roniwalter Jatobá de Almeida – contos  
II – Histórias da Terra Trêmula – Moacyr Scliar – contos  
III – Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não... – Antonio Possidonio Sampaio – romance

Capa de José Américo Mikas

(c) 1977 by Antonio Possidonio Sampaio  
Direitos desta edição reservados à  
Vertente Editora Ltda.  
Rua Monte Alegre, 1434 – Fone: 62-3699  
05014 – São Paulo (SP)

tuação ficaria se levantasse uma suspeita do Tio ou do Gordo perante um companheiro e tudo não passasse de um equívoco? Por outro lado, tenho pensado: “será que muitos desses caladões não estão pensando a mesma coisa?”

A dúvida é um castigo maldito, mano velho. São tantos os castigos que este seu cupim amigo perplexo está sofrendo que não sei mais o que fazer. Aguardar só por aguardar, sem um plano, sem uma palavra de ordem, líquida a gente mais depressa do que as próprias torturas a que somos submetidos.

Por isso, maninho, começo a pensar como teria o Tio suportado esse tempo todo atrás das grades com aquela tranquilidade de sábio oriental, quando ele próprio outro dia frisou que o maior mal do americano português é a sua passividade!

Não seria uma provocação, mano velho do coração?

XXV

Os guardas, o parrudo e o altão, apareceram inesperadamente diante das grades, examinaram panoramicamente o interior da cela e fixaram o olhar no canto onde me achava curtindo as dúvidas que cada instante aumentam mais. Gelei e fui logo pensando: “Agora chegou mesmo a minha vez!”

Puro engano, mano velho. O altão ordenou: “O senhor aí”. Ainda me virei, olhando de um lado e do outro, conferindo se de fato não havia me enganado. “O senhor, o gordo” – disse ele. E o Gordo levantou-se, enquanto o parrudo determinava: “O senhor também, o de barbicha branca” – apontando para o Tio.

Houve aquele suspense geral e a seguir um murmúrio, mas ninguém ousou dizer nada. O altão acabou de algemar o punho direito do Gordo ao esquerdo do Tio, como uma parelha de bois. O septuagenário virou-se calmamente e com um leve menear de cabeça se despediu de todos nós.

Nem sei como, maninho, criei coragem, pus-me de pé e comecei a gritar:

— Lacaio! Fascistas de merdaaa!...

E num rápido movimento alcancei as grades, agarrei-as fortemente e tive que engolir o finalzinho da frase: “Seus fascis...”

É que o magro Belim, num golpe muito rápido, aplicou-me uma gravata e tapou-me a boca. Com esforço extremo consegui devencilhar-me do seu braço direito e da mão esquerda, que me tapava a boca.

Outros guardas apareceram, mas como o parrudo havia trançado a porta da cela, continuei gritando:

— Ditadores! Criminosos! Legionários de merdaaa!...

Alguns companheiros tentavam me conter, quando um que se dizia médico ordenou:

— “Segura com força que o companheiro está louco!”

— Louco é a puta que te pariu! – respondi.

— “Ditadores! Fascistas!”... continuei gritando.

Mas os guardas logo me imobilizaram, depois de terem dois deles desfechado vários golpes de cassetete na minha cabeça.

Mas ainda consegui pronunciar a última frase, antes de perder completamente os sentidos:

— Fascistas de merda, vocês matam um cupim mas não morre a Liberd...

mentos assim-assim, iguais àqueles ocorridos antes da transferência para o porão do Liô.

Voltei a me interessar pelas conversas do Tio e do Gordo, mas vez por outra me vêm aquelas visões estranhas, principalmente à noite. E sabe da última, querido? Alta madrugada, quando tentava pregar os olhos e todos dormiam, comecei a ter um pensamento esquisito, que cada vez está engordando mais e me acho tão convicto como um juiz livre que aplica a pena máxima depois de glosar todas as provas contraditórias do processo, não lhe sobrando qualquer dúvida.

Pois é, maninho, primeiro pensei que alguns dos nossos companheiros estivessem fazendo o jogo deles para colher informações de alguns dos nossos. E fui ligando os fatos e concluí: "de uma hora para outra transferiram-me para uma prisão onde se pode conversar; Belim, esse tipo estranho que nada diz mas muito escuta, não seria um deles? E o Gordo não seria uma isca legionária atirado às piabas ingênuas? E o próprio Tio, de quem nunca ouvi falar, eu que sempre fui um cara relativamente bem informado? E os próprios guardas fazendo vista grossa às nossas conversas?"

E imaginei, meu fraterno, como se estivesse pegando com as minhas próprias mãos microfones discretamente instalados em lugares estratégicos registrando nossas conversas todas sobre o pretinho Veludim, as táticas legionárias e tudo mais!

O dia está amanhecendo, querido. Não preguei os olhos a noite inteira. Agora o toque de alvorada está chegando ao fim, os companheiros despertando e eu amuado no meu canto com todos esses pensamentos.

#### XXIV

Pois é, mano velho, não consigo afastar certas idéias da cabeça. Tive pensando esta manhã: "por que só falam o Gordo e o Tio? Há tanta gente instruída entre nós (jornalista, advogado, professor, médico, operário consciente, sociólogo, líder sindical, estudante, político cassado, diplomados pela sábia universidade da vida, etc.), enfim, uma turma de bambas, e só duas pessoas abordando temas tão atuais e apaixonantes, que só ensinam a intervenção de dois ou três companheiros?!"

Esses pensamentos, maninho, cada vez extrapolam mais na minha mente a ponto de ter concluído: "e se eu os expusesse a algum companheiro mais chegado?" Mas a dificuldade, pensei depois, é justamente esta: se abrir com quem, se afora você e o bom Liô, não há mais em quem confiar? Dia-a-dia, fraterno, a imaginação continua fabricando suspeitos e isto me deixa demais incomodado. Até mesmo a voz eloqüente e fogosa do Gordo que tanta satisfação me causava, principalmente quando ele se referia às proezas do pretinho, agora só me deixa perplexo. O Tio não me incomoda tanto mas não nutro por ele mais aquela gorda admiração de que lhe falei um dia desses. Ele pelo menos é reservado e mais de alimentar conversa e intervir em momentos difíceis do que de levantar discussões como o Gordo, que é tão talentoso, possui tanta habilidade que qualquer assunto seu é capaz de causar admiração geral. Mas a dúvida continua encasquetando-me e não consigo extirpá-la sem o adjutório de um amigo íntimo. Essa paz passageira que estamos tendo não seria apenas mais uma etapa do processo investigatório?

Tenho imaginado mil e uma formas de me abrir com um dos companheiros, mas como abordá-lo? Imagine, mano velho, em que si-

*É preciso que alguém fale,  
e fale alto, e diga tudo,  
custe o que custar.*

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

a ligação aqui do borregão com o herói dos heróis? E o de unhas manicuradas? E o sua excelência professor doutor reitor? Será que eles não se recordam mais do prezinho?

Por isso, meu fraterno, perdi boa parte do fim da conversa do Tio com o Gordo que apesar de pouca idade revela segurança e amor pela causa dos cupins do mundo inteiro.

O guarda parrudo, acompanhado de dois colegas, apareceu, ziplando a boca dos dois e houve aquela expectativa geral. E fui logo pensando: "agora chegou a minha vez".

### XXIII

É a pára voltando, mano velho. Os guardas vieram foi buscar mais três interrogandos e não deram a mínima para o borregão aqui apavorado.

Logo que partiram, o Gordo mostrou interesse em continuar a conversa e o Tio não se fez de rogado. Alimentou-a com aquela paciência de sábio que tanto admiro.

Esses papos, mano velho, têm distraído um bocado os nossos companheiros e muitos não ocultam o orgulho de terem um dia convivido com o Tio na mesma prisão. Aqui pra nós. Também cheguei a pensar assim, mas de ontem para cá ando mesmo é sobressaltado, assustando-me com coisinhas, como a aproximação dos guardas e a chegada dos papadores.

Por isso tenho me desligado freqüentemente do diálogo Gordo-Tio, tão rico de experiências e ensejador de reflexões.

Os pesadelos voltaram e até sonhos trágicos tenho tido, como o que me ocorreu na noite passada. O Liô e outros companheiros planejaram uma rebelião e todos nós fomos avisados dos pormenores. Meia noite do dia 24 de dezembro, quando os técnicos, os fardados, enfim, todos eles nos dessem trégua em homenagem ao Natal, nos rebelaríamos. Manteríamos o comandante como refém e na hipótese de frustrados os planos, chamaríamos pelo menos a atenção do mundo inteiro para o que se passa na América Portucalense e, quem sabe, a ONU tomaria alguma providência, denunciando essa situação indefinida que já causou o desaparecimento de tanta gente. E provaríamos para os irmãos cupins de outras partes que vêm revidando à altura a ameaça ditatorial que não somos tão frouxos como parecemos e também possuímos um par de bagos, sabemos pensar, usamos calças e cultivamos a coragem que os antigos nos legaram. Enfim, maninho, estávamos partindo para algo concreto, numa terra onde viceja a teoria divorciada da ação. O badalar dos sinos da Igreja dos Escravos, assinalando a Missa do Galo, era o sinal convencionado. Enfim, tudo em ordem para começarmos a luta.

Devo ter tido um pesadelo daqueles, mano velho, pois quando o Gordo, o Tio e outros companheiros me socorreram, e comeci a pôr o pensamento em ordem, tentando recompor o sonho, notei que perdi um bom pedaço da parte final, pois no auge dos acontecimentos, assistia era a um fogaréu lambendo o quarteirão inteiro e nós todos no pátio gritando por socorro e o fogo cada vez se aproximando mais. E perdi, mano velho, passagens tão importantes como a prisão do comandante, o alerta deles, o início do fogo, etc.

Pra você ver, mano velho, a capacidade que o medo tem de criar coisas! Refeito do pesadelo que me deixou molhado de suor e tão preocupados os companheiros de cela, continuo amuado e com pensa-



contar as operações-relâmpago, que são buscas inesperadas, procedidas por técnicos com treinamentos especiais no estrangeiro.

Antes de me asilar no porão do Liô, uns e outros conseguiram embromar colaboradores improvisados, alguns voluntários e com pretensões ocultas de se transformarem em heróis, mas com pouco traquejo da sutil arte de dedurar, de sorte que se era pressionado, mas havia possibilidade de retardar o cerco, como aconteceu comigo no prédio onde morava.

Hoje, conforme as informações do Gordo, quem não portar o talonário e deixar de dar satisfações diárias ao sistema, através de sua complexa hierarquia, pode contar as horas. O que tem causado comentários também é a instituição do CIP (Cartão de Identificação Pessoal), documento de apresentação obrigatória para a prática dos atos mais rotineiros da vida de uma pessoa, como mijar, ir ao cinema, comprar mantimentos, preparar, etc., etc.

"E daí?" – perguntou ao Gordo um companheiro nosso mui curioso – completando: "que tem o cu a ver com as calças?". Também não vi de pronto relação alguma entre o sujeito portar um cartão de identidade e pretender dar uma cagadinha, por exemplo. Mas o Gordo matou em cima: "O companheiro se esquece de que a posse do CIP é condicionada a práticas diárias, como apresentação do relatório de tantos em tantos dias, etc., do contrário o documento vital perde a validade. Mas como a notícia não é lá tão nova – já lhe falei dela, não? – e temos tantas outras mais importantes, o Tio foi logo desviando a conversa sem que o Gordo percebesse e chegamos ao que realmente interessava a todos: Veludim. O felino continua desafiando o Serviço de Inteligência e persiste ainda, se bem que agora menos acentuada, a questão de honra dos legionários, de que já lhe falei, mano velho. A imprensa arrolhada também já não toca nas proezas do pretinho, mas não há, na América Portuguesa, quem não conheça as suas façanhas, que inicialmente foram veiculadas pela imprensa com o intuito de desviar a atenção dos americoportucalenses, uns identificando o bichano como representante do Demo, outros atribuindo-lhe o título de herói dos heróis americoportucalenses.

Pois bem, mano velho, o que está causando sensação a uns e preocupação a outros é a grande solidariedade que o pretinho vem recebendo, ao contrário do que imaginavam os legionários, atônitos com as proezas do felino e com a ineficácia dos meios postos em prática para liquidá-lo. O Gordo, fã incondicional do pretinho, quando dele fala se animando todo, outro dia fez profissão de fé sem contestação de nenhum dos companheiros presentes e com um caprichado confirmar de cabeça do Belim que, como já lhe disse, é de pouco falar e muito ouvir, assegurou: "Com perdão de pessoas ilustres que lutam no anonimato em prol da causa de todos os cupins do mundo – certamente ressaltando a participação do Tio e de outros – Veludim será o Herói do Mundo, na luta contra a tirania!"

Juro, maninho, que o discurso do novato me comoveu tanto que me deu um nó na garganta e me fartou água na boca e pensei comigo: "ah, e quando todo mundo souber das relações aqui do borregão com o herói Veludim!"

Mas depois, mano velho, aquela sensação agradável de orgulho foi me deixando mesmo preocupado e me dei conta de uma particularidade para a qual não havia atentado ainda: e se eles descobrirem

I

*Quem vive sob o domínio do medo,  
nunca será livre.*

HORÁCIO

Pois é, maninho, a única maneira de sair desta angústia que ando curtindo é escrever aos irmãos de ilusão ou simplesmente editar um jornal sem leitores nem propósitos. Um jornalzinho eminentemente paisano. Sua função imediata é disputar os últimos espaços das gavetas, atulhadas de cartas, papéis velhos, recortes de jornais do tempo em que aqui havia imprensa e não sei quantas folhas rabiscadas com idéias que me vêm à mente, tento desenvolvê-las, mas cadê condições de transformá-las em romance, conto ou numa estorinha banal!

Ando mesmo sem vontade de me meter em coisas sérias, como a rapaziada dessa geração assim-assim. Já lhe disse e agora repito, mano velho: meu maior erro foi um dia sonhar ser comunicador, numa terra onde sobram rolas para tudo. Não será este tenesmo o resultado do nojo adquirido nas redações dos jornais onde trabalhei?

Desembarquei um dia nesta mui amada terra com a cabeça cheia de ilusões – ilusões diferentes das que curto agora, é claro, pretendendo arranjar um lugarzinho na imprensa. No fim de longa espera, acabei editando na base do peito e da ilusão vários jornais, em escolas, entidades de classe, e até processos enfrentei antes de realizar aquele sonhado orgulho de exibir a credencial de repórter que no dia em que finalmente me foi entregue pelo diretor de um jornal profissional nada senti.

Na vida, maninho, a gente sonha, sonha, e quando a ilusão começa a outonar, pimba, as coisas acontecem. E assim se sucedeu comigo. Estava há três anos desaprendendo na tal de universidade e andava com o saco cheio de editar jornal amador, quando esbarrei numa redação profissional. Me deram a credencial de repórter, mas eu passava o tempo todo era cozinhando matérias sobre economia, comportamento, ecologia, que invariavelmente não dispunham de espaço, a não ser na Semana Santa e no Carnaval, quando tudo quanto era calhau e fundo de gaveta se aproveitava. A situação estava mesmo insuportável, quando houve uma reviravolta na redação e acabei na reportagem geral, que tanto me atraía. Mas ilusão, mano velho, é como tesão: dura forte, pouco dura, depois adeus. E logo me vi envolvido numa altercação com o picareta do diretor geral e como resultado você pode imaginar o que sucedeu. Tentei ainda outros jornais como frilance, mas ti-

nha que me autocensurar tanto para colocar umas materiazinhas de bosta que logo tudo virou uma gosma insuportável. Mas hábito é hábito. Enojiei-me do jornalismo profissional mas permaneceu o vício de escrever. E depois que rasguei a carteirinha de repórter, fiquei com esta mania: escrevo na latrina, enquanto faço as minhas reflexões sobre os destinos da humanidade nos guardanapos de papel, enquanto aguardo o feijão com arroz no café-restaurant do Sim Senhor Inhor Sim; enfim, não escolho lugar, quando me vem essa vontade irrefreável de dizer as coisas como uma necessidade fisiológica irremediável. Fico felicíssimo quando recebo cartas, principalmente de quem levanta problemas, questiona, como você, mano velho, que me manda essas maravilhosas cartas gordas em cinco, seis e até dez páginas em espaço um! Ah, quando as recebo, me encho de satisfação e nesse dia o jornalco não sai e vou pensando logo: "pra hoje tenho banquete farto!" E me delicio numa satisfação continuada enquanto lhe respondo, mano velho, irmãozinho fraterno do coração, que prezo tanto como se fosse o mais dileto mano de sangue, filho do inesquecível Izidinho de Morro Preto, que partiu desse mundo escuro deixando uma única riqueza que sempre adorou: vinte filhos.

Bem, maninho, deixemos esse negócio de família de lado. Quando todo mundo for nossa família, querido, voltaremos ao assunto.

## II

Veludim acabou de pular nas minhas pernas, virou seus olhos esmeraldinos e me encarou firmemente: "Pára com isso, paisano, civil desprotegido!"

Não liguei para a bichana advertência, mas em seguida retirei os dedos do trintenário teclado da Olivetti e as idéias fugiram todas, tão logo comecei a alisar os seus pêlos aveludados e tão pretos como visão de ditador.

Sabedoria de gato, maninho, ou receio de que eu acabe desaparecido deste cantinho que o acolhe. Veludim anda tão experimentado dos sumiços que diariamente acontecem na nossa mui amada terra que parece ter assimilado melhor do que eu a política do sim senhor inhor sim como meio de sobrevivência. Por aqui a moda agora é esta: sim senhor, inhor sim — maneirinha gentil de sobrevivência que será tema de um samba enredo que um chapa bolou mas não se sabe ainda se será liberado pela censura. O Liô, do café-restaurant, gostou tanto da música que a vive cantarolando: "Sim-senhor-inhor-sim, sim-senhor-inhor-sim. . ."

Aqui, mano velho, todo mundo está ficando inhor sim e as pessoas se fecham tão reservadas que temem fornecer endereço, responder carta, conversar assunto que não seja futebol ou sacanagem, etc. Aquele monte de gente que antigamente me escrevia, depois da publicação do livrinho que lhe mandei e que não diz quase nada do que precisava e que me custou tanta dor de cabeça, de uma hora para a outra misteriosamente zipou a boca. E tudo agora virou silêncio e já me sinto uma espécie de buriti solitário nas imensidões do sertão. E onda de medo você sabe como é, maninho, se espalha mais rápido do que pó de mico em forró de chão batido. Uns caras leram apenas as orelhas do livro e andaram espalhando que este paisano sem assento em repartição pública andou dizendo umas coisinhas proibidas — na imaginação deles — e o resultado não tardou: uns e outros que se divertiam me escrevendo ou vindo aqui em casa para um dedinho de prosa sumiram para

verdadeira história da humanidade, mano velho, e não esses guerreiros de espada virgem que ilustram os nossos livrinhos de história. O que você acha?

A maior dificuldade a enfrentar, meu fraterno, é que ele fale de si. Tudo o que dele se sabe é por intermédio de terceiros, por ouvir dizer e pelas deduções que vamos tirando dos seus relatos. Daí a dificuldade de realizar um trabalho sério, querido. Trabalho sério? Você vê, maninho, até em coisas sérias já ando pensando, querido!

Fiquei sabendo, por exemplo, maninho, que desde os anos trinta ele vem sendo torturado nas prisões por onde tem passado. Quando os meios convencionais de tortura não o fizeram abrir a boca, trouxeram a mulher dele, a filha e colocaram-nas em sua frente, despidas, sevciam-nas de toda forma. E o velhinho ficou firme, não mordendo a isca legionária. Dias após dias presenciou a morte a prestações dos seus entes queridos que partiram deste mundo escuro, quando não suportaram mais tanto sofrimento. Algumas gotas de lágrima rolaram dos seus olhos de Santo, mas tudo suportou em homenagem à amada maior de todos nós — a Liberdade.

Daí o respeito que todos lhe têm. Um simples olhar seu, uma palavrinha sua, é capaz de desarmar o mais malvado dos carrascos. Conta-se que os carrascos mais antigos que conhecem a sua história hesitam quando têm que lhe impor castigos e quando não há outra saída, sob pena de serem considerados traidores da pátria, viram o rosto ao cumprirem o dever.

Como você vê, meu fraterno, aí fora não se fica sabendo nada do que se passa por aqui. Mesmo gente como você, sempre ligada, lidando com comunicação, duvido que já tenha ouvido falar do Tio!

Por isso, querido, de um instante para outro comecei a suportar com naturalidade esta triste situação, neste cárcere imundo e degradante, mas onde se encontra gente capaz de influenciar a gente, que logo começa a pensar em coisas sérias. Conviver ao lado de uma criatura como o Tio, maninho, induz o cara a acreditar no bicho humano, tão escasso aí fora, querido.

Na volta do parafuso, mano velho, quando se fizer a revisão histórica da nossa mui amada América Portuguesa, ao Tio certamente será feita Justiça, como ele próprio deixou escapular um dia desses, quando afirmou: "Um homem com a minha experiência tem que acreditar em tudo e até mesmo em justiça depois de morto". Creio que não disse isso de espírito preconcebido, pois ele não é capaz de atitudes assim.

## XXII

O Gordo, como já é conhecido o novato companheiro de cela, acordou meio atônito e a seguir começou a se abrir com os demais. Já o Belim, o magrinho de feições andróginas, prefere mais ouvir, o que não deixa de revelar alguma sabedoria oculta. Ambos são estudantes — não sei se já lhe disse — e começaram a ser perseguidos quando se abstiveram de participar do concurso "caça ao gato preto" que, segundo o Gordo, foi encerrado sem nenhum resultado prático, fato que você, mano velho, não deve desconhecer.

Por falar em gato preto, maninho, ficamos sabendo por intermédio do gorducho uma porção de fatos que estão ensinando mais archo na luta contra os cupins. Nas ruas, nos campos, onde quer que se encontre gente, a operação pente fino é repetida diariamente sem se

mou a frente:

— O companheiro não está passando bem, nossa amizade...

O carcereiro examinou o interior da cela, não disse palavra e em seguida foi providenciar a vinda dos dois novatos que ocuparão as vagas dos dois suspeitos que foram levados para o interrogatório.

Nossos novos companheiros são bastante jovens, apresentam sinais de sevícias no rosto e noutras partes do corpo e não sabem de onde vieram. Aparentam tanto cansaço que ninguém os aborrece com os costumeiros pedidos de notícias.

Como aconteceu comigo quando aqui cheguei, o Tio aproximou-se dos dois novatos, ofereceu-lhes o colchão velho que lhe servia de cama e os moços adormeceram.

O novato gorducho de barbas cerradas ronca tanto que chama a atenção do guarda, que se aproxima mas o Tio intervém imediatamente:

— O rapaz está muito cansado, nossa amizade...

O policial não lhe dá confiança mas termina indo embora.

O outro é magrinho e não deve ter mais do que quinze anos.

Os seus longos cabelos e as suas feições delicadas para quem o contempla de certo ângulo podem confundir o observador menos atento. Mas quem o vê de frente percebe logo que não se trata de um andrógino.

Ao contrário de outras unidades, nesta prisão as mulheres são separadas dos homens. Na minha última hospedagem, mano velho, não havia separação e agora, segundo se diz, os legionários se convenceram da inutilidade das celas mistas. Aqui mesmo — me contou o Tio — várias companheiras novinhas foram atiradas às celas onde poderiam ser estupradas e, quem sabe, assim dariam logo o serviço, quer assinando uma carta aberta renegando o passado, quer delatando conhecidos e pessoas referidas em troca de libertação.

Por aqui tem passado gente de todo tipo, meu fraterno: cupins covardes, imaturos, burguês tipo professor Farofa travestido de revolucionário, que logo vão assinando qualquer papel colocado à sua frente após uma sessãozinha de choque no sem juízo; como também cupins conscientes, corajosos e fiéis, mas de cupim desrespeitando companheira de prisão não se tem notícia.

O Tio que é considerado o decano dos cupins americanoportugalenses, que desde a década de 30 vem enfrentando os carrascos da dita, com centenas de milhares de horas-prisão, garante que nunca presenciou cupim abusando de companheira de prisão. Até mesmo os andróginos que eventualmente por aqui aparecem são respeitados pelos companheiros de cela. Os andróginos, sim, meu fraterno, eles que são vítimas de tantas incompreensões dos legionários e dos machões americanoportugalenses.

Bem, querido, deixemos de lado esses pormenores e mudemos de estação, pois em época de ditadura, conforme o Tio está sempre lembrando, deve-se cuidar das coisas sérias e importantes em primeiro lugar. O que é que ele acha importante? Tudo, querido. Tudo que não faça a gente perder o hábito de lutar pela liberdade, que possui inimigos poderosos mas sempre acaba triunfando.

Por falar em Tio, maninho, tenho ouvido ele contar tantas passagens da mal traçada crônica política da América Portugalense que estou pensando em escrever um livro baseado na sua vida. Pretendo colocá-lo como personagem principal, pois gente como ele é que faz a

sempre. E eu aqui, borregão ingênuo, ainda andei perguntando por uns pares deles. Fulano tem aparecido por aqui, Liô?

— Tem não...

— E Beltrano?

— Tem não...

Algum tempo depois, deitado, contemplando o teto e pitando o inseparável cachimbo de mangueira, comecei a ligar os fatos. E Veludim, com a sua sabedoria de gato, pulou em cima do sofá-cama, meneou a cabeça, depois me encarou severamente com os seus olhos firmes e penetrantes, advertindo:

— Para com isso, paisano!

E gato é bicho fidalgo, mano velho, sem precisão de agradar para conservar amizade. Por isso, agora estou percebendo que aquela idéia que tive interpretando comportamento mineirim que nele nunca existiu não passa de invenção de quem também está se deixando dominar pela onda de medo. Saquei agora e o mais que depressa saltei do sofá-cama a fim de imunizar-me da epidemia.

### III

Ando atravessando um período com tantas idéias fervilhando na cabeça, maninho, que fui obrigado a parar com tudo: o jornaleco, a correspondência, os livros que andava lendo... Mas todas idéias assim-assim que vou passando para o papel mas as interrompo logo que Veludim se aproxima e me encara advertindo: "Cuida-te, paisano!" E então volto à realidade e aí tudo se embanana. Me vexa todo, acendo o inseparável depois de um cafezinho e percebendo que o fio da coerência se partiu como quem rompe uma teia de aranha, no fim até preciso dar uma volta no quarteirão, tentando pôr a idéia em ordem. São as emoções ainda não dominadas da época em que o borregão aqui exercia o jornalismo profissional. Nos últimos tempos, quando entrava na redação e via toda aquela carneirada trabalhando como loucos para fechar a edição que de verdade só trazia os anúncios fúnebres, me arrepiava todo e raramente conseguia escrever algo, pois sabia de antemão que até chegar ao editor, todo mundo mexia na matéria, suprimindo um pedaço aqui, acrescentando uma mentirinha acolá e no dia seguinte, quando a notícia saía, era aquela gosma insuportável.

Durante o passeio pelo quarteirão me surgiram novas idéias, inclusive a de deixar a América Portugalense em busca de um canto qualquer onde pelo menos não se tenha de enfrentar o perigo de guardar matérias impublicáveis. A todo instante a gente pode ser surpreendido por gente curiosa remexendo os escritos. Da última vez felizmente não levaram as suas cartas, que por acaso eu tinha dado fim no dia anterior, apesar da pena, pois não há coisa que me dê maior satisfação que ler correspondência antiga, mano velho. Mas como você aí não possui um Veludim para alertá-lo dos perigos, acaba me mandando essas cartas recheadas de idéias que me exaltam e comovem, mas que a prudência do bichano me manda destruí-las.

Na meia hora que durou as três voltas pelo quarteirão cheguei a pensar seriamente em deixar a América Portugalense, mas quando acendi o inseparável cachimbo de mangueira pela segunda vez, concluí: "a fuga, nestas circunstâncias, é muita covardia". E acabei de novo em frente da trintenária Olivetti, onde me encontro há um tem-

pão tentando pôr o pensamento em ordem e enfrentar a folha em branco.

Acabo de levantar-me pela quarta vez e me pergunto: "Vou ou não vou embora? Sigo ou não as insinuações do Veludim? Será que essa civilização cartesiana está mesmo sã ou nós é que estamos enlouquecendo, querido? Será que todos esses filósofos que passamos o tempo todo estudando se vivos não condenariam também essa civilização de luzes? Ou será que nós é que estamos precisados de eletrochoques?"

Não. Não e Não!

Disto eu tenho certeza. Convenci-me agora, como sempre acontece depois que puxo algumas tragadas do inseparável. Felizmente acabo voltando à convicção que me levou a deixar o jornal, execrar a tal de universidade, digo, inversidade e de me arrepiar, só de pensar, em ajeitar a vidinha como tanta gente tem feito.

E não é que alguém portador de títulos vários e pós-graduações universitárias e outras bostas já me advertiu, fazendo que brincava, mas falava era sério mesmo, que este borregão aqui não passa de um masoquista! Pra ser franco, mano velho, de início até que sofri um impacto talvez pela falta de hábito de ouvir julgamentos francos. Mas como sempre acontece, depois de uma boa pitada, fiquei na minha, convicto da opção. E acabei dando aquele sorrisinho que você tão bem conhece e então mudamos de estação. E levei a conversa para outro território e começamos a falar de sacanagem, assunto que não me agrada tanto como antigamente, mas que sou capaz de enfiar conversa horas sem parar e disso burguês gosta demais, não é mesmo, mano velho?

Pois bem, querido, agora as idéias começaram a voltar disciplinadas. Mas neste exato momento a campanha acaba de tocar. É o carteiro com um envelopão tamanho ofício — carta sua — pensei logo.

#### IV

Era o carteiro não.

Agora as cartas são entregues ao zelador, que também está investido de poderes especiais. Além da triagem da correspondência, ele permanece o tempo todo campanando os moradores do prédio e periodicamente exige de todos o preenchimento de uma ficha por determinação do Departamento de Ordem Política e Social, que certamente já o conscientizou do seu importante papel de auxiliar. O que acabou de tocar a campanha até há pouco tempo era um desses caras que a gente sente ser igual, ingênuo, recém-vindo do interior e sem manei-nhas encobrando malícias como agora já demonstra ser bacharel. Começou a estufar o peito e evitar conversa gratuita depois que os da lei inventaram a ficha de identificação de morador e convenceram-no tanto da importância do seu papel de auxiliar que o homem até no vestir adquiriu ares de importância. Aquele tipo simples de americoportu-calense sacrificado pela vida difícil que você conheceu da última vez que aqui esteve, mano velho, mudou completamente. Depois do estágio com os homens da segurança, ele assimilou com precisão a nova maneira de agir: não dá mais corda a conversa de morador; responde às perguntas que lhe são feitas com monossílabos; passou a usar uniforme cáqui e um boné que lhe dão a suficiente gravidade não de um simples auxiliar mas de um verdadeiro elemento de segurança, e aquele velho

— Ano que vem, meu filho, devo cair na compulsória e espero que até lá nenhum tamanduá me devore. Mas esperança mesmo de mudança, só se houver milagre, nesta terra de tantos milagres, meu filho.

Mas o senhor acredita em milagre, Tio?

— Ora, meu filho, um homem com a minha experiência tem que acreditar em tudo e até mesmo em justiça depois de morto. Já sofri demais pra viver descrendo. Descreer é morrer aos poucos, a prestações, meu filho. Cupim será sempre devorado e perseguido. A menos que os legionários se transformem — o que é improvável — de dia pra noite, aceitando a convivência pacífica de todos nós. Mas enquanto houver intolerância, meu filho, temos que aceitar a nossa condição e não enjeitar luta constante...

O guarda parrudo veio buscar outro suspeito, o velhinho interrompeu a conversa, depois alguém indagou:

— E o outro companheiro, o que teria acontecido com ele? Será que foi liberado?

O velhinho contemplou calmamente o cupim afoito, deu uma risadinha e prosseguiu:

— O companheiro precisa sofrer muito ainda para aprender a pensar. Esses tais de inquêritos, companheiros, não vão resolver a sorte de nenhum de nós! Em regime ditatorial, companheiro, o direito instrumentaliza só os interesses de quem está com as rédeas do poder nas mãos. Não sejamos tão ingênuos assim, companheiro, pensando em inquêritos e outras embromações. Pelo menos aprendamos a pensar enquanto estamos presos. De cada grito nosso, seja o seu, o meu, ou o de outro companheiro qualquer, devemos tirar o máximo de experiência, quer refletindo sobre a condição humana, quer acumulando raiva contra a burrice. Raiva, sim, companheiro. Talvez o maior mal seja a nossa cordura, a nossa incapacidade de aproveitar a força da raiva reprimida...

E interrompeu o discurso, ao pressentir a aproximação do carcereiro.

Nesse instante, chegou mais um papa-cupim superlotado e descarregou cento e tantos suspeitos no pátio. Todos eles agora estão com os dedos entrelaçados sobre a cabeça, aguardando a saída dos que serão transferidos para outro quartel ou quem sabe atirados ao mar ou à montanha.

Até hoje, mano velho, não consegui entender a razão de tantas transferências e a diversidade de tratamento de uma unidade para outra. Aqui também são empregadas todas as técnicas modernas de investigação científica de que já lhe falei, como choque elétrico, pau-de-arara, charuto aceso, palmatória, cadeira do dragão, geladeira, porrada no estômago, quebra-nervos, rodinha de bater, toalha molhada, afogamento, etc., etc., mas os carrascos não riem tanto das vítimas como presenciei na última unidade.

O papador partiu carregado de cupins já identificados e agora é a vez dos novatos desfilarem diante de nós, em fila indiana, ao longo do extenso corredor. Entre eles havia um sujeito alto, parecido com o Liô. Comecei a abrir a boca para chamá-lo e o Tio interveio prontamente:

— Controle-se, companheiro!

O carcereiro veio ver o que estava acontecendo e o velhinho to-

Acabei de tirar um cochilo e fui despertado pelo toque de alvarada e com o ruído dos veículos em movimento. O nosso também começou a se movimentar, e outros companheiros tossiram secamente. Por fim fomos desembarcados num vastopátio que me fez lembrar um campo de concentração. A chuva havia cessado e nos colocaram entre milhares de companheiros famintos que formavam extensas filas para o café da manhã: uma caneca de chá morno e uma naca de pão dormido.

Depois fomos distribuídos por várias celas, todas superlotadas. O carcereiro atirou-me numa situada no último pavilhão, onde todos os demais ocupantes revelavam cansaço e ninguém teve curiosidade de saber quem eu era, de onde vinha, de que sou suspeito e se trazia notícias, como é natural entre os que se acham em semelhante situação. E até achei bom, mano velho, pois o pão dormido e o chá começaram a fazer efeito e me veio aquela vontade de dormir. Uns e outros me olharam demonstrando solidariedade, encolheram-se e com muito custo consegui recostar-me na parede e tirar uma rápida madorna.

Despertei-me após um lindo sonho colorido. Janjão, a ratazana sua esposa e os ratinhos relativos seus lá do porão se confraternizavam com Veludim, que ora conversava com Janjão, ora respondia às intervenções da ratazana mãe, ora levantava a pata direita cumprimentando os ratinhos que não paravam de chegar. Depois, quando a chefe da casa retirou-se por um instante, com jeito de quem foi providenciar cafezinho ou aperitivo para um visitante especial, Veludim começou a brincar de pega-pega com os ratinhos e Janjão, todo feliz, ali de lado contemplava a confraternização do pretinho com os seus amiguinhos.

Foi um sonho um tanto perturbado, maninho, pois quando me dei conta de mim, estava todo suado e uns e outros me olhavam de um modo tão esquisito! Um velhinho sexagenário, apelidado de Tio, aproximou-se e perguntou: "O companheiro está se sentindo mal?"

## XXI

— Você ainda não viu nada, meu filho...

Mal o Tio começara a me contar suas experiências de cupim recorrente, um guarda parrudo apareceu, encarou-nos firmemente, abriu a pesada porta de ferro da cela e levou mais um suspeito para o interrogatório.

"Finalmente essa novela está chegando ao fim" — pensei, mas logo que o policial se afastou, o velhinho continuou:

— Tenho sessenta e nove anos e há quarenta e tantos venho puxando cana, com pequenos intervalos, quando um novo grupo assume o poder, concedendo anistia aos chamados presos políticos. Pelas experiências acumuladas, meu filho, esse grupo legionário que aí está dificilmente vai deixar a novela acabar tão cedo. Dê graças a Deus se não lhe faltarem forças para suportar o que ainda vem por aí... Esta é a vigésima ou vigésima primeira vez que sou preso sem culpa formada, a exemplo de tantos companheiros que estão mofando atrás das grades, pra não falar dos desaparecidos e dos que partiram...

E assim, mano velho, o velhinho de barbicha branca e feição de sábio oriental acabava de liquidar minha doce ilusão. Mas ao invés de me desesperar, fui me deixando ouvir calado a sua conversa mansa, resignada, como se sofrer para ele fizesse parte da nossa cotidiana rotina. Outros companheiros aproximaram-se e ele prosseguiu:

hábito que tinha de permanecer atrás do balcão da recepção onde podia sentar-se foi totalmente substituído. Agora ele permanece o tempo todo de pé, com o peito estufado, cabeça levantada, olhos vivos de cão perdigueiro e mãos pra trás, que se abotoam e desabotoam com aquela facilidade de quem aprendeu a obedecer maquinalmente, como as cobaias de Pavlov.

E eu que corri à porta com tanta ansiedade e pensando em carta gorda, quando olhei pelo olho mágico logo percebi que me enganara e antes de abri-la o homem soou fortemente a campainha pela segunda vez, o que irritou o Veludim, que cochilava no sofá-cama. O bichano, não sei se por causa do susto ou por solidariedade, num pulo rápido veio esbarrar perto de mim e quando abri a porta e dei de cara com o auxiliar, ele enfiou a cabeça entre as minhas pernas, mas como eu não estava em ocasião própria de fazer agradados a gato mas também não tinha motivo de chutá-lo ou coisa semelhante, o bichano acabou ficando ali de lado, com os pêlos eriçados e os olhos vivos observando o de cáqui que me calculava e olhava para os livros em cima da mesa, enquanto aguardava a ficha que já me foi cobrada três vezes, e na última veio acompanhada de advertência que não levei em conta, mas agora me incomoda, pois o cara permanece em frente da porta, em posição de sentido, com as pernas ligeiramente afastadas e as mãos abotoadas atrás, enquanto eu, por sugestão sua, resolvo remexer os livros e a papelada que estão em cima da mesa em tamanha desordem que me fazem lembrar a mesa de trabalho do editor internacional do último arrolhado onde trabalhei, digo, vegetei.

Veludim fez menção de sair aproveitando a porta aberta mas antes de transpô-la encarou firmemente o auxiliar, deu meia volta, aproximou-se dele mas não roçou as suas pernas, como acostuma fazer com toda gente. E ao invés de aproveitar a oportunidade e ganhar a rua, fixou-o novamente e da porta ensaiou um longo pulo, ancorando-se no sofá-cama e daí alcançou a mesa, onde assistiu à minha afobação, revirando a papelada em busca da ficha.

— O senhor não gostaria de sentar-se um pouco? Devo ter guardado tão bem essa ficha que agora não encontro, como sempre acontece com as coisas importantes — tentei justificar.

Mas o de cáqui continuou ali, indiferente, e monossilabou uma resposta que não consegui entender.

La recomeçando a revirar a papelada, com atenção caprichada, quando Veludim voltou para o sofá e o auxiliar ultimou:

— Dentro de meia hora os homens vêm recolher as fichas. Se o senhor não encontrar logo a sua, é melhor ir se preparando para explicar pra eles lá embaixo, daqui a pouco...

E soltou as mãos, deu meia-volta com capricho de auxiliar caixas e então fui prover o inseparável do bom fumo americano português que vou curtir enquanto tomo um conselho com o Veludim.

## V

Enquanto me distraio com o inseparável, Veludim se acomoda na ponta do sofá-cama com aquele jeitinho que tanto aprecio: recolhe as patas traseiras que lhe servem de apoio, levanta o corpo formando um ângulo de quarenta e cinco graus e deixa cair docilmente as patas dianteiras, com pose de bichano elegante que a gente parece já ter visto em alguma revista ilustrada. E começa a fitar-me com aquela gravidade de

quem vai advertir. Ao me virar para espantar os maus pensamentos por efeito das baforadas, ele pula em cima da mesa de onde dispõe de ampla visão, quer eu me vire para a direita, quer para a esquerda, quer ponha os pés em cima da mesa, quer os descanse na caixa de som. É do alto me dirige um olhar sisudo de advertência e logo me convence de que é necessário deixar o bem-bom e ir me virar.

Os trinta minutos estavam chegando ao fim, quando o toc-toc do inseparável na borda do cinzeiro indicou que eu compreendia a sua ordem e deixei o apartamento sem saber bem o que fazer. Mas enquanto aguardava o elevador, que estava no 22º andar, apareceu o vizinho do 127 que também recebeu ultimato do auxiliar para falar com os homens da segurança que já devem estar chegando nos carrões alvinegros que frequentemente estão dando voltas pelo quarteirão em plena luz do dia. Foi-se o tempo em que eles baixavam por aqui somente à noite e completavam a diligência com discrição. As operações agora são tão comuns que ninguém liga e mais para eles e não mais são ouvidos aqueles comentários aos fins da tarde, quando uns e outros se encontravam ao retornarem do serviço e então havia aquela parada obrigatória junto ao balcão da recepção e o ex-zeledor, digo, o atual ex-zeledor e agora eficiente colaborador deixava cair aquelas informações que a uns assustavam, a outros serviam de advertência e a outros ainda aumentavam o medo que parecia corroer mais o cara por dentro do que soda cáustica em operação desentope pia. Era comum ouvirmos notícias assim: "Hoje chegou a vez do professor do 111; a mulher dele tentou reagir e também foi atirada ao tintureiro. De nada adiantou o choro escancarado do filho que não tem ainda três anos e foi preciso um trabalho para alguém do juizado cuidar do coitado; as assistentes sociais evitaram-no e mandaram procurar os parentes, mas os parentes do coitadinho também desapareceram". E assim se ficava sabendo das notícias por intermédio do conterrâneo que de uma hora para a outra perdeu a fala e até cumprimento dos menos avisados que ainda lhe dão bom dia, boa tarde, boa noite, ele regateia e quando responde é daquela forma esquisita que tanto irritou Veludim outro dia lá em casa.

Pois bem, o do 127, enquanto o elevador não aparecia, olhou de lado, perscrutou se não vinha alguém pelas escadas, certificou-se que o cavalo de ferro ainda estava no 22º e falou: "Solta uma nota pro de cáqui que ele sempre tem umas fichas pros cupinchas". Mas antes que eu lhe pedisse detalhes ou quem sabe arrependido de ter deixado cair a dica, olhou afobadamente para o relógio e se mandou pela escadaria. "O senhor me desculpe que estou em cima da hora" — teve ainda a gentileza de justificar-se. E ali fiquei aguardando o elevador que pela demoira parecia encrencado de novo. Mas logo me convenci do contrário. O auxiliar veio subindo pela escada e quando me viu ali parado, foi logo dizendo: "Não adianta esperar o elevador. Os homens já chegaram. A viatura está lá embaixo esperando. Chegou a vez dos estudantes da república 224/5. E tem gente que ainda se esquece de providenciar as fichas!" Dito isso, deu meia volta, dirigindo-se para o andar superior. Foi então que me vali da dica do 127 e me apressei em alcançá-lo.

Fico sem o bom fumo que ia comprar no Sim Senhor Inhor Sim mas não é por falta de ficha que o tintureiro vai me levar.

Descemos apressadamente à recepção. O auxiliar certificou-se bem se o elevador continuava no 22º quando chegamos ao térreo e os

lando outros, como sempre acontece nessas circunstâncias. É claro que também pensei em liberdade, mano velho, mas tão logo o grandão chefe deles ordenou que levantássemos os braços e seguissemos em fila por um, perdi a esperança e fiquei sem condição de ligar coisa com coisa, principalmente quando me certifiquei de que os que estavam no início da fila começaram a entrar no papa-cupim.

(A princípio eu era tão curioso, maninho, que contava o número de companheiros que chegavam e safam, tudo anotando, pretendendo mesmo escrever um livro.)

Mas depois de ter passado por todos aqueles testes que eles fazem na gente e que me arrepiou todo só de pensar, não me sobrou vontade pra mais nada. Talvez seja consequência das cassetetadas que frequentemente levo na cabeça, meu fraterno.

Me animei um pouco ontem à noite, antes da transferência. Foi quando um novato, rodeado por uns pares de companheiros nossos sedentos de notícias aí de fora, deixou cair algumas dicas. Você não imagina, mano velho, com que alegria fiquei quando ele se referiu às proezas do pretinho Veludim! E senti aquela curiosidade e imediatamente me pus de pé e comecei a abrir caminho entre os companheiros e até empurrão andei distribuindo a fim de me aproximar do recém-chegado. Mas tão logo toquei as mãos no seu ombro direito e lhe pedi detalhes, o de plantão e mais dois carcereiros entraram na cela de cassetete em punho pondo todo mundo mudo. Deram uns pares de cassetetadas na cabeça do novato que desfaleceu e foi levado não se sabe para onde. E cada qual se arranjou como pôde: uns estirando as pernas, outros as recolhendo, outros ainda se recostando nas costas do próximo, como sempre procedemos, antes do toque de silêncio e quando o ambiente volta à rotina.

Alguns companheiros já começavam a cochilar e eu cá pensando no paradeiro do Liô, mano velho, quando eles iniciaram a operação transferência.

## XX

É tarde da noite. Chove e faz frio.

Logo que o papa-cupim partiu, comecei a pensar para onde nos levavam, mas rodamos tanto que me convenci que estávamos indo para o interior ou quem sabe para o litoral, onde há várias unidades que também estão acolhendo suspeitos e cupins revelados. Porém o companheiro de lado matou a dúvida: "Estamos na Capital, meu chapa, você não percebeu ainda que a viatura está parando constantemente?" E acrescentou: "Já passamos por três quartéis. No primeiro, ouvi bem a resposta: "lotado" e o papador foi em frente; no segundo, a mesma coisa: "não há mais vaga"; no último, o oficial de dia enfatizou: "Estamos superlotados!"

Finalmente resolveram nos deixar aqui no pátio, ao lado de outras viaturas lotadas. Chove ainda e dá para se ouvir a forte ventania que lá fora sopra. Todos se acomodam como podem e alguns companheiros queixam-se da câibra e se mexem para espantá-la. Do fundo do veículo, vem um apelo: "câibra, câibra, acorda que eu vou pra missa; câibra, câibra, acorda que eu vou pra missa..." E a janelinha se abre e o grandão sentado no meio dos dois que estão na boléia adverte: "Vamos acabar com esse barulho senão todos vão ficar de pé na chuva". E um grande silêncio fez-se, mas de quando em vez ouvia-se a tosse abafada de uns e outros.

nhar as suas funções e se divertiram a valer com as cassetadas na cabeça dos recalcitrantes e com as demais brincadeiras. Não tenho a menor idéia de quando será a vez do nosso grupo ser levado ao pátio, pois antes de passar por essa fase, o reeducando precisa assistir às outras brincadeiras, por uma questão de racionalização de serviço. É que uns e outros imaturos, assistindo às brincadeiras, resolvem logo cooperar, quer delatando conhecidos, quer assinando manifestos, quer dando todos os serviços que lhes são pedidos e outros ainda de quebra. Metralhar de verdade — creio — deve ser noutra parte, pois com tantos tiros seguidos certamente não sobraria lugar para tantos cadáveres e além disso, depois de algum tempo, os de capuz são reconduzidos às suas celas e outros embarcados nos papadores com destino a unidades diversas.

Depois das dez, quando é executado o toque de silêncio, que deve ter valia mais para os fardados ou então para cumprimento do regulamento, continua o movimento e à medida que novos suspeitos vão chegando outros vão partindo, não se sabe se liberados ou transferidos. Pensando bem, maninho, — convenci-me agora — acho pouco viável a primeira hipótese, eis que não há lógica em mascarar alguém que logo será liberado.

Entre os transferidos, observei bom número de mulheres e menores, o que indica que a situação aí fora não está nada boa, querido. Há de considerar-se também que o concurso “caça ao gato preto”, se de um lado ensejou generosos prêmios em dinheiro, elogios públicos, promoções e louvores patrióticos, de outro, revelou que ainda existem muitos suspeitos por aí afora e os estudantes que não demonstraram desempenho e colaboração, certamente tiveram a mesma sorte nossa.

Um advogado teimoso impetrou uma ordem de *habeas corpus* a favor de um secundarista de quinze anos, aduzindo que menor de 18 é inimputável, etc. e tal, mas de nada valeu sua argumentação por sinal baseada na Declaração Universal dos Direitos do Homem, por nós firmada com juramento de obediência, e reproduzida na própria Constituição Federal e no nosso Código Penal. E como o causídico cometera tamanha impertinência, invocando garantias individuais e tantos outros argumentos tirados da Carta Magna, neste momento em que o remédio heróico está em recesso até segunda ordem, acabou em lugar incerto e não sabido, como se diz na linguagem forense.

Um cupim que acabou de ser atirado à nossa cela deixou cair algumas informações aí de fora que nos deixaram impressionados. O novato, apesar de muito jovem, lutou o quanto pôde para fugir ao cerco deles. Abandonou a escola, a família e tudo mais, buscando uma palavra de ordem, entusiasmado com o seu professor hoje também desaparecido, porque assobiava distraidamente no banheiro, no intervalo das aulas, os famosos versinhos do finado Tobias Barreto, tão declamados e cantados por sua geração:

“Quando se sente bater  
No peito a heróica pancada  
Deixa-se a folha dobrada  
Enquanto se vai morrer...”

#### XIX

Estava pensando no Liô, quando uns pares deles armados de fuzis-metralhadoras formaram um longo corredor que ia da nossa cela ao portão de saída. E me veio aquele monte de pensamentos, uns atrope-

seus lábios moveram-se satisfeitos e fartou água na sua boca, quando com a mão esquerda me entregou a ficha e com a direita recebeu a grana que me está fazendo tanta falta.

E agora que ele deve estar contando as férias do dia ou aguardando a partida do tintureiro, Veludim ali de lado me observa com os olhinhos entreabertos. E me esforço para espantar os pensamentos assim-assim que só servem para estraçalhar a gente por dentro.

#### VI

Sem fumo, sem vontades, com Veludim indo e vindo, visivelmente irritado, ali permaneci num imenso vazio aquele tempo todo, como se tudo fosse o passado, o presente não existisse e o futuro fosse ontem. Sem vontade de ler, escrever, planejar algo e até mesmo de me irritar. Bobagem pensar em procurar alguém, como pensei um dia desses. Procurar quem? No Liô, assunto que não seja sacanagem ou esporte uns caras vão logo se encostando, embromando com um aperitivo que leva aquele tempão para chegar ao fim e campanam tudo o que se está conversando. E uns e outros até se atrevem entrar na conversa aproveitando uma deixa na conversa da gente com o Liô, que é aberto para todos e nem sempre manja as intenções dos circunstantes. Quando se tem a sorte de ele identificar o colaborador, o auxiliar, o deduro, o espontâneo, o legionário, etc., não sobram lá grandes perigos, porque ele próprio, sem que se perceba, vai devagarinho mudando de estação e levando a conversa para o sim senhor inhor sim sem perigo de motivar a gente a analisar a situação ou deixar escapar algo assim-assim que pode custar no mínimo um sumiço por uns pares de meses, tempo suficiente para a gente ter que se explicar depois de levar uns pares de porrada em alguma prisão levado pelo tintureiro, que conduz mais de cem pessoas por vez. Agora ele mudou de nome. É o papa-cupim. É só abrir aquela portona e os caras com as mãos entrelaçadas na cabeça sob a mira de fuzis-metralhadoras como nos filmes americanos vão entrando nas viaturas que de começo chamaram tanto a atenção, mas agora são tão comuns em toda parte que se confundem com os demais veículos que poluem a cidade. Até mesmo rabiscar guardanapos de papel ou as folhas de caderno que dei para andar com elas no bolso, enquanto aguardo o feijão com arroz no Liô não aprecio mais, pois se um colaborador ali por perto perceber alguém escrevendo até que ele se convença de que não se trata de preenchimento de volante da loteria esportiva ou palavras cruzadas, você já deve ter imaginado o que acontece, mano velho do coração. E o sacana não sossega enquanto não se certifica de tudo e até atrás da gente se põe e de onde pode campanar à vontade. O negócio é ficar preso aqui mesmo no apartamento onde pelo menos se tem a solidariedade do Veludim e uma porta que dá a sensação de segurança, se bem que depois do segundo toque de campanha a ordem é ir abrindo logo, do contrário eles estouram a porta, costume sem contestação que também já virou lei no código costumeiro deles.

Pois é, maninho, assim-assim me achava, sem notícias suas, sem vontade de rabiscar uma ediçãozinha do jornaleco, sem com quem bater um papo, sentindo uma tal sensação de inutilidade que pensei em puxar a descarga e acompanhar toda aquela merda acumulada no vaso. Assim-assim me encontrava, mano velho, quando a campanha soou, não tão fortemente como eles costumam quando tocam pela se-

gunda vez, mas foi o suficiente para irritar o Veludim e me causar aquele susto. Mas como demorar abrir a porta é delito, já lhe disse, sem antes me dar ao luxo de pensar ou conjecturar situações como eu sempre agia no tempo em que aqui a gente podia invocar a Constituição, garantia individual, etc., olhei pelo buraco do olho mágico e me surpreendi. E fui logo abrindo a porta e deixando entrar o de escovinha, aquele cara bem nutrido, de aparência completamente diversa da dos nossos irmãos americoportugalenses subnutridos. Sim, mano velho, aquele de sorriso fácil, cabelo à escovinha, terno cinza bem cuidado, camisa alvíssima, gravata importada, unhas manicuradas, mui considerado, digo, respeitado, digo, temido pelos moradores daqui do prédio, que se elegeram síndico e resolveu o problema do 224/5, que foi encerrado sem processo e assim se evitou dar trabalho à máquina judiciária. O cara se elegeram num dia, no seguinte, os moradores, digo, os acuados da república estudantil receberam a visita dele e dos da lei e o resultado foi o episódio que já contei: o elevador os levou para baixo em duas viagens. Enquanto uns ficaram no térreo em fila indiana sob a mira de vários deles armados de fuzis-metralhadoras novinhas em folha (elas fazem parte da última remessa de armas que Tio Sam nos mandou), os demais desceram na segunda viagem e quinze minutos depois o papa-cupim os levou não se sabe para onde. Comentários? Se ficou sabendo de coisinhas assim-assim, pequenos sopros, noticiinhas apanhadas no ar e conjecturadas pelas evidências.

E o de unhas bem tratadas, eufórico com os resultados da operação-república 224/5, logo modificou toda aquela pasmeira em que me encontrava. É muito difícil contar emoções passadas, você entende, não mano velho?, mas a verdade é que depois de uns pares de minutos que ele deixou o apartamento, com aquelas gentilezas maneirinhas (até passar as mãos nas costas do Veludim passou), que irritaram o pretinho que ali no canto fazia que madornava. Ele se eriçou, levantou a cauda energicamente e nem olhar pra cara do almofadinho olhou.

A conversa? Pra ser franco, mano velho, conversa mesmo de verdade não houve. Fiquei foi o tempo todo escutando as propostas do de gravata importada. Logo que entrou, sua primeira atitude, depois de tentar uns agradinhos ao Veludim, foi mostrar interesse pelos livros que me restaram da última depenada que espontaneamente cuidei de fazer na biblioteca, mas sobraram volumes suficientes para chamar a atenção de qualquer pessoa. E o de gravatinha começou a examinar com tanto interesse a biblioteca que até observações que não cuidei de guardar na memória andou fazendo. Parece estranho, não, maninho, alguém se interessando por livro e a gente o amando tanto não vibrar com a curiosidade?! Me lembro bem que ele retirou dos altos da estante o gordo Dicionário de Ciências Sociais, que folheou por cima e em seguida veio sentar-se no sofá-cama, no extremo oposto onde se achava Veludim. E como não demonstrou pressa de se levantar, cada vez se detendo mais nos verbetes, acabei me sentando também, entre ele e o pretinho.

E agora que estou tentando recapitular os fatos, aí vão algumas das observações feitas pelo de unhas bem cuidadas. Segundo ele, mano velho, os americoportugalenses são constituídos de dois grupos: os patriotas e os cupins. Cupins são todos aqueles que discordam dos patriotas, mesmo que sejam divergencinhas simples, como o sujeito que tei-

presenciei uma cena que despertou inusitada hilaridade aos educadores, que iam chegando à medida que a vítima berrava. E como os gritos da reeducanda eram demais eloquentes, conforme observou um deles, após escancarada gargalhada, os técnicos da "Casa" assistiram ao espetáculo que ocorreu pertinho de nós. Um deles veio arrastando uma jovem pelos cabelos e atirou-a diante da nossa cela, rasgando-lhe as vestes num único e rápido movimento de mão e em seguida começou a enfiar-lhe um estranho objeto na vagina. Meus olhos míopes não conseguiram fixar o ato de barbárie, que eles denominam de brincadeirinha. Mais tarde alguém me disse que se trata de um cassetete especial, parecido com o membro de jumento. A exemplo de outros companheiros, não contive a revolta, mordi fortemente os lábios, escureceu-me a visão e quando recobrei os sentidos, eles acabavam de atirar a garota à nossa cela. Desfalecida, com queimaduras nos seios, a jovem só mais tarde voltou a si. Os companheiros improvisaram uma cortina com três cobertores presos nas extremidades dos beliches formando um cubículo onde ela foi colocada. As sevícias em todas as partes do seu corpo eram tantas que ela não conseguiu suportar uma camisa que lhe foi emprestada por um cupim novato que acabava de chegar, a fim de cobrir-lhe as partes pudendas.

Mais tarde cada um de nós foi levado a setores diversos para as aulas de suplício, digo, reeducação. E perdemos de vista a nossa irmã cupim.

Pelo visto, mano velho, o serviço de reeducação tem rendido pouco, pois eles resolveram importar carrascos, digo, técnicos estrangeiros em suplício, digo, em educação, os quais estão ajudando os nossos, que não dão conta de tanto cupim. Hoje, por exemplo, enquanto me levavam para uma sala de recuperação, vi alguns carrascos de olhos amendoados, cuja nacionalidade não consegui identificar e davam conta direitinho do recado e não gargalhavam nem exibiam curiosidade como os nacionais. Com frieza e classe revelavam um desempenho formidável, pois os reeducandos a cuidados seus berravam como cabritos no sacrifício da castração.

Cada vez me conveço mais, maninho, da carência de técnicos em reeducação, pois permaneci o dia inteiro com mais uma dúzia de cupins aguardando o educador que não apareceu até o toque de recolher, quando nos levaram de volta para a cela onde se encontravam os companheiros que agora já são setenta e dois no mesmo cubículo. E a jornalista?, fui logo perguntando por ela, quando notei a ausência da cortina, que foi arrancada por um deles que levou a jovem não se sabe para onde. Não tive oportunidade de conhecer o nosso educador (fui incluído entre os ruins da cabeça), mas em compensação presenciei sucessivas brincadeiras de vários tipos: companheiros dependurados no pau-de-arara, charutos acesos sendo enfiados no loló dos cupins e na vagina das suspeitas, o aparelhinho ligado nos seios delas e nos bagos dos homens e levadas de cupins de olhos vendados passando e a voz de comando vindo lá do pátio: "Atenção! Sentido! Apontaaar... armas!" Mas garantir não posso, mano velho, se os berros que ecoavam por toda parte eram provenientes das salas de suplício ou do pátio, como também assegurar não posso se os tiros eram de verdade ou só para intimidar, pois, como já lhe disse, há carência de gente recuperável.

À tarde uma nova turma de educadores começou a desempe-

rio é atirado ao Chiqueirinho, onde permanece 48 horas recuperando as forças e refletindo melhor.

Ao que parece, mano velho, o Chiqueirinho, também conhecido por Tira-Teima, é uma das etapas finais da recuperação e um dos momentos em que o cara pode rachar com o seu passado e se tornar um novo homem, conforme você já deve ter lido numa dessas confissões que a imprensa arrolhada publica frequentemente. Tanto o cara pode, refletindo melhor, renegar as bobagens feitas lá fora, como fornecer a relação dos amigos suspeitos ou simplesmente assinar um manifesto farofa e começar uma vida nova. Ah, ia me esquecendo, maninho, — você vê como ando com a cabeça dura! Ia me esquecendo que o cara pode também, querendo, optar por outra alternativa: deixar-se, digo, submeter-se, digo, enforcar-se com tiras do próprio macacão que está usando!

Há ainda outras brincadeiras, mano velho do coração, aí fora conhecidas por suplicio, mas como sou novato de "Casa" (nominho familiar que eles deram ao Chiqueirão) só com o tempo vou acrescentando outras novidades, além das que você por certo já deve saber pelas notícias veiculadas pela imprensa desarrolhada do exterior.

Como estava dizendo, sou reeducando novato e ainda tenho muito o que aprender até chegar ao Chiqueirinho ou ao ventre do tamanduá, que é o lugar de todo cupim recalitrante ou cabeça dura. Como as mais sofisticadas técnicas em matéria de reeducação aqui são adotadas, já disse, os novatos são submetidos a estágios. No principal, também conhecido por fase suasória, em que o reeducando, quer ouvindo insinuações, quer assimilando as técnicas dos psicólogos, técnicos e educadores, revela logo facilidade de assimilação e se entrega. Nesta hipótese, evita as fases seguintes, como o Chiqueirinho, o Pátio, etc., etc., mas terá que necessariamente passar por uma Base de Educação, onde, após treinamentos especiais, começa a prestar serviços.

Vai aqui uma observação que de início me encasquetou um bocado, mas depois encontrei explicação à minha maneira e que por isso julgo de pouca valia, posto que se trata de conclusão solitária e ressentida de debate prévio. O reeducando tipo professor Farofa é posteriormente aproveitado pelos legionários à medida que revela capacidade de suportar suplicios, digo, persuasões. Assim é que o reeducando que logo de início assimila os doutos saberes dos educadores legionários paradoxalmente são encaminhados para funções inexpressivas, como inspetor de quartelão, escuta-fazendo-de-conta-nada-querer, deduro-de-peão, etc. Já os cabeças duras, os recalitrantes, que revelam dificuldades de assimilar as modernas técnicas persuasivas, preferindo, por exemplo, levar mais uns pares de choque elétrico nos bagos a dar serviço, estes, se reeducados, já terão um servicinho melhor, como se infiltrar no meio do funcionalismo como servente, etc., mas deve revelar capacidade de elaborar relatórios detalhados ou minuciosos, como dizem eles, os que só capitulam depois de todos os suplicios, digo, todas as fases educativas, talvez (e aqui vai a minha dúvida sobre a qual lhe peço uma palavrinha) porque revelaram mais domínio de si, são aquinhoados com serviços especiais, tais como desempenhar funções no setor de inteligência, se letrado for; no setor educativo, se instrução tiver, e assim por diante.

### XVIII

Juntamente com os quarenta e sete companheiros de cela, hoje

ma pensar por si próprio. Os patriotas devem pensar sempre da mesma forma, ter as mesmas aspirações, e nascem e morrem com o sagrado direito natural de dar fim em cupim sem ter que prestar conta a quem quer que seja.

O de terno cinza dizia-me com tanta convicção esses pormenores, maninho, que calado fiquei, balançando a cabeça e vez por outra um sim senhor inhor sim, como convém em tais situações. Depois, começou a dizer que sempre admirou os intelectuais e os que escrevem, certamente fazendo alusão ao borregão aqui apavorado. E finalmente retomou a pregação.

Os patriotas fundaram uma organização chamada Legionários da Ordem, que tem jurisdição em todo o País. E quem for legionário ele acentuou logo — terá trânsito livre em toda parte. Já organizaram aqui no pedaço uma distrital, à semelhança de milhares espalhadas pelos Estados e Territórios. Além de patriota por obrigação e inimigo de cupim por princípio, outra característica do legionário é a fidelidade-dever de ajudar o seu irmão de ideal, por exemplo, ocupando o lugar do cupim que abandona o emprego e assim por diante. Aqui no prédio mesmo, os apartamentos vagos pelos cupins serão ocupados por legionários; na universidade, digo, iversidade, também; também na fábrica, no escritório, na justiça, etc., etc., etc. No setor da comunicação social, maninho, você nem imagina quantas oportunidades há! O de gravata de seda insinuou com tanta ênfase essa particularidade que certamente aguardava a adesão incondicional da parte aqui do borregão, pois realçou com conhecimento de causa minha paixão por comunicação.

Os legionários distritais vão limpar o terreno aqui do pedaço, meu fraterno! As tarefas imediatas? Criação de uma comissão de leitura, constituída de gente familiarizada com publicações. Seus membros serão incumbidos de ler diariamente todos os jornais, revistas, publicações novas, etc. No fim do dia, vários deles se reúnem em grupos para identificar os autores das matérias sem assinatura e os responsáveis pelas redações que deixarem escapular considerações ou opiniões contrárias aos princípios legionários. Os acervos das bibliotecas serão substituídos por novos livros, escritos por legionários bem remunerados, os quais não terão dificuldades com publicação, pois um legionário sempre ajuda o outro, querido, ao contrário do que sempre aconteceu na nossa mui amada terra, onde publicar sempre foi uma guerra. Eu, por exemplo — lembrou o escovinha — poderei participar de uma das comissões de leitura, chefiar uma redação ou simplesmente viver de escrever.

### VII

Voltou o de unhas bem cuidadas, acompanhado de um não sei quem que ele disse ser "sua excelência professor doutor reitor da Universidade Central da América Portugalense". E com aqueles modos maneirinhos enfiaram aquela conversinha mansa, consulosa, que logo irritou Veludim que se meteu não sei onde e até agora não voltou, o que me faz aumentar a paúra. Afinal de contas, o bichano, como você sabe, mano velho, é um amigão batuta. Ontem, por exemplo, ele ficou o tempo todo contemplando os livros com aquela melancolia de quem pressente estar chegando o fim de um bem amado. É claro que ele aprecia mesmo é música, mas em tudo o que acontece comigo ele está ligado.

Você precisava ver, maninho, as maneirinhas consulosas do gravatinha de seda e do sua excelência, o graudão que lhe fazia companhia! Mas a conversa não saía do exórdio, como é de praxe em toda conversa consulosa. E me manquei no sim senhor inhor sim, o que parece não ter agradado ao de cabelo escovinha, que se levantou, estendeu-me a mão e sentenciou: "Espero que o senhor colabore com a nossa causa e não decepcione sua excelência". E se mandou.

E o sua excelência foi logo entrando no mérito e colocou as cartas na mesa: "Com grande interesse venho acompanhando a sua carreira desde os tempos da universidade. Lamentei, aliás, a interrupção do curso, pois o tínhamos na conta de um idealista, que poderia perfeitamente fazer uma brilhante carreira universitária, conquanto atenuasse aqueles arroubos acadêmicos que afinal de contas às vezes irritavam alguns professores mas estavam longe de ameaçar as estruturas do nosso sistema; confesso mesmo que lamentei não vê-lo formado e seguindo a carreira de docente..."

Dito isso, mano velho, sua excelência acendeu mais um Marlboro, respirei fundo, tentei relaxar-me abrindo ligeiramente a boca, depois de pronunciar a palavra "cheese", como me ensinaram no curso de oratória para enfrentar situações semelhantes, mas as mãos, as virilhas e os sovacos molhados não me davam trégua. E sua excelência prosseguiu: "pois bem, meu caro, nosso País atravessa um período de prosperidade, graças à ordem que uma plêaide de patriotas não se cansa de defender, mas não desconhecemos as ameaças internas e externas que nos rondam. No mundo inteiro a subversão campeia, os subversivos osam num trabalho subterrâneo e consciente. Quando não dão uma de mortos, se aboletam em toda a parte e não são poucos os idealistas sinceros, como o senhor, que os apoiam, que fazem o jogo... Antes que seja tarde, sua excelência o presidente houve por bem pôr em prática uma nova estratégia de desenvolvimento e segurança. Ele, com a sua experiência de anos sucessivos lidando com o poder, antes de pôr em prática a estratégia que todos os patriotas estão defendendo, teve o cuidado de fazer uma experiência com a população que achei genial. Iniciou espontaneamente um processo de distensão, abolindo a censura prévia aos meios de comunicação. E sabemos qual foi o resultado: os agentes subterrâneos começaram a pôr as manguinhas de fora. Mas os órgãos de segurança foram mobilizados e muito se lucrou com a experiência. Foram cadastrados os inimigos da ordem, da família e do sistema. Foi uma experiência salutar, sem dúvida, mas se sua excelência deixasse a coisa como ia, a desordem certamente liquidaria os valores mais sagrados que conquistamos através dos séculos. Depois da experiência, ninguém, em sã consciência, deixaria de dar razão ao nosso presidente, o salvador da nossa pátria".

"Creio que não é necessário insistir na mesma tecla"—acentuou o sua excelência professor doutor reitor — enquanto acendia um novo cigarro e continuou: "em resumo, o que precisamos agora é definir a situação, acautelar-nos contra as investidas. E a mais inteligente e criativa idéia que já se teve entre nós é justamente a continuação da estratégia consubstanciada no ideário dos Legionários da Ordem, para o qual todo cidadão honesto, consciente e patriota deve dar o máximo de si, sob pena de ser considerado nosso inimigo. É razoável que assim seja. Ao inimigo não se pode ensejar a menor chance. Veja a experiência feita por sua excelência no tocante à tentativa de distensão! Por-

tor de faculdade, membro da comissão especial orientadora da Grande Enciclopédia de Moral e Civismo e participante ativo de tantas outras promoções patrióticas. Foi na época em que resolvi abandonar a universidade, digo, inversidade.

Mudemos de estação, fraterno. Estávamos falando de que mesmo? Ah, da Recuperação. Educação, Reeducação e Recuperação, aqui são assuntos do dia. Antes da instituição do relatório, eles tentavam educar o suspeito ou reeducar o cabeça-dura, insinuando-lhe vantagens e coisas tais. Quando o cara se enchia das visitas e das insinuações, se imaturo, acabava aceitando um encarguinho de nada, que de início parecia a maior moleza da paróquia, mas logo, constatadas as propensões do gajo, recebia ele encargo sério, com obrigações diárias de mostrar serviço e lealdade, e punição severa para qualquer deslize, de tal sorte que até de traidor da pátria o cara poderia ser acusado. E nunca as experiências do Dr. Pavlov foram tão usadas para domar o bicho humano, meu fraterno! Funções? Inimagináveis. Tanto poderia ser um sua excelência freqüentando um curso de extensão universitária como desempenhar funções numa oficina, num escritório ou em qualquer parte, dependendo das propensões reveladas, nada impedindo, contudo, que realizasse trabalhos extras, como campanar suspeitos, delatar revelados, etc. e tal. Pela quantidade de relatórios e pela dedicação demonstrada, o cara podia galgar os degraus da complexa hierarquia legionária, atingindo alturas formidáveis no topo da pirâmide. Já os relapsos tinham outra sorte. Eram encaminhados à reeducação e quando não demonstravam capacidade de assimilação, como aconteceu com o Liô, eram recambiados ao setor de recuperação. Aí entravam em ação os técnicos em educação, dos quais já lhe falei.

Como lá fora cupins cada vez são mais raros, os legionários resolveram mudar um pouquim de tática, preferindo não perder tempo e enviar o suspeito imediatamente ao setor de recuperação, precisando antes passar pela recepção, que se encarrega das medidas preliminares, que variam de acordo com a personalidade do reeducando. Tanto pode ser submetido a umas técnicas moderninhas de persuasão, que inclui a insinuação, a palmatória, o pau-de-arara, o tarugo no lolô, cassetete na vagina, em se tratando de reeducanda, choque elétrico no sem juízo, quebra-nervos, rodinha de bater, toalha molhada, afogamento, e outras brincadeiras que além da finalidade precípua de preparar o reeducando para a necessária meditação e repúdio ao passado, causam uma agradável sensação aos técnicos em reeducação, que vivem rindo, principalmente quando o reeducando recebe umas descargas nos bagos e faz aquelas horríveis caretas de pavor. Então o professor, digo, técnico, digo, carrasco solta aquela patriótica risadona com indisfarçável satisfação do dever cumprido e os seus colegas logo vão chegando, atraídos pelos gritos, e se deliciam também. As vezes o reeducando tem fôlego de um Veludim e após uma semana de brincadeiras continua despertando risos e gargalhadas. Então é levado ao pátio e os do pelotão de fuzilamento, após as formalidades de estilo, como "atenção! Sentido! Apontar... armas!..." completam o trabalho dos seus coleguinhas. Mas como as técnicas podem variar e essa fase é ainda meramente insinuativa, sempre surge um pretexto para adiar-se a execução e o reeducando, feliz por não ter partido para a pior, tem mais uma oportunidade de dar o serviço, assinar cartas ou confissões do tipo professor Farofa (você se lembra dele, maninho?), caso contrá-

tral de Triagem. Daqui uns são encaminhados à Recuperação, outros desaparecem do dia para a noite, outros ainda partem para o Além. Como aí fora, conversar não é possível, mas sempre há jeito de se ficar sabendo das coisas. Como funciona a Central de Triagem, por exemplo. No próprio percurso, enquanto o papa-cupim nos conduzia, os fardados conversavam sobre o assunto insinuando que alguns cupins podem ser recuperados e até bons serviços prestar à pátria. Não dei lá muita bola para a ensaiada conversinha e logo fui mudando de estação e comecei a pensar em você, no Veludim, no bom Liô e em tantos irmãos de ideal.

#### XVII

Aqui só se fala em recuperação, querido. É uma forma que eles encontraram tentando educar cupins e suspeitos. É que na nossa mui amada América Portuguesa em toda parte você só se depara com fardados, legionários e colaboradores. Todo mundo tem que apresentar serviço e se identificar, toda vez que for abordado. Já lhe disse isso, não? Alguns, como o Liô, tentaram embromar mas não é fácil fugir ao cerco. E mesmo o sujeito com outras idéias é obrigado a fazer o relatório e de preferência apontar alguém, descrever fatos, demonstrando serviço com afinco, do contrário acaba preso. Na Central de Triagem, colaboradores de todos os níveis, até psicólogos, técnicos e especialistas em torturas estão seriamente preocupados em salvar a pátria (ou a pele?), ministrando educação aos suspeitos e reeducação aos cupins já identificados. Os suspeitos e os imaturos passam por tratamentos especiais e freqüentemente uns e outros subscrevem cartas e extensos manifestos que são na íntegra publicados pela imprensa arrolhada e assim repudiam o passado e fazem profissão de fé, com promessas de bem viver legionariamente. Como recompensa são isentos de sanções penais cada vez mais rigorosas, quando decorrentes de delitos contra a Segurança Nacional, cujo conceito depende da inspiração do julgador, como você já deve ter notícia.

*Habeas Corpus?* Existe, sim, para bandidos, públicos ladrões arrombadores, estupradores e crimes afins, geralmente praticados por legionários e colaboradores.

Como inspiração depende de tempo e de lugar, de motivos e circunstâncias, até que um sua excelência doutor julgador decida que o ato praticado não é atentatório à Segurança Nacional, etc. e tal, você pode imaginar, fraterno meu, o que acontece por aqui. Além do mais, querido, aqui os poderes são independentes e harmônicos entre si, como você também não ignora, mas qual é o sua excelência, sem garantia alguma, capaz de controlar a rapidez com que agem os Esquadrões Revolucionários!

E você acha, mano velho, que numa época como esta que um sua excelência julgador seria tão tolo assim de se meter em encrencas, concedendo HC, quando a própria lei, digo, decreto, digo, decreto-lei, digo, portaria, digo, ordem de serviço, digo, decreto secreto, digo, instrução especial de sua excelência faculta que ele se inspire ou, querendo, deixar que o tribunal superior promova a verdadeira justiça ou disfarça, digo, desfaça o eventual equívoco cometido pelo julgador inferior!

Não estou afirmando nada, querido. Tô apenas me lembrando de observações feitas em classe certa feita por um sua excelência que acumulava as funções de juiz, professor de direito, gerente, digo, dire-

tanto, meu caro, aqui estou para convocá-lo para essa luta sagrada, que enseja oportunidade para que todos demonstrem lealdade a sua excelência e ao sistema. A exemplo de outras personalidades, o sr. poderá prestar à nossa pátria inestimáveis serviços, quer na área universitária, quer na de comunicação social, quer onde bem se sinta à vontade. A título de sugestão, se assim me permite: poderá voltar ao nosso convívio universitário, terminar o curso interrompido, freqüentar cursos de extensão, em outras áreas, inclusive a da sua especialidade e assim, unindo o útil ao agradável, prestar valiosa colaboração à nossa causa, diagnosticando os anseios sociais que existem ocultos nas diversas camadas universitárias. Há ainda um leque de alternativas: colaborar com a Grande Enciclopédia de Moral e Civismo, que a nossa universidade está organizando, escolhendo os verbetes de sua preferência. E, se de tudo isso nada lhe atrair, poderá fazer parte do setor educativo. Temos uma base composta de várias áreas, desde o operariado que anda muito precisado de educação básica de moral e civismo até as mais altas cúpulas. Tanto os peões que estão na base, passando pelos auxiliares da classe média até os cavalheiros, que se situam no vértice da pirâmide, todos necessitam de informações, numa reciclagem permanente como está a exigir a vida moderna. Para essa missão educativa e informativa, os Legionários da Ordem estão atentos, atuantes e prontos a se defenderem dos inimigos..."

E acendeu mais um cigarro e finalmente arrematou:

"Nas democracias dinâmicas não há outra alternativa: ou se está contra ou a favor; ou se é leal ao sistema ou este tem que cuidar de educar o cidadão para servi-lo. Quem teimar em recusar essa ordem responderá pelas conseqüências..."

O lenço que eu constantemente levava à testa estava completamente ensofado. Então sua excelência bateu as mãos abertas nas coxas gorduchas, levantou-se e se despediu:

— ...“E não se esqueça de que na reitoria estamos às suas ordens, aguardando a sua colaboração”.

#### VIII

Veludim, agitado, corria de um canto para outro tentando alcançar algo que os meus olhos míopes não divisavam. “Brincadeira de gato” — pensei logo, e permaneci na minha: deitado no sofá-cama, contemplando o teto e pensando nos planos de sua excelência professor doutor reitor. Mas como o bichano aumentou o corre-corre, eriçando-se todo, soltando estranhos miados que não se confundiam com aqueles que ele sempre costuma dar em cima do telhado vizinho, exortando a bichana amada sua, logo percebi que começou foi uma briga feia, dessas que a gente costuma chamar de vida e morte. Quando me convenci de que aqueles botes não podiam ser de brincadeira, virei-me mas ele já havia pulado para o outro lado; virei-me novamente e percebi que continuava implacável na luta. Ao me levantar e a vista firmei é que percebi o estranho vulto atrás de mim lutando com o pretinho. O arrepio que me correu o corpo inteiro você nem pode imaginar, mano velho! E estirei o braço direito e alcancei os óculos que estavam na mesa, atrás de um livro. E logo que as vistas se corrigiram e me veio aquela sensação e os pêlos se eriçaram como o bichano enraivecido. E minhas pernas fraquejaram, e os cabelos pareciam atraídos por um imã. Tudo imantado, maninho. E vi, querido, com os meus olhos mí-

pes, mas corrigidos por fortes lentes, aquele estranho monstro, que não sou capaz de descrever, pois você sabe, mano velho, que nunca fui capaz de nada descrever. Mas pra você ter uma idéia, querido, basta dizer que o monstro foi invadindo o apartamento (não sei por onde entrou), e do seu imenso tronco foram brotando milhares de dedos, uns compridos, outros curtos; uns calejados, outros grã-finos. De várias cores e idades variadas. Uns eram esquisitos mesmo; enormes, para serem de gente. Outros, pequenos demais, infantes mesmo. E chegou um momento em que Veludim deu tudo o que podia e apelou para as unhas, para os dentes, mas que nada, maninho, o gigante cada vez se aproximava mais. E quando parou de avançar mas não se de movimentar, os milhares de dedos se transformaram em milhões e todos se voltaram para as estantes e senti que os livros começaram a se mover. Uns caíram em cima da mesa e, como havia muita poeira, o monstro se mexeu raivoso (parece que a poeira lhe atingiu as vistas). As vistas? Nesta altura, mano velho, já me encontrava no banheiro, tentando ligar o chuveiro e não consegui assistir à bagunça que aqueles dedos todos promoviam na biblioteca. E Veludim, não sei se por medo ou solidariedade, veio me fazer companhia e ficou ali no canto todo erigido com aquela cara de leão da Metro dos seus momentos de raiva. E do canto não saiu. Tranquei a porta, retirei a chave da fechadura para poder contemplar pelo buraquinho e de um certo ângulo consegui ver parte da biblioteca de onde foram retirados os últimos livros.

#### IX

O isolamento sempre dá nisso: extrapolações monstruosas, meu fraterno!

Sem alguém questionando, o sujeito só pode acabar mesmo naquela situação assim-assim em que me encontrava. Não fosse o Veludim, creio que até hoje estaria no banheiro, banqueteadado pela fauna cadavérica ou quem sabe servindo de manchete aos arrolhados, pois notícias assim nossa imprensa profissional adora e requinta com imaginação colorida estorinhas em torno do defunto que muitos aceitam a enganação e até pensam: como os nossos escribas, digo, jornalistas escrevem bem! São verdadeiros mágicos! — admitem outros. E assim tudo vai se transformando em magia e a realidade nos massacrando, querido. E ignoram, fraterno, os milhares de cupins que são seviciados quando não devorados por tamanduás malvados. Os cupins aqui do prédio, por exemplo, que foram liquidadados porque se negaram a colaborar e a dar serviço, não mereceram sequer um registro de duas linhas da nossa arrolhada, que tanto alarde faz em torno de acontecimentos que não têm a menor importância na ordem dos fatos.

Felizmente me refiz daquele transe horrível que terminou no banheiro, com Veludim ali de lado, faminto, extenuado, mas fortalecido de convicção de quem sabe o que está fazendo. E quando me recuperei é que percebi quanta beleza havia nos olhos esmeraldinos do pretinho! Aquele sorriso belo e permanente estampado no seu rosto me deixou orgulhoso da nossa condição de cupim. Cupim? Depois comecei a sentir aquele complexo culposo de — como diria mesmo? — de tendo sido ou eles querendo que eu seja um deles, um legionário, um colaborador, um diagnosticador da situação como olheiro universitário, um escritor oficial vindendo minha consciência à enciclopédia de moral e civismo! Ah, meu fraterno, zipar a boca é crime que não cometo como

cerraram as portas, fiquei naquela dúvida: “vão voltar? Algum legionário virá logo ocupar o estabelecimento a exemplo das habitações vagas pelos cupins desaparecidos? Se esqueceram do porão ou desejam apenas prolongar o meu penar?”

E continuei com esses pensamentos assim-assim, meu fraterno, a noite inteira que me pareceu mais longa do que esse tempo todo que aqui habito. Quando os primeiros raios de sol penetraram no porão anunciando um novo dia, me dei conta da fraqueza que me dificultava a locomoção. Mas como que um fiozinho de esperança começou a me animar. E pensei em você, mano velho, no bom Liô, no pretinho e em tantos irmãos desaparecidos. Janjão aproximou-se da garrafa térmica e a seguir examinou o lugar onde costumava guardar as provisões de alimento, parou junto do caixote que me servia de criado-mudo e ali permaneceu não aparentando decepção com a falta de alimentos, cujas sobras ele e os seus relativos todas as manhãs aproveitam e me contemplou, com um jeito amigo de que também veio trazer solidariedade. E assim me distrai um pouco, livrando-me dos pensamentos assim-assim que não me deixaram pregar os olhos durante a noite. Então criei coragem e resolvi tomar a única iniciativa que me parecia viável: deixar o porão.

Quando alcancei o salão-refeitório, não sentia mais aquela fraqueza de que já lhe falei, mano velho, mas me vi diante de um obstáculo em que não havia pensado: as portas estavam trancadas e só depois de muito matutar, resolvi voltar ao porão e tentar o vitrô com auxílio de um martelo que encontrei debaixo do balcão.

No fim da tarde a operação chegara ao fim, mas aguardei que a noite chegasse para ganhar a liberdade.

#### XVI

Era tarde da noite quando deixei o porão com aquela sensação de que havia ganho a liberdade. Mas logo que comecei a andar sem destino, topei com a realidade. Para onde ir? Como, sujo, barbudo e com o cabelo à Jesus Cristo, disfarçar-me, numa terra onde cabelo à escovinha é indício de colaboração e a limpeza uma questão de honra legionária? Onde encontrar um canto para repousar a cabeça e um copo d'água para matar a sede?

Mas perambulei por umas ruas pouco iluminadas, tomando cuidado para não encontrar algum credenciado. A fraqueza voltou. Me encostei atrás de uma banca de jornais no fim da rua, e mal comecei a cochilar, um inspetor de quartirão apareceu e me despertou com uma delicada maneirinha chutando-me as pernas e em seguida me fazendo levantar com um violento puxão de orelha, talvez para não sujar as mãos na encardida jaqueta de brim azul que eu usava. E logo foi puxando o berro e exigindo credencial. Ainda embromei um pouco procurando nos bolsos identificação que ele percebeu não existir e sem perda de tempo me levou para o papa-cupim estacionado na esquina da rua próxima. Enquanto os de farda me empurravam para dentro da viatura, o auxiliar paisano despedia-se com uma caprichada continência que não foi respondida, mas isso parece não tê-lo desapontado e com alegria estampada na cara retirou o talonário do bolso e começou um longo relatório que certamente merecerá elogios especiais do seu superior.

Pois bem, mano velho, só agora me sinto aliviado de tudo o que se passou, ao lado dos irmãos cupins, que não param de chegar à Cen-

preta começou a grisalhar e por odem do legionário superior aqui do pedaço o infeliz teve que mandar cortar o cabelo à escovinha. Sim, o de unhas manicuradas, que sempre está insinuando falta de serviço, o que deixa o bom Liô transtornado e ansioso de ajuda por parte de alguém que lhe aponte uma saída. No nosso último encontro, ficaram-señ solução as perguntas que ele me trouxe sobre o preenchimento do relatório, cujo prazo de entrega termina na próxima quinta-feira. Logo que se foi, me veio aquela angústia de nada ter feito pelo amigo que tudo vem fazendo por este borregão aqui que ele sempre teve na maior das considerações, proclamando até virtudes de inteligência e caráter que agora provavelmente deve estar pondo em dúvida.

Ele, mano velho, logo ele que me acolheu neste cantinho, enfrentando todos os riscos de proteger cupim e sequer um adjutoriozinho de nada conseguiu de mim para aliviar o remorso que lhe pinica a consciência o tempo todo!

Hoje passei o dia remorsado por mais uma vez não ter posto em prática a recomendação do nosso mui considerado poeta que Liô tanto admira: "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer". Eu, você, todos nós cupins que sempre vivíamos a citá-lo em discursos, escritos, etc., acabamos não fazendo o que pregávamos. Eu, principalmente, falhei mais uma vez quando deixei de seguir o exemplo do Veludim em defesa dos livros. E agora que o Liô anda tanto precisado de uma palavrinha de ordem para fugir do cerco legionário, o borregão nada fez para tirá-lo da perplexidade.

Faz tempo que ele se foi. A razão que me trouxe não consegui engolir. Larguei-a ali de lado e pelo visto Janjão e seus relativos a ela já devem ter dado fim.

Quando o suor começou a banhar meu rosto, as axilas, os pés e as virilhas, tive vontade de gritar, empurrar as caixas que despistam a entrada do porão e ir de encontro ao bom Liô e juntos darmos cabo à nossa angústia. Porém, mano velho, mais uma vez a sinetinha dessa merda que se chama prudência me fez esquecer a recomendação do poeta.

## XV

Começava a escurecer e era grande o movimento no bar-restaurante do Liô quando os homens apareceram. Vieram num papa-cupim novo, em que cabem mais de cem pessoas. Desceram rapidamente empunhando fuzis-metralhadoras e numa operação-relâmpago uns deles ocuparam as portas da frente e do fundo, enquanto que os demais apontaram as suas armas para os presentes, ordenando o chefe: "Mãos aos altos! Permaneçam todos como estão! Quem se mexer leva fogo!" E imediatamente foram empurrando um freguês por vez, que podia baixar os braços ao apresentar a credencial. E os desprevenidos que não comprovavam a sua condição de colaborador, quer exibindo o talonário, quer mostrando o distintivo ou outro meio qualquer de identificação, eram atirados para dentro do papa-cupim, cuja portona traseira foi colocada rente à porta de entrada do estabelecimento. Os liberados que se identificaram foram se mandando rapidamente, sobrando o Liô que só entrou na viatura depois que cumpriu todas as ordens: eles examinaram os banheiros, a cozinha, o sótão e até as geladeiras e os balcões-frigoríficos vasculharam.

Não sei esclarecer, mano velho do coração, como não descobriram o fundo falso que dá acesso ao porão! Como desligaram a força e

também não admito usar estes dez dedos que todos os dias padecem tentando dar forma às idéias no desgastado teclado da trintenária Olivetti em troca da maior das seguranças deste mundo. Prefiro acabar na cloaca máxima onde repousam todos os cupins do mundo a prestar-me ao que sua excelência professor doutor reitor e o de cabelo à escovinha insinuaram. E você não é capaz de imaginar, mano velho, o quanto padei ao convencer-me de que sequer cupim era considerado. Era o que era. Era o que sua excelência professor doutor reitor disse claramente: um idealista, pensando numa coisa e fazendo outra, que merda nenhuma representa na ordem dos acontecimentos. E aquele esforço todo, maninho, que eu realizava pretendendo desengatar a ordem das coisas? Merda de esforço, querido, luta descoordenada, idealista quixotim, admiti finalmente. E a satisfação foi tal que Veludim tudo entendeu e apesar da já explicada fraqueza física, meneou a cabeça como sempre faz quando saudando algo que lhe agrada e veio me fazer agradados, roçando o seu corpo aveludado nas minhas pernas. Mas falta graúda continuo sentindo, meu fraterno, de diálogo com alguém, além do pretinho, que tem se revelado um companheiro extraordinário. Sabe da última? Antes daquela madorna que precedeu aquele momento que me fez nascer essas reflexões, estava pensando numa dificuldade que não sei como resolver: a biblioteca. Não é preciso redizer que livro, maninho, na idéia deles, é um perigo e contato com biblioteca que não seja a permitida por eles só serve pra aumentar cupins. E por isso, mano velho, tive pensando se o monstro que aqui esteve não era um tamanduá pré-histórico que veio saciar a sua milenar fome de cupim! Mas como tamanduá verdadeiro não possui dedos tão diversos, logo espantei a ideiazinha da cabeça.

Eu estava dizendo que antes da madorna pensei em que fim dar à biblioteca e nas reações do de unhas bem cuidadas e do sua excelência professor doutor reitor quando aqui retornassem encontrando as estantes vazias e eu não sabendo o que explicar pois nem mesmo alegar que todos aqueles livros tinham sido jogados fora e coisa e tal porque não seria possível convencê-los da saída deles pela portaria ou que foram atirados aos latões de lixo. Livros, afinal, maninho, são tão perigosos como arsenais atômicos e seria pueril imaginar que o de cáqui lá da recepção deixaria alguém passar com pacotes sem que fosse logo xeretando, principalmente aqueles pacotões todos que seriam necessários. Terminei agarrando no sono e enforcando a ideiazinha. E depois da madorna que me deixou lúcido tive um pensamento que também foi enforcado: queimar os livros. Veja só, mano velho, queimar os livros! Veja você, meu fraterno, quanta bobagem um cara apavorado é capaz de cometer!

Mudemos de estação, maninho.

O que me encasquetou um bocado mesmo, maninho, foi encontrar razão para a atitude de sua excelência o professor doutor reitor me contando sem reservas consulosas detalhes da estratégia governamental de sua excelência o presidente. E logo um cara de tanta responsabilidade, reitor, professor, doutor, formador de consciência, homem de confiança, legionário graduado, se abrindo para um cupim! Ou tudo aquilo não passou de uma isca? Isca? Será que eles têm este borregão aqui apavorado na conta de um difícil que precisa de isca ou os legionários não estão dando conta das tarefas e se continuar a mortandade de tantos cupins logo eles estarão demasiadamente cansados para rea-

lizar o ambicioso programa de sua excelência o presidente e com isso resolveram amaciar alguns cupins indecisos, idealistas, me confundindo como um dos prováveis?

X

O inseparável cachimbo de mangueira que há tanto tempo estava ali de lado me salvou. Eu fui comprar fumo no café-restaurant e por lá me demorei alguns minutos, quando Veludim apareceu, tão afobado que chamou a atenção de uns e outros e foi logo entrando entre minhas pernas, não com aquele jeitinho delicado que você tanto admira, mano velho, mas afobadão mesmo, sem brilho no olhar e com a cauda arriada. O bom Liô tentou uns agradinhos: "psiu-psiu-psiu" e quando percebeu que o pretinho não lhe dava confiança, foi ao armário de frios, trouxe um naco de salame que o bichano tanto aprecia e que pelos meus cálculos passava de cinquenta gramas, balançou-o, caprichou mais um psiu-psiu e em seguida atirou-o próximo dos seus pés, mas o felino continuou indiferente, só sossegando quando resolvi acompanhá-lo. E deu aquela carreira (uma viatura policial que passava a toda quase o apanhou) e foi descendo a rua, rente à calçada. E no quarteirão próximo de casa, quando ia dobrando a esquina para ganhar a nossa rua, estancou, eriçado, com a cauda levantada, sinal de que algo de grave estava acontecendo. Então estanquei também. Foi quando me dei conta da grande movimentação nas proximidades do nosso prédio com a chegada de mais um papa-cupim. Uns pares deles se puseram de um lado e do outro, com os fuzis-metralhadoras apontados, formando um corredor por onde outros deles e mais uns colaboradores peões conhecidos aqui do pedaço, mais o de cáqui, sobraçavam os livros e atiravam-nos dentro do segundo papa-cupim, enquanto o primeiro partia lotado. E no jogar, umas brochuras de capa mole caíram no chão e um deles, irritado, chutou um volume que foi parar perto do pneu traseiro esquerdo, mas depois o apanhou como quem pega um objeto imprestável e o atirou para dentro do papador de cupim. Cheguei a pensar por um instante e me aproximar tentando salvar os livros, mas logo a sinetinha da razão me convenceu do contrário e sequer em defesa do pretinho esbocei o menor gesto; quando o bichano, percebendo a falta de iniciativa aqui do borregão idealista, largou-me ali indeciso e subiu a rua correndo, entrou por entre as pernas de um deles que acompanhava atento o transporte dos livros, pulou na goela do grandão que pelo visto parecia o chefe deles e houve aquele alvoroço.

Não tive peito de seguir o exemplo do felino, já disse. E agora me sinto envolvido num puta complexo de culpa, mano velho do coração.

Ouvi bem, querido, quando o de cáqui, que nunca foi com a cara do pretinho e vice-versa, advertiu com voz firme: "*Cuidado com o gato!*", mas o aviso chegou tarde ou o de pinta de chefe não deu a devida importância ao felino. E fui me mandando, indiferente da sorte do meu nobre amigo.

Eu não tinha nenhum motivo pra voltar ao café-restaurant, mas aquela atitude depois me deixou tão abalado que fiquei sem rumo a tomar. E acabei me acudindo com o bom Liô, que abriu a porta do balcão e com aquela habilidade própria de quem sabe o que está fazendo me conduziu para os fundos do bar. Felizmente os fregueses logo que perceberam a confusão se mandaram todos e me aliviei um pouco. E desci por uma escadinha de madeira que me deixou no po-

da, que a imprensa arrolhada não deixou de apoiar, houve uns e outros que andaram protestando, coisa que não se vê nesta terra há tanto tempo! E sabe quem? Justamente os legionários que possuem gatos pretos e que se viram ameaçados de perdê-los, pois como a captura de um subversivo, digo, gato preto vale dinheiro, elogio e promoção, não foram poucos os que com agradinhos conseguiram atrair bichanos de estimação de famílias legionárias faturando um tutuzinho extra. Até que vários equívocos fossem desfeitos, muitas madames reclamaram e umas e outras até formalizaram protesto junto ao Serviço de Proteção aos Animais, que ainda não se manifestou a respeito da questão, que "guarda conotação com o interesse público e requer madura reflexão antes de mais nada", conforme declarou um dos dirigentes da entidade em entrevista coletiva promovida por um sua excelência ligado ao setor de comunicação das forças legionárias. E como aqui se editam leis aos montes e nem sempre as fontes do direito estão atentas para possíveis conseqüências que terão as leis novas, a ordem que instituiu o concurso "caça ao gato preto" parece não ter levado em conta a euforia juvenil enzimada pelos mestres e, na falta de gato de rua, de uma hora para outra apareceu escolar faturando até um bichano por dia, no auge da campanha. Mas como os legionários estavam um tanto preocupados com a repercussão da campanha, uns e outros não perceberam que os seus próprios animais de estimação poderiam ser recolhidos como prováveis subversivos, digo, Veludim e partidários. E como gatos de cupim, ou de rua, como dizem eles, não estão mais dando sopa por aí, o que se pode concluir de tudo isso é o seguinte, mano velho: os protestos não partiram de cupins; os gatos capturados pertencem a legionários que inventaram o tal de concurso. É como fica a questão de honra levantada pela alta cúpula legionária?

Nem sei como gastei tanto papel para abordar um assunto que deveria passar despercebido nesta hora de tantos problemas sérios exigindo outras atitudes, mas como aqui insignificâncias geralmente ganham dimensões de acontecimentos universais, desviando a atenção do povo da realidade, não porque convivo com ratos que ficaria infenso ao que por aí fora acontece. A final de contas, meu fraterno, na falta de o que fazer, se a clarinada ainda não foi dada para a gente se empenhar de corpo e alma com coisa séria, conforme observação do bom Liô, não consegui ainda me divorciar do que se diz nas poucas oportunidades em que o zipe deixa escapular algo da boca de uns e outros preocupados com o destino deste nosso territóriozinho de oito e meio milhões de quilômetros quadrados e com a sorte de cento e tantos milhões de americoportugalenses. E até jornal arrolhado voltei a ler, na falta do que fazer e da imprensa nanica que não consegue chegar até aqui.

A situação do Liô? Esta manhã ele permaneceu longo tempo tentando encontrar uma saída e o que restou no fim de várias horas pensando juntos foi uma angústia estampada no rosto dele, que não é mais aquele de aspecto tão jovial de uns tempos atrás. Depois desse tal de relatório, do interrogatório de três dias seguidos a que foi submetido para explicar aos homens os agrados que fizera ao Veludim e no fim o cerco para torná-lo colaborador e agora inspetor de quarteirão obrigado a usar distintivo, dar serviço e dependurar o retrato de sua excelência o presidente no estabelecimento, tudo isso está estraçalhando o nosso bom amigo. Nem assobiar ele assobia mais; sua basta cabeleira

Uma noite dessas ele se aproximou tanto que até o dedão do pé cheirou, mas não cometeu malvadeza, mesmo porque eu fui logo encolhendo as pernas e as cobri com o cobertor. Janjão voltou outras noites mas nossa convivência tem sido tão pacífica de causar inveja aos que vegetam, digo, vivem aí fora. Até os ratinhos infantis já não se assustam quando me levanto nas noites insones ou quando necessito circular pelo recinto.

Ah, mano velho, outra novidade que ia me esquecendo de contar. Os altos escalões legionários resolveram pôr em prática a "operação pega gato". Aquelas carrocinhas tão conhecidas da população e odiada pelas crianças, que andavam por aí lotadas de vira-latas, agora acumulam uma nova função. Além do aumento do número de viaturas, contrataram hábeis laçadores que além de especialistas em laçamento de cães receberam treinamento especial em captura de gatos, que cada vez andam mais espertos, desde que se iniciou a "operação". Se bem que a ordem é de capturar só gato preto, os demais bichanos também resolveram se cuidar. Os chamados gatos de raça, esses que todas as madames americoportugalenses que se prezam possuem um ou mais, estão fora de perigo, uma vez que os seus amos cuidem de registrá-los na repartição competente. De sorte, mano velho, que até os miados e lamentos dos bichanos que eram ouvidos à noite e que me faziam lembrar do pretinho nem isso existe mais por aqui.

Ah, outra novidadezinha sem importância mas que serve pra engordar escrito: instituíram para os menores de dezoito anos que não são obrigados a apresentar relatório um concurso permanente denominado "caça ao gato preto". Nas escolas, os professores receberam instruções para, ao fim de cada aula, perguntar o seguinte aos alunos: "E a caça aos subversivos, digo, aos gatos pretos, como vai?"

Todo estudante que se apresentar com um gato preto além de receber um prêmio tem elogio público em classe e registro especial no prontuário escolar que equivale a um relevante serviço prestado à pátria e pode ajudar na aprovação no final do ano. Só que gato registrado não vale. Um detalhe que o Liô deixou de falar: não sei como as grã-finas, depois de toda essa onda contra Veludim, ainda conservam os seus gatos pretos.

#### XIV

Ih, mano velho, o concurso "caça ao gato preto" tem dado a maior confusão! Como os bichanos desapareceram da praça e todos aqueles especialistas e as carrocinhas permanecem ociosos, os legionários resolveram tornar obrigatória a campanha no meio estudantil e professor de agora em diante está obrigado por força de dispositivo legal ao fim de cada aula dirigir-se à classe: "E esta turma, quantos gatos pretos já capturou?" E de tanto se repetir a ordem, muitos estudantes acabaram mesmo se convencendo da utilidade da campanha e até meninhas que não são de fazer mal a animais andam por aí tentando pegar os bichanos. Já houve até quem viajasse pelo interior à procura de gatos! Você já imaginou, maninho, o que representa para um jovem imaturo um elogio público por ter capturado um subversivo, digo, um gato preto inimigo da pátria? E uns e outros professores legionários ou desprevenidos até exaltam o complexo machista que os menininhos americoportugalenses já vão crescendo com ele e o acalentando como se fosse um dos maiores dotes inerentes ao homem. E sugerindo de mestre com insinuação machista você já viu! Mas apesar de toda essa on-

rão, onde Liô estoca as mercadorias. O local é bastante escuro, mano velho, não há luz elétrica, mas passado o momento de maior páura, até que me dei por feliz porque logo notei uma janelinha num vitró enferujado e as teias de aranha escurecendo os vidros, mas percebi que pelo menos de falta de ar eu não podia me queixar. E talvez me vendo ali acuado a idéia logo começou a trabalhar e a primeira tarefa foi liquida as teias, antes de abrir a janelinha. E me dei por feliz com aquele pedaço de chão. E passei o resto da tarde empurrando caixa daqui, ajeitando garrafas avulsas dali, tirando outras dos caixotes e preparando o aposento. Logo começou a escurecer e ouvi o assobiozinho familiar do Liô:

"Sim-sinhor-inhor-sim, sim-sinhor-inhor-sim, sim-sinhor..."

#### XI

Quando o movimento declinou e os caçadores de cupim se foram, Liô veio trazer solidariedade; e travesseiro, lençol, colcha, cobertor e pijama, enrolados numa esteira. Demorou pouco e não precisou justificar que seria imprudência iluminar o velho porão. Acomodei-me entre duas fileiras de engradados, próximo à janelinha, que permitia a entrada de ar e claridade, quando um novo dia chegasse. Recostei-me no travesseiro, apoiado num engradado de cerveja, mas o alívio do susto de ter-me livrado dos colaboradores e a solidariedade do Liô não foram capazes de propiciar-me um cochilo. Veludim eu não sabia que paradeiro levou, depois daquele ato de bravura que tanto me comoveu mas não me serviu de exemplo, seguindo-o, ou pelo menos provar que uma vez na vida fui capaz de uma atitude corajosa: enfrentar todos eles, armados de fuzis-metralhadoras, em defesa do pretinho e dos livros, meus melhores amigos, como você, mano velho do coração.

A proteção e a solidariedade do Liô não foram capazes de acalmar este seu amigo sem notícias. A noite foi um nunca se findar de pensamentos assim-assim. Acontecimentos recentes misturados com fatos antigos. E você nem imagina, maninho, como lamentei não ter à disposição lápis, papel e claridade! Teria, certamente, escrito as páginas que jamais sonhei escrever. Os pensamentos chegavam confusos, é verdade, mas em determinados momentos havia tanta lucidez que até suave, quando me apercebia da impossibilidade de transpô-los para o papel. Essa situação me fez sofrer um bocado, mano velho, e quando uma réstia de sol penetrou no porão, anunciando um dia primaveril, continuava ainda me revirando como um animal amarrado tentando se libertar. A dاناção era tanta que nem percebi a aproximação do Liô, assobiando o seu sambinha predileto: "Sim-sinhor-inhor-sim, sim-sinhor-inhor-sim..." com uma garrafa térmica e rações que ficaram de lado, pois quando ele se foi, após uma pequena pausa que me devolveu a sensação de fome, o padecer voltou de novo, com um suor frio que me banhou a cabeça e o restante do corpo.

E para que então, mano velho, este lugar seguro, a solidariedade do Liô e tudo mais, se meu amigo Veludim sofre por aí, se é que não teve outro fim? E os demais cupins que se agrupam, padecer junto é da sua própria condição? Permanecer aqui, entre engradados, ratos, escuridão é até cômodo demais, quando lugar de cupim é ao lado de seu irmão, mesmo correndo o risco de no meio deles ser recolhido às entranhas de tamanduás malvados.

Enfim, maninho, tudo deve seguir a sua própria natureza. Cupim não tem o direito de abandonar seus companheiros e se refugiar na

escuridão, que é o lugar próprio dos covardes.

## XII

Há três dias, maninho, o pedaço vem sendo vasculhado. Colaboradores de todas as classes e origens, enrustidos e revelados, estão revirando a região, talvez mais por uma questão de honra legionária. É uma "operação pente fino", visando descobrir o paradeiro do pretinho. Veludim, meu fraterno, andou tirando sangue do graudão que chefiava o esquadrão que deu fim aos livros e a tropa fardada entendeu que era um princípio de honra executar o bichano, que conseguiu fugir, apesar dos disparos que uns e outros andaram fazendo, mas as rajadas dos fuzis-metralhadoras só serviram mesmo pra despertar comentários na cidade inteira, que já anda acostumada com prisões, destruição de livros, etc., etc., mas tiro mesmo pra valer, à luz do dia, em local de grande movimento, não é toda hora que acontece. Esquadrão que se honra só age na calada da noite, meu querido.

E como os jornais andaram fantasiando estorinhas, deixando um dos arrolhados escapar que o felino levou a melhor, os legionários encerraram a questão: justiça ao gato de qualquer forma. E por força da enfieiração e desdobramentos do fato, criando curiosidade e comentários em toda a cidade, os legionários resolveram afinar o pente. Até o borregão aqui, que há tanto tempo não lê jornais nem vê televisão, se interessou pelo arrolhado que cedeu espaço para a manchete em primeira página: "GATO SUBVERSIVO ATACA POLICIAIS", insinuando mesmo que o pretinho teria parte com o Demo, — "pois é mais rápido do que um raio e, numa fração de segundo, atacou um grupo de policiais que fazia uma diligência" — diz a chamada em tipos graúdos, concluindo a matéria na terceira página: "Vários moradores do bairro, ouvidos pela reportagem, asseguram que o gato preto que atacou os policiais em cumprimento do dever só pode ser um bicho do outro mundo ou um subversivo. Não é possível — acentuou um morador de uma casa em frente do edifício onde o fato ocorreu — que um gato normal seja capaz de tanta proeza e valentia. Só pode ser mesmo obra do demônio" — explicou.

Bem, mano velho, o que mais me preocupa agora não é o paradeiro do Veludim, mas a situação do Liô, que já recebeu ultimato do de unhas bem cuidadas: "O senhor é o último morador do bairro que continua não colaborando. Temos razões de sobra para que o senhor se defina, neste instante de tantas ameaças à pátria e à família". E acrescentou: "Temos testemunhas presenciais de que o gato esteve no seu estabelecimento minutos antes do triste episódio e o senhor deve conhecê-lo tão bem que lhe ofereceu comida e agrados". "Esta é a hora de o senhor provar sua lealdade à causa pública, à democracia. . ." E se foi, deixando o Liô perplexo.

E agora, maninho, o bom Liô nem assobiar assobia mais. Continua vindo uns pares de vezes por dia aqui mas todo cabisbaixo, sem saber como proceder. Sua ficha de legionário já está em poder dos homens e isso o entristece demais, percebi logo no primeiro dia. Mas continua firme na solidariedade e esta manhã se abriu. No bar só se fala nas proezas do gato, com uns e outros alimentando conversa para colher opinião dele, outros por não terem o que conversar, pois já lhe disse que por aqui com exceção de esporte e sacanagem não se pode mesmo opinar. Só vez por outra se ouve uma conversinha diferente mas sobre coisas acontecidas em outras terras. Somos um povo de idio-

ma universal, com mais de cem milhões de patrícios falando a mesma língua, já pertencemos ao clube atômico, botamos falação todos os anos na ONU em defesa da liberdade, nos ufanamos do nosso território-continente sem problemas catastróficos, temos congresso, digo, câmaras, digo, câmaras, assembléias que os estranhas colonialistas dizem ser da essência da democracia, mas tudo isso de nada vale para se discutir. O que diverte a gente mesmo é falar de futebol com conhecimento de sábio e mostrar para o companheiro que em matéria de samba também somos o primeiro.

Você vê, mano velho, como é fácil a gente se desembestar por território alheio, se a nossa conversa era sobre o Liô, em situação tão difícil!

## XIII

Última notícia que me trouxe o bom Liô: doravante todo americano-portugalense é obrigado a elaborar um relatório diário, que será entregue ao superior hierárquico no prazo máximo de quinze dias. E os analfabetos? — fui logo perguntando ao nosso mui considerado Sim Senhor Inhor Sim, que me respondeu prontamente: "Eles podem optar por um gravador ou pedir um adjutório ao colaborador mais próximo". É que os homens, meu fraterno, depois das aventuras do pretinho que ainda anda sumido mas continua alimentando comentários, afinaram mais o pente e concluíram que as fichas de morador em condomínio e habitações coletivas não eram suficientes para controlar os cupins que ainda há por aí. Não que os colaboradores tenham relaxado os seus deveres, mas porque uns e outros andaram faturando alto por conta de achegos sem repartir com ninguém e os legionários graduados, por sugestão de sua excelência professor doutor reitor da Universidade Central da América Portugalense e outros graudões fardados e de fardas mentais resolveram instituir um cadastro geral de todos os que vegetam, digo, vivem na nossa mui amada terra. E quem for abordado e deixar de apresentar o relatório, já viu: terá que se explicar convincentemente ou irá fazer companhia aos demais cupins que diariamente são submetidos às mais modernas e sofisticadas técnicas da polícia científica. Dependeram o cara por algumas horas no pau-de-arara: se ele se explicar convenientemente, poderá voltar à circulação; se não, se autoliqüida — prova cabal de que era culpado; reconheceu o seu erro e foi o seu próprio juiz. E como os colaboradores estão em toda parte e até paisano com credencial de inspetor de quartirão pode exigir a exibição do talonário, o bom Liô demorou-se esta manhã no porão, tentando adjutório aqui do borregão. Ele, além do talonário que possui cinquenta folhas presas em canhotos onde o superior hierárquico apõe a sua rubrica como prova de recebimento do relatório, recebeu também um gravador, que "é de grande valia, na qualidade de comerciante que é e com possibilidades de registrar muita conversa importante", conforme recomendou-lhe o de unhas manicuradas que é o responsável pelo pedaço onde se situa o bar-restaurante. E o coitado se foi sem subsídios, porque meu pensamento estava todo voltado era mesmo para o pretinho. Passei a noite toda nele pensando e houve um instante, alta madrugada, quando consegui um rápido cochilo, que senti a sua presença ali de lado. Mas ao repor a imaginação em ordem, me dei conta do equívoco. Quem estava se aproximando realmente era o Janjão, o ratão que nas primeiras noites em que começamos a conviver juntos andou aprontando umas brincadeirinhas sem conseqüências.

## D'O MANDO



José Júlio de Azevedo

*O paranaense José Júlio de Azevedo teve um poema publicado em Escrita 8. Como da primeira vez, a linguagem é cuidadosa, reveladora de um talento indiscutível. O autor, que trabalha como diagramador na Folha de S. Paulo, já publicou em livro "Havia um Caminho no Meio das Pedras."*



Escurecia. Tinha que ser, posto o sol que se ia. Mais tarde, arbustos resplandeceram de luz de lua minguante. Então apareceram os cães.

Eles palmilhavam cruzando as patas, pisando na grama úmida, ainda molhada da rala e repentina chuva que passou por ali. A um metro de suas bocas ávidas pingava a caça, como um chumaço de algodão em pânico. A lebre corria no extenso verde que não se via, posto noite. A matilha avançava rapidamente, e salivamente grunindo a certeza de presa fácil. Fortes, robusta raça caçadora. Tinham medalhas no peito, das competições caninas (grandes momentos de glória e festa). Os corpos luzindo, passavam fazendo vento nos pêlos curtos. Um dos cães, o Xadrez, deu um mergulho no ar e deslizou em câmara lenta. Boca aberta em direção ao pequeno animal já morto de pavor. O Xadrez deixou cair as patas dianteiras sobre o corpinho branco. O focinho acompanhou dilatado a boca e a mordida. Com a lebre presa firmemente entre as mandíbulas esse cão deu novo salto. Voltou-se bruscamente, acompanhado pelos outros cães numa algazarra de sangue. E uivos.

— Eis o coelho (adiantou-se o Xadrez)

Dizendo isso, ficou sobre as duas patas traseiras, olhando quase aflito o Sr. Gordo de Óculos que estava a olhar o pampa florido de vagalumes e árvores frondosas e pesadas, balançando seus vultos escurecidos de encontro ao gesto noturno. Nisso tudo, a luz ténue da lua minguia, filetes de luz dos vagalumes. Os cães continuavam a ladrar à volta do Sr. Gordo de Óculos e a lua tinha derretido mais um pedaço. Vez e outra, esse homem punha o cigarro na boca e soltava baforadas de fumaça que pouco depois fundia-se nessa mesma noite. Ficava com o cigarro entre os dedos da mão caída. As mangas do paletó esfregavam-se aos punhos brancos da camisa que por sua vez esfregavam-se na pele do pulso, envolto por um relógio.

Jogou fora o cigarro, que por segundos ficou aceso sobre o tapete extenso da paisagem do pasto. Olhou no relógio e viu a hora com um fósforo aceso entre os dedos da outra mão. Só então, voltou-se ao cão Xadrez que lhe oferecia a lebre. O pequeno animal ensanguentou-se em suas mãos. A lua já relava numa montanha distante quando ele jogou a lebre para o alto, sobre a matilha uivosa. Alcançada por essas bocas, foi estraçalhada no ato. Algodão e sangue em suas bocas de arregaçados dentes. Sr. Gordo de Óculos procurou o riacho onde lavou as mãos. A água correu vermelha e misturou-se na correnteza. Enxugou-as num lenço xadrez. Assoou o nariz e deu centenas de passos ao sul. Alguns cães mais nervosos mordiam-se mutuamente, outros ficavam para trás, em cópulas rápidas.

Chegaram a uma árvore carregada de frutos verdes. Passaram pela porteira de madeira que dava abertura ao cercado de arame farpado que protegia os frutos de possíveis ladrões. Eles são muitos e perigosos, pensara o Sr. Gordo de Óculos quando a mandara construir. Nesse cercado o aguardavam: o carro, as luvas e o "trailer" que transportava seus cães caçadores. Sr. Gordo abriu a porta do garboso veículo. Sobre o banco traseiro encontrou a massa ensanguentada, envolta em um jornal noticioso. Os cães latiam em cumplicidade e uivavam a fome. A lua derretia mais um pedaço. De dentro da massa disforme de jornais papados de sangue o homem começou a tirar pedaços de carne humana e a jogá-los aos inquietos animais. Uma cabeça, eles disputavam, quando o Sr. Gordo os chamava agitando um bastão, ordenando que entrassem no interior do "trailer". Olhava as horas mais uma vez e parecia estar impaciente. Como os cães não o obedeciam começou a bater o bastão em suas pernas traseiras. Só então viu o interesse dos animais pela cabeça que rolava sob suas dentadas, já ralada das marcas desses dentes. O homem sorriu minúsculo e alçou a cabeça com o bastão, jogando-a para dentro do "trailer". A esse gesto, os cães também entraram. Fechou a porta, voltou-se para o au-

tomóvel. Abriu a porta, ligou a chave de partida. E o rádio. E um cigarro. E partiu.

O carro berrou e entrou no asfalto. Os cães uivavam. O homem abriu a porta e tirou as luvas. Colocou-as e apertou um botão que havia no painel. Um gás venenoso invadiu o "trailer", matando os cães. O veículo cruzou as primeiras esquinas da cidade. Parou numa delas. Nessa primeira esquina o homem estendeu o primeiro cão morto. Na segunda o segundo cão. Isso ele fazia acompanhado do cão Xadrez, seu companheiro noturno e contínuo. Na terceira esquina o terceiro. A luz da manhã penetrava no asfalto derretido pelo sol, nascendo como um ovo estalado entre as fumaças de duas fábricas. O homem saiu do carro, o Xadrez acompanhou-o. O carro ficou aguardando-os sob duas árvores raquíticas. Cada um dos xadrezes, homem e cão, se dirigiram para um dos lados da rua, entrando pelas portas das fábricas. Duas pastas. Dentifricio de sangue.

Sr. Gordo entrou em seu gabinete, penetrou nas pernas da secretária, borrada em xadrez a boca vermelha desses beijos. Prendeu-a com uma algema de ouro e ordenou que ficasse vestida de longo a olhar à janela que dava para a grande cidade, instalada de uma infinidade de edifícios. Ela ficava a olhar o horizonte recortado pela geometria das diferentes alturas. Uma lágrima de lata na maquiagem.

2

Uma e duas doses de uísque e três e quatro depois do almoço. Os negócios alcoólicos. Besta bucólica paisagem. Duas árvores definindo em meio ao estacionamento. Uma bola espatifada, capotões em sangue, mordidos pelos cães. A lua enfumaçada de baralho e drinks. Unhas mordidas de esmalte e tédio. No copo, no corpo a posse. Caça. O homem arrumou a gravata listrada, falou alguma coisa ao telefone, passou as mãos de alto a baixo nas pernas da secretária e voltou-as às nádegas. Apertou a moça contra seu corpo, beijou-a furiosamente e penetrou num longo corredor que dava para a Sala do Sr. Alto de Bigode. Seus passos procuravam as próximas ordens. Lá dentro, abriu a pasta e entregou um relatório. Coletou novas ordens numa caderneta encarnada, suja de sangue nas bordas remanuseadas. A imagem das duas fábricas, uma defronte a outra. Simétricas e idênticas. Depois a frase iluminada e comercial: Hospital.

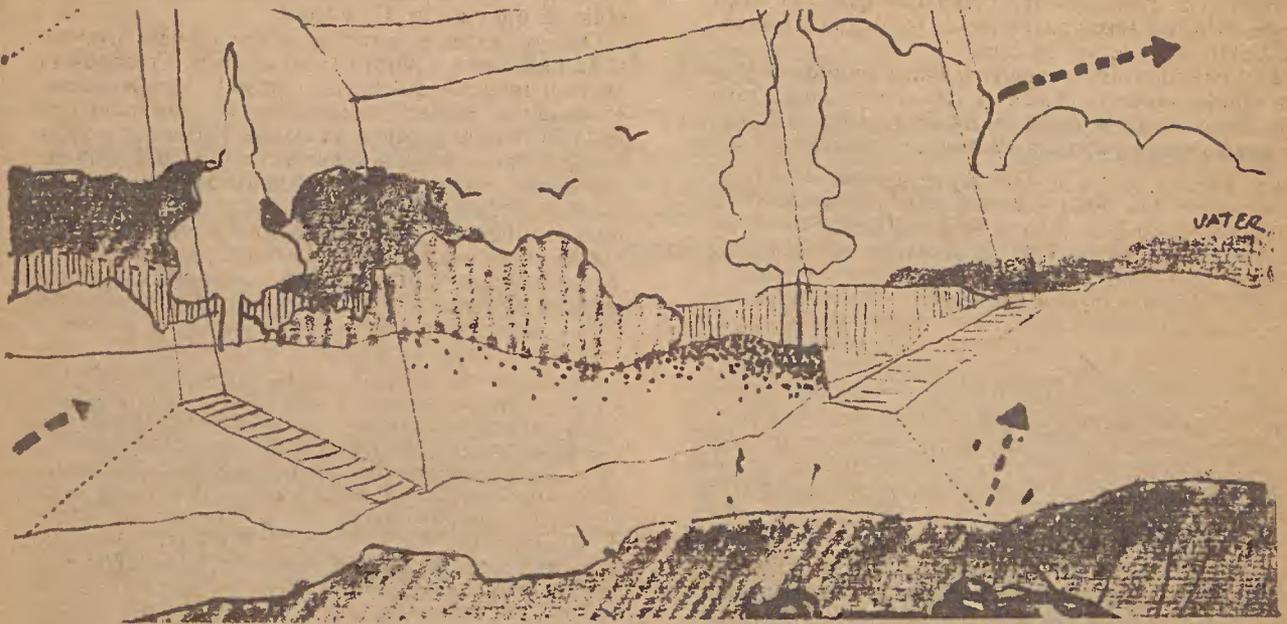
Sr. Gordo de Óculos consultou alguns gráficos pregados nas paredes de seu gabinete. Pegou um embrulho de jornais que a secretária lhe entregava. Saiu da fábrica ao mesmo tempo que o cão Xadrez saía da fábrica defronte. Os dois penetraram no interior do veículo em hora indeterminada da tarde. O sol de posto. Um guarda do estacionamento tirou o quepe e lhe entregou uma Ordem de Compra. Acenaram-se com a cabeça. O guarda recolocou o quepe e o carro partiu.

Minutos mais tarde o Sr. Gordo de Óculos entrou num Canil. Entregou ao gerente a Ordem de Compra. Nova matilha foi colocada no interior do "trailer". Entrou no automóvel, olhou as horas, fez algumas anotações na caderneta e observou a agenda da noite. Acendeu novo cigarro e desligou o rádio. Um vento doce e úmido deslizava de encontro à lataria do veículo que zunia velocidade, mascarando o asfalto. Daí a pouco já se podia observar o pasto inclinando-se levemente, já bordado de vagalumes lampejando o gramaçal que estendia-se pelos dois lados do asfalto. No banco traseiro, ao lado do embrulho e presa numa gaiola de ferro, estava a lebre. Branca de cor e pavor e medo.

O rosto do homem mantinha-se aparentemente calmo, suas mãos pouco tremiam ao volante. O cão Xadrez punha a cara janela afora e uivava noite. Sr. Óculos Escuros ligou o ar condicionado e um ventinho arrepiou os pêlos brancos da lebre. Cara vermelha, olheiras espriadas e sulcos horizontais sobre as sobrancelhas, assinalando a testa como a um próspero homem doente. A lebre no interior da prisão, já morta de branca e de cor. E pavor e medo. Sr. Óculos Escuros engolia uma pílula e religiosamente cumpria sua missão.

# PAISAGENS

oixal



Sérgio Sant'Anna

*Para Leticia*

Não percorro mais a rua de terra, entre árvores, mato, folhagens no vento. Nem me chego à porta, espreitando o canto das cigarras, enquanto adiante acendem-se as luzes dos subúrbios. E muito menos escuto o barulho da chuva, ao lado de uma mulher, na quentura de um quarto. Eis que lá fora o cão sem dono, protegendo-se, também guardava a paz e a casa.

Agora, quando chove, sinto-me encharcado e penso na lama acumulando-se nos ralos. E os animais que partilham comigo o universo não são pássaros, gafanhotos, formigas cortadeiras – e sim baratas. Gordas baratas reluzentes, dezenas delas.

Mas por que não haveremos de nos misturar também às baratas? As baratas talvez tenham sido criadas para que os homens as vejam, repelentes, viscosas, e sintam nojo. É que este nojo neutralize o orgulho de querer fundir-se à Criação pelo seu lado mais belo.

Então percorro, com uma alegria triste, esta nova trilha: a dos alcoólatras ambulantes, vigias noturnos, doentes in-

sones, gatos escaldados. E dando glórias ao Senhor e à perfeição do seu trabalho, penetro em paisagens onde moscas pou-sam sobre restos de um pastel, atirados ao mijo de um bêbado.

A brisa que sopra, agora, dos esgotos, do rio pardacento e imundo que corta a cidade, é recebida com o arrepio reconhecido por uma dádiva. E ainda persistem em mim, apesar de tudo, as árvores, o mato, a rua de terra, a mulher, o canto das cigarras. Posso sintonizá-los nos sons e cheiros, visões famintas; posso capturá-los nas palavras que, emitidas em algum recanto misterioso do cérebro, me possuem como faíscas de relâmpagos.

A rua de terra, árvores, mato, folhagens no vento, refazem-se nessas palavras. Em companhia delas sento-me à porta, ao anoitecer, espreitando as cigarras, enquanto adiante acendem-se as luzes dos subúrbios. E agora estou escutando novamente o barulho da chuva, deitado com a mulher, na quentura de um quarto. Pois sei que lá fora o cão sem dono, protegendo-se, guardará também a paz e a casa.

*Sérgio Sant'Anna ganhou notoriedade nacional com "Notas de Manfredo Rangel. Reportagem (A Respeito de Kramer)", lançado em 1973 pela Civilização Brasileira. Mas havia publicado em 1969 "O Sobrevivente" e em 1975 partiu para um romance, "Confissões de Ralfo (Uma Autobiografia Imaginária)".*



# I CONCURSO ESCRITA DE LITERATURA

## — Estória Infantil —

Vencedora: Maria Lúcia Amaral ("Zé Ventania")

Menções Honrosas: Anco Márcio de Miranda Tavares ("A Invasão do Reino Encantado de Mimesópolis"), Lucia Miners ("Com Quantos Horizontes se Faz um João") e Marco Antônio Carvalho ("A Verdadeira Estória do Lobo e da Chapeuzinho")

### OS QUATRO PRIMEIROS

A pernambucana Maria Lúcia Amaral, autora de diversos livros e peças para crianças, venceu o I Concurso Escrita de Literatura – Estória Infantil, enfrentando 33 candidatos. De uma família de políticos, ela acabou preferindo os livros, o primeiro dos quais, "Caranguejo Bola", lançado em 1945. A ele se seguiram "O Guarda-Chuva do Tio Juca", "Estrela de Ouro", "Perereca", "João Balalão", "Genoveva, a Lavadeira do Céu", "O Casamento de Rita Lagosta", "A Peruca do Porquinho", "A Cabrinha Que Virou Misse", "Peixe-Lua e o Foguete", "O Bailado na Floresta", "Juca-Lingüiça, o Adivinhão", "Jojofre, o Canguru Pugilista", "Criança é Criança" e "Marcianos no Rio!!!". Para teatro escreveu "O Vestido de Estrela-Flor", "O Espanador da Lua", "Cadeira de Piolho", "Genoveva, a Lavadeira do Céu", "A Mulher Que Contava Estrelas" (publicada como estorinha em Escrita 5) e "Iracema, Virgem dos Lábios de Mel". Maria Lúcia, que tão logo concluiu o curso normal em Recife, se tornou inspetora de ensino médio, tem trabalhado como jornalista no Rio de Janeiro, onde mora.

Anco Márcio de Miranda Tavares, paraibano de

João Pessoa, tem 32 anos e, entre outras coisas, é praticante e instrutor de ioga e ator, autor e diretor de teatro. Como humorista tem aparecido com frequência nas páginas do Pasquim. Já publicou um livro de poemas – "Canto Chão" – e promete para breve um livro de contos, "Mundo Mambembe". Reside em João Pessoa e trabalha também como jornalista.

Lucia Miners ou Lucia Nogueira de Carvalho, jornalista/assistente técnica de literatura-Mobral, nasceu em Barbacena, Minas Gerais, mas vive no Rio, onde já passou por diversos jornais: Tribuna da Imprensa, Jornal do Comércio, Correio da Manhã, Última Hora, O Globo, e órgãos da Rio Gráfica Editora e da Editora Bloch. A autora de "Com Quantos Horizontes se Faz um João", além disso, coordenou o curso de literatura de extensão universitária da Faculdade de Filosofia de Campos (RJ) – "Diálogos de Cultura Brasileira Contemporânea" – em 1974.

Marco Antônio Carvalho, que ainda é inédito, nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, há 27 anos. Reside em São Paulo, Capital.

### COMISSÃO JULGADORA E VOTOS

#### 1 — Antonieta Dias de Moraes

(autora, entre outros, dos recentes "A Varinha do Caapora" (Vertente) e "Três Garotos na Amazônia" (Brasiliense), poetisa e tradutora)

Vencedora: Maria Beatriz Tarabal Correa ("Gabriel do Circo", pseudônimo Cristiana J.L.)

1ª Menção Honrosa: Anco Márcio de Miranda Tavares ("A Invasão do Reino Encantado de Mimesópolis", pseudônimo Jesus Iogue)

2ª Menção Honrosa: Lucia Miners ("Com Quantos Horizontes se Faz um João", pseudônimo Alair)

#### 2 — Antônio Hohlfeldt

(jornalista do Correio do Povo, representante da revista Escrita em Porto Alegre e professor universitário)

Vencedora: Lucia Miners ("Com Quantos Horizontes se Faz um João", pseudônimo Alair)

1ª Menção Honrosa: Maria Lúcia Amaral ("Zé Ventania", pseudônimo Amarelinha)

2ª Menção Honrosa: Maria de Lourdes Ramos Krieger ("A Estória de Malhado", pseudônimo Toinha)

#### 3 — Marisa Lajolo

(professora e colaboradora da revista Escrita)

Vencedora: Denise Mello Monteiro de Lima ("O Par de Botas" e "O Caso do Elevador", pseudônimo Mohana)

1ª Menção Honrosa: Anco Márcio de Miranda Tavares ("A Invasão do Reino Encantado de Mimesópolis", pseudônimo Jesus Iogue)

2ª Menção Honrosa: Maria Lúcia Amaral ("Zé Ventania", pseudônimo Amarelinha)

#### 4 — Regina Mariano

(responsável pelo setor de literatura infantil da editora Ática)

Vencedor: Marco Antônio Carvalho ("A Verdadeira Estória do Lobo e da Chapeuzinho", pseudônimo Soma)

1ª Menção Honrosa: Maria Vera Siqueira ("Lata de Lixo", pseudônimo Aquarius)

2ª Menção Honrosa: Maria Lúcia Amaral ("Zé Ventania", pseudônimo Amarelinha)

#### 5 — Wladyr Nader

(editor da revista Escrita)

Vencedora: Maria Lúcia Amaral ("Zé Ventania", pseudônimo Amarelinha)

1ª Menção Honrosa: Maria de Lourdes Ramos Krieger ("Dona Onça da Floresta", pseudônimo Olga)

2ª Menção Honrosa: Marco Antônio Carvalho ("A Verdadeira Estória do Lobo e da Chapeuzinho", pseudônimo Soma)

#### ATENÇÃO

O conto infantil "Zé Ventania" será encartado em nosso número 19 (abril).

## Justificação dos Votos

### 1 — Antonieta Dias de Moraes

Vencedor: "Gabriel do Circo", de Cristiana J. L.

Apesar de muito explorado, o tema do circo sempre agrada às crianças. Interessam-nos o tratamento dado ao tema e o enfoque das situações que nos parecem apresentadas desde o ângulo de visão da criança. Esta, em geral, aceita o absurdo como também os jogos de imaginação, se encontra apoio em alguns dados mais ou menos concretos. Estes lhe são fornecidos através de certos detalhes e em presença de uma lógica inerente à própria narrativa. Não desejamos entrar no mérito dessa questão, apenas recordar que a lógica infantil não é a mesma do adulto. Muitas vezes, em bons escritores encontramos trechos e situações tratados de maneira mais ou menos abstrata, sem que a criança necessite maiores explicações. A dificuldade para o escritor está em saber exatamente onde e quando são imprescindíveis detalhes e explicações. Trata-se de uma espécie de intuição do escritor, que também encontramos em Cristiana J. L.

A linguagem em "Gabriel do Circo" é simples, direta e bastante fluente, mas constatamos deficiências de técnica literária que, não chegando propriamente a prejudicar o texto, impedem contudo maior e melhor expressão artística.

Há grande liberdade de ação do personagem principal, o que é muito interessante numa narrativa para crianças. Gabriel é muito ligado ao tio Panon e é também ao palhacinho Anão, parceiro do tio, o palhaço Zelim. Ao saber da situação difícil em que se encontra o circo, o garoto toma a iniciativa de partir em busca de recursos para salvá-lo da ruína total. Nessa busca conhece outras pessoas e sucedem muitas coisas.

Consideramos que num concurso de literatura infantil é tão importante a revelação do escritor ao público como também a si mesmo. Julgamos que Cristiana J. L. possui as qualidades necessárias a quem deseja escrever para crianças. Entre essas qualidades ressaltamos sua extraordinária capacidade de satisfazer a afetividade da criança, não só no que se refere às relações de Gabriel com os outros personagens, como também no seu desempenho na vida.

Julgamos que o 1º prêmio deverá ser conferido a "Gabriel do Circo", de Cristiana J. L. por ser, sob vários aspectos, o melhor texto concorrente.

1ª Menção Honrosa: "A Invasão do Reino Encantado de Mimesópolis", de Jesus Iogue.

Narrativa movimentada. O autor demonstra talento para armar situações e delinear personagens. Revela também uma certa graça. Tem facilidade de expressão e linguagem simples.

2ª Menção Honrosa: "Com Quantos Horizontes Se Faz um João", de Alair.

Narrativa agradável, impregnada de certo lirismo. O autor tem graça, linguagem simples e ao mesmo tempo muito pessoal.

Para outras possíveis menções sugiro "O Pulo de Jururê", de Di Mevissa: Linguagem simples, narrativa interessante que levará a criança a estabelecer as diferenças entre a vida na selva em contato com a natureza, e a vida numa grande cidade. Ao mesmo tempo através de Jururê poderá se interessar pelos costumes e pela situação dos índios no Brasil. É também "O Índio que Foi pra Lua", de João da Silva, cuja única restrição são as palavras em tupi-guarani, que obrigam o leitor a consultar o glossário.

### 2 — Antônio Hohlfeldt

Vencedor: "Com Quantos Horizontes se Faz um João", de Alair.

A linguagem é acessível, sem ser demasiadamente simplista, e este é um primeiro mérito. O segundo é a

valorização da criança enquanto inventividade, fantasia mas também assunção da vida, na medida em que faz suas descobertas. O diálogo é excelente, e a idealização das personagens é boa, uma vez que cada um — coqueiro e vaquinha — se identificam por maneiras de falar próprias. Enquanto fábula da vida, o texto se configura perfeito, porque embora traga um ensinamento ao leitor, não vem marcado pelo ranço tradicional dos textos que pretensamente, a título de história infantil, pensam que a criança é um ser retardado mental ou coisa parecida. Há naturalidade na maneira de concatenar os acontecimentos, e inclusive o final do conto, quando o menino reencontra as antigas sementes transformadas em florestas, há mesmo poesia.

Recomendo apenas que, em qualquer caso de edição, se abandone a forma inglesa do diálogo, com aspas, deixando a forma tradicional em língua portuguesa, que é o diálogo direto com travessão. O título do trabalho é igualmente bom. Acredito, enfim, pelo texto, que se trate de um autor do norte ou nordeste.

1ª Menção Honrosa: "Zé Ventania", de Amarelinha.

A maneira de começar já mostra a simplicidade e o domínio amplo do estilo. O narrador sabe o que quer e para que veio. Arma a maneira de encantar o leitor, e o faz logo interessar-se pelo que pretende narrar. Da mesma forma que o primeiro colocado, este texto não se distancia da realidade cotidiana, embora não deixe de usar fartamente a fantasia que tanto agrada à criança.

Na correria de Zé Ventania, constrói-se todo um aprendizado válido, porque objetivo, sem porém cheirar a didatismo ultrapassado, que se costuma encontrar — e tanto encontrou-sena leitura destes textos — nas historietas infantis.

Embora na forma não inove nada, o diálogo flui, fácil e simples, mas sempre interessante, natural, como se fala mesmo. Em caso de publicação, recomendo apenas a revisão do texto quanto a alguns erros de português e acentuação.

2ª Menção Honrosa: "A Estória do Malhado", de Toinha.

Não é fácil trabalhar com versos, ainda mais rimados, sem apelar para o artificialismo, e isso, "Pé-de-Pilão", de Mario Quintana, bem o demonstra. Mas Toinha, pseudônimo da autora deste texto, o alcança com simplicidade, sem prosaísmo, com muita graça, em especial no desenlace da narrativa, sem forçar em nenhum momento a rima e sem se prender a modelos de verso. Pelo contrário, nota-se perfeitamente que a construção dos versos se faz de acordo com a necessidade da historieta, bem como os blocos de duetos, tercetos ou quartetos.

A linguagem é corriqueira, dialogada, fluida, e a história é interessante: fica-se a todo o momento esperando um desenlace, mas o autor conduz com gosto a narrativa e lhe dá outro final, que a valoriza sobre o modo, e inclusive emocionante. A inclusão dos elementos televisão e loteria esportiva está bem valorizada, de forma que não desarticula a estrutura da história, pelo contrário, serve para seu desenvolvimento, conforme deveria acontecer.

Acrescente-se, enfim, que a rima é uma facilidade a mais para as crianças lerem com interesse e até aprenderem de cor, quem sabe, passagens do texto.

Além desses trabalhos há a considerar, pelo tema, "O Sr. Muitagrana Chega ao Vale Terra-Amiga: Astúcias de um Caçador de Dinheiro", de Rick-Rick, e em ordem decrescente: "O Par de Botas", e "O Caso do Elevador", de Mohana, "Pensamento no Escuro" e

“Os nomes dos Dedos”, de Ricardo, e os textos de Selma (“As Três Bonecas”), Soma (“A Verdadeira Estória do Lobo e da Chapeuzinho”) e Tangu-Tangu (“Dei com uma Porta e...”).

### 3 — Marisa Lajolo

Posta em sossego e de meus anos colhendo o doce fruto, aceitei, contente e fagueira, fazer parte do júri do Concurso Escrita de Literatura Infantil. Ledo engano! Nas várias leituras, comigo me desavim. E fiz as pazes e desavim de novo e, não fosse a revista precisar de resultados até o fim de janeiro, adeus viola! continuaria avindo e desavindo.

Os textos eram muito heterogêneos: alguns, de proselitismo epidérmico e bombástico; outros, revelando incontrolável ânsia didática; outros, metrificadas à força; outros curtos, outros longos, outros piegas, outros satíricos; outros, ainda, completamente dissidentes da ortografia e pontuação portuguesas. Enfim, uma amostragem fiel de tudo o que grassa por aí em nome de literatura infantil.

As leituras iam me deixando cada vez mais perplexa. Como, tantas pessoas, pretendendo fazer a mesma coisa, faziam coisas tão diferentes? E eu? O que pensava desta coisa que todos pretendiam fazer? Paciência, mas cedo ou tarde tenho de confessar: nestas alturas já não pensava nada, de tanto que pensava e dispensava. Decidi, então, aderir ao princípio do arrepio, isto é, o texto que me arrepiasse a espinha era bom, e o que não arrepiasse não o era. Assim, ao menos intencionalmente despida de teorias, eis-me sem lenço e sem documento, ao léu com minha espinha.

E, espinalmente, gostei em particular dos textos de Mohana (“O Par de Botas” e “O Caso do Elevador”) e de Jesus Iogue (“A Invasão do Reino Encantado de Mimesópolis”). Um dos privilégios da teoria do arrepio consiste em não ter de explicar-se. Mas, noblesse oblige, acho que minha espinha acredita que:

1. Literatura tem de dar prazer; tem de mover, comover o leitor; tem de fazer a gente dar risada, solidarizar-se, indignar-se, rilhar os dentes e coisas semelhantes.

2. Ser criança não é ser imbecil. A ingenuidade infantil é decorrente da ausência de preconceitos. Ser criança é viver no mundo do possível. Se, como adultos, pretendemos interagir com a criança, que seja para ampliar este possível. Para o resto, há os chamados canais competentes: família e escola, na maioria das vezes, em alguns anos encarregam-se de eliminar o possível, transformando-o em provável, imobilizando-o em certo/errado, sim/não.

3. Textos didáticos não se transformam em literatura por passe de mágica. Quer ensinemos regras de trânsito, princípios filosóficos (?) do Seicho-No-Ie, ou alertem contra a poluição, tais textos não me arrepiam, muito embora possam ser oportunos e até necessários em outros contextos que não o literário.

4. Não precisamos dizer nem insinuar à criança que a infância é ótima, perfeita e maravilhosa. Ou ela (a criança) curte sua vida, ou não curte. Depois de Casimiro de Abreu, inclino-me a pensar que nós é que curtimos a dela porque não curtimos a nossa.

5. Igualmente desnecessário me parece tomar o partido da criança contra o adulto. Como no caso anterior, ou a criança já acha o adulto chato, ou não acha. Tornar-se cúmplice da criança é um ato espontâneo e sem premeditação. Atitude de entrelinhas que, quando alardeada, pode parecer recurso baixo para angariar simpatias.

E, porque minha espinha acha tudo isso, selecionei os contos já citados. “O Caso do Elevador” e “O Par de Botas” (este, com algumas ressalvas) não cometem, segundo minha espinha, nenhum pecado de lesa-literatura e lesa-infância. São, ao contrário, excelentes amostras de literatura infantil. “O Caso do Elevador” é uma estória bonita e bem contada. Que dá von-

tade de ficar olhando as nuvens e descobrindo locomotivas. Que me fez ficar com raiva da Bilda e solidária com as crianças que têm pai, irmãzinha e empregada. Mas, acima de tudo, que me deu vontade de sair por aí pintando elevadores com nuvens cor-de-rosa.

“A Invasão do Reino Encantado de Mimesópolis” é outro texto bom. Muito bem conduzido, me deixou em suspense: como é que os bichinhos poderiam vencer as bruxas? Eu torcia por eles, chorava com eles, tão espontâneas se tornam, pelo texto, suas alegrias e tristezas, apesar da presença fantástica de gnomos, reis, rainhas, gigantes e varinhas mágicas. Em suma, uma estória com os ingredientes clássicos, mas arranjados com tanto jeito que o estilo poético não fere as suscetibilidades científicas de nosso tempo.

Estes são os textos que, segundo minha espinha, prestam-se para o imediato consumo de nossos anjinhos. Afora eles, outra meia dúzia de textos fez meus sólidos princípios literários balançarem:

— a sátira e a paródia estão ao alcance das crianças? Se sim, fico também com o “Senhor Muitagrana” e com a versão ecológica do “Chapeuzinho Vermelho”.

— a presença de palavras estrangeiras (indígenas) em um texto e a conseqüente solução do glossário final não impedem um desejável envolvimento do leitor? Mas, ao mesmo tempo, o texto de “O Índio que Foi pra Lua” é bom. Tão bom que quase prescinde da compreensão dos vocábulos isolados e absolve o texto da fobia humanista pelas viagens espaciais.

— o pasmo adulto perante o desvendamento do mundo infantil é matéria para crianças? Os contos “Pensamento no Escuro” e “Os Nomes dos Dedos”, de Ricardo, são excelentes. Minhas restrições (melhor dizendo, interrogações) a eles residem exatamente em seu tom nostálgico, meio de crônica, talvez distante das crianças que, assim, entram como material de construção e não como possíveis leitores.

Mas, claro está que um jurado não é um filósofo. Entre o sim e o não dos problemas acima, fico com o talvez e sugiro uma 2ª menção honrosa mais tranqüila: o “Zé Ventania”, que é bonito e incorpora uma dimensão extremamente poética do universo.

### 4 — Regina Mariano

Apresentar alternativas válidas para os valores caídos das histórias infantis deve ser a preocupação principal de quem se propõe a escrever para a criança hoje. Para quem ouviu o galo cantar mas não sabe onde, a atitude mais comum tem sido a de querer negar um valor pela simples afirmação do pólo oposto: vira-se a velha moral pelo avesso e, na verdade, não se sai do lugar. Por exemplo: as bruxas ficam boas e as fadas más.

Por não ter caído neste equívoco e por apresentar uma versão nova para a conhecidíssima história de Chapeuzinho Vermelho, é que indico para vencedor “A Verdadeira Estória do Lobo e da Chapeuzinho”. Apesar da idéia não ser original, o autor conseguiu criar uma outra versão para os episódios conhecidos, mostrando assim que as aparências podem enganar. . . Acho que para a criança vai ser salutar tomar conhecimento da “versão do lobo”. Afinal ela é tão convincente quanto a outra, e mais verossímil. E a verdade é que não se costuma questionar com a criança, as histórias infantis, que, como sabemos, são carregadas de preconceitos e estereótipos. Por falar em estereótipo, outro ponto positivo da história de Soma é que foi uma menina, num grupo de crianças, quem tomou a iniciativa e teve a coragem de dar água ao lobo e ouvir o que ele tinha para contar! Muito boa também a preocupação do autor com o referencial da história. O contexto onde se passagem os fatos é brasileiro. Só não gostei e mesmo

não entendi a última página — O Grande Sonho do Lobo — que, aliás, recomendo ao autor eliminar o quanto antes, sob o risco de comprometer toda a história. A única justificativa que me ocorreu foi que era uma concessão para agradar aos moralistas. Realmente não se justifica essa página.

Para 1ª menção honrosa, sugiro “Lata de Lixo”, de Aquarius. É muito importante a tentativa de mostrar à criança um outro lado, no caso da nossa realidade. E para 2ª menção honrosa, “Zé Ventania”, de Amarelinha. Para outras possíveis menções sugiro também “Pensamento no Escuro” e “Os Nomes dos Dedos”, de Ricardo, e “Com Quantos Horizontes se Faz um João”, de Alair.

#### 5 — Wladyr Nader

Dos 34 livros apresentados ao I Concurso Escrita de Literatura — Estória Infantil, na verdade são poucos os moral ou psicologicamente antipáticos. E isso é muito bom, porque se nota que os autores, conscientemente ou não, estão procurando acertar pelo menos em tal área.

Se nesse aspecto as intenções são boas, noutro, porém, o literário, o resultado deixa a desejar. Sim, porque a grande maioria se satisfaz com estórias razoavelmente movimentadas e faz pouco para livrá-las do tom eminentemente linear. Há uma diferença entre a estória narrada por qualquer pessoa — não pessoa qualquer — e aquela que é literária, no sentido de que obedece a uns certos cânones, que precisa ser ressaltada a cada momento. Eu arriscaria dizer que, no geral, os que fazem literatura infantil no Brasil ainda estão bem abaixo do nível já alcançado por nossos romancistas e contistas médios.

De qualquer maneira, quatro candidatos me chamaram a atenção, apesar de nenhum deles ter alcançado a qualidade ótima que todos desejamos.

Assim, a vencedora é Amarelinha, com o seu “Zé Ventania”, estória de um menino nascido em noite de temporal, que perde o boné e sai atrás dele pelo espaço. A autora tem domínio de linguagem e se solta bem no curso do texto.

A 1ª menção honrosa é de Olga, autora de “Dona Onça da Floresta”, também escrito por alguém que conhece o que é literatura. É claro que uma onça que sempre se sai mal, à maneira de um Tom (Tom & Jerry), é um prato saboroso para as crianças, principalmente se, como acontece no livro, vive querendo aplicar peças nos outros animais. A autora tem a frase curta e nervosa, devendo por isso manter a atenção dos pequenos leitores ao longo de todo o texto.

Soma é o candidato ou candidata para a 2ª menção honrosa. Escreveu “A Verdadeira Estória do Lobo e do Chapeuzinho” tirando a culpa do bicho. Os culpados são o Caçador e o Lenhador, interessados na destruição dos animais e da floresta. Essa desmistificação de personagens tradicionais de estórias infantis vem sendo feita exaustivamente no teatro paulista, mas o autor ou a autora consegue levar tudo a bom termo, sem brigar o tempo todo com o texto, fenômeno comum à grande maioria dos originais.

Se houvesse uma 3ª menção honrosa, ela seria de Carlitos, de “As Memórias de um Despertador”, que tem uns achados e consegue safar-se razoavelmente bem com esse ingrato personagem de tantas estórias para crianças. Soma e Carlitos estão, portanto, em nível inferior aos dois primeiros, mas podem ser tranquilamente aproveitados em livros, principalmente face ao que vem sendo editado no Brasil, no gênero.

### IDENTIFICAÇÃO DOS CANDIDATOS MENCIONADOS

nome	pseudônimo
Alice Landau (Rio de Janeiro, RJ)	Carlitos
Anco Márcio de Miranda Tavares (João Pessoa, PB)	Jesus Iogue
Denise Mello Monteiro de Lima (São Paulo, SP)	Mohana
João de Deus São Thiago Gonçalves (Rio de Janeiro, RJ)	Rick-Rick
Lucia Miners (Rio de Janeiro, RJ)	Alair
Marco Antônio Carvalho (São Paulo, SP)	Soma
Maria Beatriz Tarabal Correa (Francisco Beltrão, PR)	Cristiana J. L.
Maria de Lourdes Ramos Krieger (Florianópolis, SC)	Olga
Maria de Lourdes Ramos Krieger (Florianópolis, SC)	Toinha
Maria Dinorah Luz do Prado (Porto Alegre, RS)	Selma
Maria Lúcia Amaral (Rio de Janeiro, RJ)	Amarelinha
Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Goes (Cotia, SP)	Tangu-Tangu
Maria Vera Siqueira (São José dos Campos, SP)	Aquarius
Ulisses Tavares (São Paulo, SP)	João da Silva
Virginia Mércia dos Santos Breda (Sorocaba, SP)	Di Mevissa
Vivina de Assis Viana (São Paulo, SP)	Ricardo

#### LIVROS DE SAMUEL RAWET

DISTRIBUÍDOS PELA

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.:

Alienação e Realidade Cr\$ 20,00  
 Consciência e Valor Cr\$ 10,00  
 Contos do Imigrante Cr\$ 25,00  
 Homossexualismo — Sexualidade e Valor Cr\$ 10,00  
 Os Sete Sonhos Cr\$ 10,00  
 O Terreno de uma Polegada Quadrada Cr\$ 25,00  
 Viagem de Ahasverus... Cr\$ 20,00

#### O URSO DE WILLIAM FAULKNER PRIMEIRO LANÇAMENTO DA VERTENTE EM 1977

BERRA, CORAÇÃO  
 novela de  
 Lourenço Diaféria,  
 também por reembolso.  
 Edições Símbolo  
 Rua Gal. Flores, 518 — SP



— Este mês, em Curitiba, João Bosquo e Luiz Edson Fachin lançam seus poemas em livro, com o título de *Abaixo-Assinado*. Trata-se de uma coletânea de 40 poemas, ao preço de Cr\$ 20,00. O livro pode ser conseguido pelo reembolso postal (a/c Luiz Edson Fachin, rua Benjamin Constant, 242, apto. 56, 80.000 - Curitiba - PR).

— Até o dia 31 de maio os interessados em participar do III Prêmio Guimarães Rosa, destinado a obras de ficção, devem remeter seus originais à Coordenadoria de Cultura, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Rua Tomé de Souza, 1.399. E seguir as seguintes exigências: datilografar em três vias, em espaço 2, papel tipo ofício e assinados sob pseudônimo. Um envelope anexo conterá o pseudônimo, nome completo, número do documento de identidade, currículo, endereço, local e data de nascimento do autor. O prêmio é de Cr\$ 50 mil.

— A Editora Cooperativa de Escritores está lançando mais um concurso para uma nova coletânea. Desta vez será de contos. Podem participar contistas de todo o país, desde que os trabalhos sejam inéditos em livro. Cada autor deve inscrever no mínimo dois contos, em três vias datilografadas e assinadas por pseudônimo, e enviar, anexo, um envelope contendo nome, endereço, pequena biografia ou currículo e, se possível, considerações sobre a atividade literária, funções da literatura, etc. Os contos devem ser enviados até 30 de maio para a rua Tavares de Macedo, 132, casa I, Icarai, 24.000 - Niterói. Todos os autores publicados - associados ou não à Cooperativa - receberão os direitos autorais na forma de livros: a entidade não tem fins lucrativos, sendo que o mesmo é reaplicado em novos projetos editoriais.

— Renasceu em dezembro de 76, no Rio Grande do Sul, a revista *Cultura Contemporânea*, depois de ter encerrado sua fase inicial em 1971. Em sua primeira fase, a revista firmou-se como veículo divulgador de nosso momento cultural, realizando várias promoções como noite de autógrafos com nomes nacionais como Rubem Braga, Clarice Lispector, Fernando Sabino e João Cabral de Melo Neto; edição de obras literárias e mostras em outras cidades dos trabalhos de artistas plásticos gaúchos. Seu ressurgimento - a partir do 5º número - assinala o reinício dessas atividades.

— Lygia Averback, até há pouco diretora do Instituto Estadual do Livro, foi convidada pela Editora Globo para traduzir uma das mais recentes obras de Jorge Luis Borges. Trata-se de "Cuentos de Arena", que faz parte do programa editorial da Globo para 1977, ao lado dos dois romances vencedores do prêmio Érico Veríssimo de 1976, de Josué Guimarães e Moacyr Scliar. (Antônio Holfeldt)

— Josué Guimarães, radicado em Portugal desde setembro de 1974, regressou definitivamente ao Brasil em novembro. Ele tem prometido para a José Olympio, incluído que está no plano editorial de 1977, a entrega imediata dos originais do 3º volume da trilogia "A Ferro e Fogo", focalizando o estabelecimento dos alemães no Rio Grande do Sul. Além disso, Josué trabalha em uma outra novela, e deverá dedicar-se inteiramente à literatura, quando fixar residência no interior do estado, por imposições políticas. Deverá, igualmente, assinar dois textos semanais para a quarta página do jornal paulista *Folha de S. Paulo*. (AH)

— Este ano a Universidade Federal do

Rio Grande do Sul poderá adotar, experimentalmente, uma cadeira de criatividade literária, segundo modelo de atividades do "Laboratório de Criatividade Literária" que foi desenvolvido por aquela universidade, em convênio com o Instituto Estadual do Livro, em 1974, com grande sucesso. (AH)

— A atuação da vanguarda mineira tornou-se intensa através de nomes como: Joaquim Branco e P. J. Ribeiro - ambos introdutores do poema-processo em Minas Gerais. O primeiro veio a surpreender através de seu livro "Consumito" - (1975) - de onde parte desde o verso de onde veio a busca para o experimentalismo à atual fase do poema-processo. Em dezembro de 1976 P. J. Ribeiro viria lançar por conta própria e numa pequena tiragem de 500 exemplares "Abstrações de um Tigre", capa de Fernando A Brita (em que descreve cineticamente o próprio título), lay-outs de Rita Gomes e arte final de Fernando Condé. Pedidos para P. J. Ribeiro, Av. Melo Viana, 305, 36770 - Cataguases - MG. (J. Medeiros)

— "Para Perfumar e Colorir o Reino" - peça de Racine Santos (a qual concorreu ao prêmio Câmara Cascudo de prosa) rejeitada no concurso por ser considerada pornográfica, mas será exibida em algumas capitais do Nordeste. (JM)

— Sob força maior de Sanderson Negreiros e do contista Tarcísio Gurgel está se editando "Contexto" - (Suplemento Cultural do jornal "A República" - Natal - RN), em um de seus números exce-

está editando "Povis" - envie 200 cópias para rua Artur Bernardes, 761 - Alecrim - Natal - RN. (Jarbas Martins)

— Afrânio Pires Lemos foi o vencedor do Prêmio Othoniel de Menezes - 1976 com o livro "Janaina" - (poemas) - Fundação José Augusto - Natal - RN. E o vencedor do Prêmio Câmara Cascudo (prosa) foi o jornalista Delmir Azevedo com o trabalho "Ensaio de Paz e Esperança", baseado na obra do filósofo francês Gabriel Marcel. (Jarbas Martins)

## IMPrensa NANICA

por

Roniwalter Jatobá de Almeida

— Editado por Miguel Jorge, o suplemento cultural do *O Popular*, de Goiânia, GO, publica dominicalmente ensaios, contos e poesias. Incentiva assim a movimentação cultural no Estado de Goiás, divulga autores clássicos e, principalmente, novos contistas e poetas goianos.

— O livro-reportagem nº 2, *Extra-Realidade Brasileira*, editado pela editora Símbolo em São Paulo, traz neste número a autobiografia de um menor abandonado e procurado pela polícia, com textos de grandes nomes da nossa imprensa, entre outros, Lourenço Diaféria, Narciso Kalili e Hamilton Almeida Filho. Enquanto isso, os editores anunciam o novo livro da série "Reportagem Brasileira": *Igreja x Estado*.

— Comunicação, órgão das Faculdades Integradas Alcântara Machado, em São Paulo, é um tablóide feito pelos alunos do curso de jornalismo e editado por Georges Bourdoukan e Orjan Olsen. No nº 6, entre muitas outras matérias, publica resenhas literárias e um documento sobre cangaço.

— Publicação modesta, com semelhança gráfica com as edições de cordel, *Recity Recife-Um*, editado pela Casa da Cultura do Recife, PE, traz poesia de boa qualidade de Vital Correa de Araújo, Marconi Notaro, Lea Tereza Lopes, Arnaldo Tobias e Juharez Correia.

— Informe Publicitário, editado pela Educar-Editora Educacional e Cultural, veicula no nº 3, destacando-se, entre várias matérias de educação e cultura, o problema da jubilação nas universidades brasileiras. Faz ainda uma pesquisa sobre literatura de cordel. Assinatura anual: Cr\$ 140,00. Endereço: rua Santo Afonso, 44 - sala 201, CEP 20000 - Rio de Janeiro, RJ.

— O nº 13 de *Ficção* (janeiro) publica contos de Graciliano Ramos, Millôr, Márcia de Almeida, Hemingway, entre outros; resenhas de Valdomiro Santana e Gilson Rebelo; e um capítulo de romance inédito de Juarez Barroso, falecido em agosto do ano passado.

— *Ars Media*, jornal da Fundação Palácio das Artes, editado por Márcio Almeida, divulga cultura em geral. Publicação semanal de Belo Horizonte, MG, neste nº 197 traz depoimento de Michelangelo Antonioni.

— *Chapada do Corisco*, de Teresina, PI, editado mensalmente, no nº 3 publica depoimento de Ignácio de Loyola, entrevistas com Caio Porfírio Carneiro e Assis Brasil, cartuns e uma lenda regional quadrinizada. É mantido o mesmo nível editorial dos números anteriores, merecendo destaque a preocupação dos seus editores em ativarem também esse presente e efervescente movimento cultural, não o deixando restrito somente a alguns estados da federação.

## INFORMAÇÃO

lente matéria do poeta-processo e crítico Anchieta Fernandes sobre os "10 anos do lançamento do Movimento Concretista norte-riograndense". (JM)

— Na França foi lançada a revista "Doc(k)s", com mais de 400 páginas e dirigida pelo poeta Julien Blaine. Este número dedica-se à arte e expressões da vanguarda e poética latino-americana. Do Brasil foram publicados trabalhos de: Wladimir Dias-Pino, Augusto e Haroldo de Campos, Alvaro de Sá, Neide Sá, Unhandeijara Lisboa, Paulo Bruscky, Samaral, Décio Pignatari, O. Dillon, Falves Silva, Dailor Varela, Neñ Cirne, A. L. M. Andrade, Moacyr Cirne, etc., além de registros sobre os principais movimentos de vanguarda do Brasil. O endereço para contato é-Julien Blaine/ R. Traverse de la Fausse Monnaie 13.007 - Marseille - France. (JM)

— CAMBIU são os Centros de Arte Marginal Brasileira de Informação e União. Marconi Notaro convida experimentalistas para a edição do jornal dos Cambiu - "A Gaveta" (quem estiver engavetado a hora é essa). Envie trabalhos para Marconi Notaro - Cambiu - PE), rua Gervásio Pires 215/302, Boa Vista - Recife - PE. Simultaneamente uma outra edição está sendo feita pelo poeta Paulo Bruscky. Chama-se "Punho" e exige a participação direta do autor que deve enviar 300 cópias tamanho ofício de um ou mais poemas para P. Bruscky - C.P. 850 - Recife - PE. Em Natal o Cambiu - RN, através dos poetas J. Medeiros, Anchieta Fernandes e Falves Silva,

## A briga continua

Na Escrita 14, o escritor e poeta paraense Paulo Leminski publicou um artigo que venho a criticar. Parece que vamos continuar na Escrita uma polêmica realizada na imprensa local.

A coisa toda se dá em torno do novo, da morte da literatura, da transação entre os códigos, essas teses que entusiasmas os que não têm nada a dizer e aqueles que ainda não aprenderam a escrever.

O que é o novo?

Para a maioria das vanguardas, o novo é a novidade. O diferente. O que chama a atenção, dentro de uma sociedade altamente competitiva. A arte-tipo-novo-Omo.

Desse modo, as auto-intituladas vanguardas auto-colocam-se na retaguarda de nosso processo cultural.

Leminski detesta qualquer poesia que apresente conteúdo, qualquer arte que se atenha à realidade, à vida. Seu critério de invenção está ao nível da liberdade total. Quer dizer: se a arte olhar ao redor, estará se prendendo às amarras estreitas da realidade. Assim ela perde sua liberdade. A imaginação é mais rica e mais forte que a realidade.

Ora, isso é ridículo e primário. E faz parte da estética mais reacionária que já apareceu nos últimos tempos.

Na verdade, a literatura não existe em eternidade abstrata. Ela é aquilo que fazem dela os escritores, pessoas sujeitas a interesses e desinteresses determinados. Não se trata de uma briga sobre o que é literatura. Trata-se de uma briga sobre o que queremos que ela seja, aonde queremos conduzi-la.

É, antes de mais nada, uma briga de interesses e preocupações.

Quem quiser continuar sonhando com as estrelas continue.

Mas essa literatura, sob outras formas mais acadêmicas, já foi morta há muito tempo, sepultada por uma literatura mais em acordo com uma sociedade de grandes contingentes humanos.

Leminski é admirador incondicional do concretismo. O ortodoxo.

Mas chamo a atenção para um poema

## CARTAS

de Augusto de Campos que diz, sintomaticamente, que não temos mais nada a dizer: "Tudo está dito", de 1975. Essa é a própria declaração de incapacidade, de esgotamento de um escritor. Confessa a estreiteza de seu mundo e de sua vivência. Aí a melhor ilustração dessa tendência: já que todas as áreas de conteúdos foram exploradas, podemos agora nos dirigir ao formalismo puro, última área que resta para o exercício da imaginação.

A mistura dos códigos, independente do que se tem a dizer. O experimentalismo isolado do que se vai falar.

Usam Maiakovski indevidamente. É fácil, já que os mortos não falam.

Brecht foi o melhor exemplo de como se constrói o novo, quando se tem algo importante a dizer.

Tenho realizado e observado experiências de misturas de códigos.

Quais as conclusões?

Um texto que necessite de um desenho é um texto capenga.

Um desenho que necessita de um texto não é novidade alguma e, em alguns casos, é porque é um desenho fraco.

É assim por diante.

Algumas misturas realmente ficam

boas e funcionam. Mas querer erigi-las em principal forma de arte é diferente. Geralmente elas perdem em funcionalidade.

Agora, chegam alguns vanguardistas querendo misturar tudo que a humanidade levou milênios para separar. Dá pra prever os resultados de um experimentalismo que desconhece ou não leva em conta o desenvolvimento histórico das artes.

Acabam tirando à literatura sua capacidade de transmissão de pensamentos e sentimentos humanos — esvaziam-na de densidade — para transformá-la num jogo de vaidades intelectuais entre elites.

Mas é essa a literatura de vida curta: a que se fecha em gabinetes, a que se isola da vida. Morre a literatura apenas quando fracassa o pensamento crítico do homem. Sua inquietude existencial. O amor. O ódio. A busca de soluções.

Mas eu não acredito em utopias abstratas de gabinetes.

Prefiro acreditar na capacidade de resistência humana.

Assim se conforma uma estética segundo a ideologia de cada um.

A censura parece ter sido a melhor defensora de uma poesia sem conteúdos, de uma arte desligada da vida, de uma literatura que nada mais tem a dizer.

A censura é a melhor aliada dessa estética do não-dizer.

Essa é a verdadeira divisão de águas.

Determinada estética ganha corpo, hoje, porque as outras, as que têm algo a falar, foram banidas do quadro cultural.

A cultura letrada morre, sim. Morre aquela embolorada em gabinetes, da mesma maneira que morrerá qualquer outro tipo de invenção nova, mas que permaneça dentro das mesmas posturas velhas: preocupada apenas com as elites e seus casulos, suas questões de casta.

Assim se revela como a velhice deplorável se reveste de novas formas e diz ser a invenção mais moderna do espírito humano, quando não passa do velho espírito parnasiano tentando sobreviver numa sociedade capitalista industrial, precocemente envelhecida. (Reinoldo Atem — Curitiba, PR.)

## REGISTRO

Os que estão em negrito tiveram trabalhos aprovados e poderão ser publicados em próximos números da revista, dependendo do espaço.

7 — Os trabalhos recebidos até o dia 15 serão registrados e analisados este mês para eventual publicação dentro de 45 dias. Os demais entram normalmente na lista do mês seguinte.

8 — Autores selecionados só terão nova oportunidade a partir de seis meses da publicação dos seus trabalhos.

9 — O não-cumprimento das normas acima implica automaticamente em eliminação.

10 — Cada um dos autores dos contos publicados receberá Cr\$ 300,00 ou o equivalente a isso em revistas (números atrasados ou assinatura) e em livros da Vertente, cujo catálogo é sempre publicado nas nossas páginas. Cada um dos autores dos poemas publicados receberá Cr\$ 200,00 ou o equivalente em revistas e livros da Vertente.

## CONTOS E POEMAS RECEBIDOS DE:

Abraxas Cavalcanti, Alfredo Farias,

Amador Ribeiro Neto, Amando Campos, Anco Márcio, Ângelo Dávila, Antonius Antoniu, Assis Ângelo, Bia Bracher, Carlos Eduardo Vaz, Carlos Straccia, Cavalcantovitch, César Cecava, Cláudio Luis da Cunha Gastal, Édison da Silva Jardim Filho, Eduardo Silveira Melo Rodrigues, Enigm, Eugênio Bressane, Francisco Igreja, Francisco J. Nascimento, Franklin Jorge, Gustavo Gutierrez, Homo Faber, Jane Vilas Boas, João Fernando M. Santos, Joel de Farias Neto, Jorge Rein, José Márcio Carter, José Roberto Marquezi, Laélia Maria, Lourival Campopiano, Lu Rosatelli, Lúcia da Silva Gomes, Lúcia Regina de Sá, Luiz Edson Fachin, Luiz Puntel, Many Tabacnick, Maria Ambrozina de Britto, Maria Helena Barata, Milton Marques Júnior, Murislaw Mrozinsky, Nair Lúcia de Britto, Nazaré de Almeida, Nogoro Norchese, Otaviano A. Gaiarsa, Paulo César Costa, Renato Chagas, Ricardo Rodrigues, Roberto Bozzetti, Roberto Freury Curado, Roberto Olszewski, Ruben S. Brosso, Sérgio Amaral Silva, Sílvia Lúcia Marchezini, Vanda Batista Marques, Vonkorsch e Wir Caetano Francisco.

## CONCURSO MENSAL

1 — Nesta seção registramos mensalmente todo o material chegado à nossa redação, através dos nomes ou pseudônimos dos seus autores.

2 — Os contos e poemas devem vir acompanhados de nomes completo, nº do CPF, nº da carteira de identidade, com indicação do órgão que a emitiu e da localidade, endereço e cerca de 10 linhas com dados pessoais ou um depoimento do candidato.

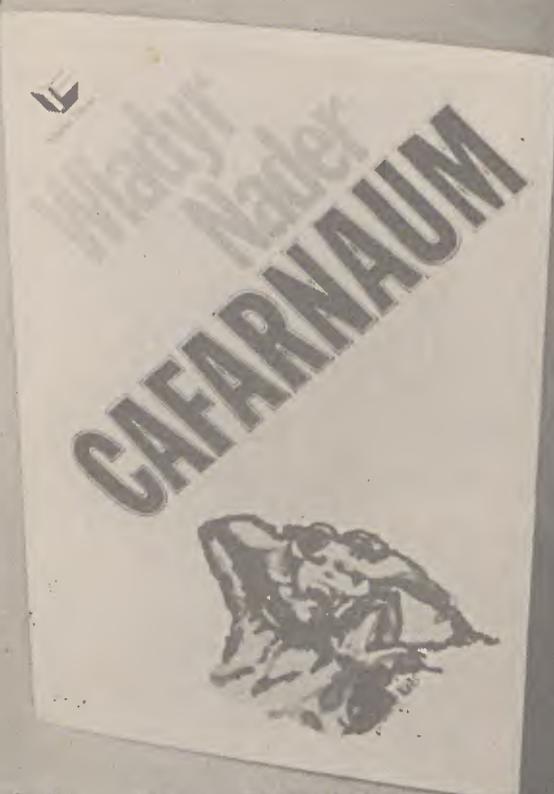
3 — Enviem apenas um conto e / ou três poemas por vez. Limite de tamanho para conto e poema: 400 linhas de 70 toques cada.

4 — Os trabalhos, em duas vias, devem ser datilografados em espaço duplo e numa só face do papel.

5 — Os contos-notícias (isto é, contos tendo como ponto de partida notícias de jornais ou revistas) e as estorinhas (destinadas ao público infanto-juvenil), da mesma maneira, são regulados pelas normas acima.

6 — Os trabalhos dos autores incluídos neste registro já foram lidos e analisados.

**FEITAS AS CONTAS,  
PAGAS AS DÍVIDAS,  
LEIA CAFARNAUM.**



Nas Livrarias ou por Reembolso Postal. Pedidos à Vertente Editora Ltda. R. Monte Alegre, 1434 - 05014 - São Paulo (011)

**ESCRITA/ENSAIO**

**AGUARDEM**

